

ALTEROSA

MARÇO • 1960

Primeira Quinzena

Cr\$ 15,00

1º março 1960



- JUIZ DE FORA : SALA DE VISITAS DE MINAS
- BENDIGO, O CAMPEÃO
- CASADA, CANSADA E FELIZ



PARA AS PERNAS PARA PERNAS ÁSPERAS, IRRITADAS PELO FRIO INTENSO OU QUEIMADAS PELO SOL, MASSAGENS COM ANTISARDINA N. 3 RESISTIRÃO O PRIMITIVO FRESCOR DA PELE.



PARA O COLO E PESCOÇO: PARA EVITAR A FLACIDEZ DOS TECIDOS DO PESCOÇO E EMBELEZAR A PELE DO COLO, UTILIZE ANTISARDINA N. 2 DURANTE O DIA PROTEJA-SE COM ANTISARDINA N. 1.



PARA OS OMBROS: NA CORREÇÃO DAS IMPERFEIÇÕES DA PELE DOS OMBROS, FAÇA LEVE MASSAGEM COM ANTISARDINA N. 3, ATÉ SER O CREME TOTALMENTE ABSORVIDO.

**troque um minuto diário
por beleza e saúde!**

Apenas um minuto diário... e ANTISARDINA transforma seus encantos naturais em motivos de inveja e admiração!

ANTISARDINA é um creme de beleza cientificamente preparado com 3 fórmulas distintas. ANTISARDINA nutre as células, limpa e clareia a epiderme! É uma garantia de beleza e saúde da pele!



PARA AS MÃOS: ANTISARDINA N. 1, À NOITE OU AO SAIR, PROTEGE AS MÃOS EVITANDO QUE FIQUEM ÁSPERAS OU VERMELHAS. APLIQUE ANTISARDINA N. 3 PARA REMOVER MANCHAS E ASPEREZAS.

PARA O ROSTO: ANTISARDINA N. 1, EXCELENTE BASE PARA PÓ, PROTEGE A PELE SÃ CONTRA O APARECIMENTO DE IMPERFEIÇÕES PARA ELIMINAR SARDAS, MANCHAS, ESPINHAS, ETC, APLIQUE ANTISARDINA N. 2.



PARA OS BRAÇOS: AS VERMELHIDÕES E ASPEREZAS, TÃO COMUNS E QUE ENFEIAM TANTO A PELE DOS BRAÇOS, COM ANTISARDINA N. 3 DESAPARECEM FÁCILMENTE.

Antisardina

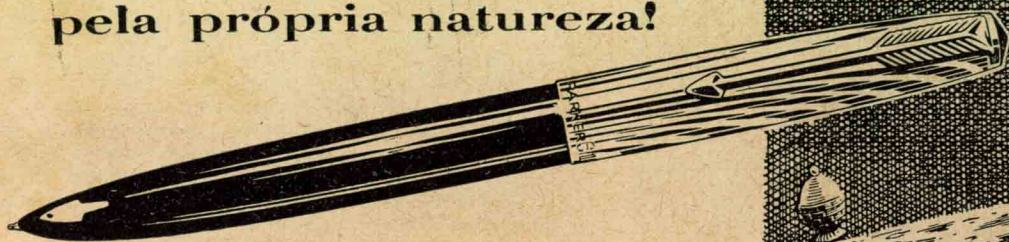
O SEGRÊDO
DA BELEZA
FEMININA



VOCÊ PODERÁ SENTIR UMA LEVE REACÇÃO INICIAL AS PRIMEIRAS APLICAÇÕES DE ANTISARDINA NAS FÓRMULAS 2 E 3. ESSA REACÇÃO, NATURAL E BENEFICA, DESAPARECERÁ COM O USO DIÁRIO DO MODERNO CREME REVITALIZADOR DAS CÉLULAS DA EPIDERMÊ.

ADCBH/C.16/X-50
1960-03

Um novo conceito
em escrita inspirado
pela própria natureza!



Parker 61

de ação capilar

Assim como a força natural da gravidade controla esta ampulheta secular, também forças naturais controlam a tinta, na Parker 61. A extraordinária 61 enche a si mesma com a quantidade exata de tinta, conservando-a em reservatório controlado a vácuo, do qual ela não pode escapar, para vaziar ou manchar. E só quando se está pronto para escrever, no momento em que a pena toca o papel, o fluxo de tinta recomeça, produzindo uma escrita nítida e uniforme. Resistente na qualidade, virtualmente à prova de choques e vazamentos, a Parker 61 oferece um novo padrão em desempenho... e uma segurança que se tornou possível pela própria ação capilar da natureza.

Superior às canetas-tinteiro comuns por 4 importantes razões!

Virtualmente à prova de choques - Depósito de tinta "cativo" que resiste aos choques

Virtualmente à prova de vazamento - Reservatório especial, que mantém a tinta sob controle

Simplicidade de ação - Nenhuma peça para manipular e desgastar



Enche a si mesma - Completamente, e sem sujar os dedos. A tinta é canalizada para o reservatório da Parker 61 por uma força natural digna de confiança... a ação capilar!



Caneta Parker 61 Caneta Parker "51" Caneta Parker Super "21"

PRODUTOS DA  "THE PARKER PEN COMPANY"

A marca de qualidade para oferecer confiante... e possuir com orgulho!



ALTEROSA

A revista da família brasileira

ANO XXII

Nº 325

Propriedade da

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Rua Rio de Janeiro, 926 — 3º pavimento
Fones 2-0652 e 2-4251 — Cx. Postal 279 —
End. Teleg.: "Alterosa" — Belo Hori-
zonte — Minas Gerais — Brasil.

* * *

DIREÇÃO: N. M. Castro e Miranda e
Castro, diretores.

REDAÇÃO: Jorge Azevedo, secretário;
Afrânio Cardoso; Cristiano Linhares, Er-
nesto Rosa Neto, Euclides Marques An-
drade, Garry C. Myers, Gibson Lessa,
Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Ma-
ria Lysia, Neusa Batista e Oscar Mendes.

REPORTAGEM: André F. de Carvalho,
Aristides Roriz, Dário Carrera Justo, Jo-
sé Indácio, José Nicolau da Silva, Mauro
Santayana, Moacir de Castro Oliveira, Na-
ly Burnier Coelho, Nivaldo Corrêa, Os-
valdo Profeta, Pepito Carrera, Ponce de
Leon, Roberto Drummond e Wilson Frade.

REVISÃO: Cléa Dalva M. Ramos, che-
fe; Eunice C. Pinto Coelho, assistente;
Célia Batista e Maria Dirce do Val.

ARTE: Paginação: Eduardo de Paula;
desenhos: Adão Pinho, Alvaro Apoca-
lypse, Eduardo de Paula, Euclides L.
Santos, J. C. Moura, Júbias Juarez An-
tunes e Jerônimo Ribeiro.

CORRESPONDENTES: Olga Obry, em
Paris; Orlani Cavalcanti, em Hollywood;
Gastão Fernandes dos Santos, em Roma;
e Sérvulo Tavares, em Madrid.

SERVIÇO INTERNACIONAL: Camera
Press, King Features Syndicate, Odhan
Press, Opera Mundi, Reuter, Transworld
e United Overseas Press.

**OFICINAS GRÁFICAS E FOTOGRAVU-
RA:** Wilson Manso Pereira, gerente ge-
ral; assistentes técnicos: Delvair H.
dos Santos, Gustavo Resende Moreno,
José Fiuza Filho, João Tibúrcio Pessoa,
Juarez Drosghic e Oldemar Almeida

PUBLICIDADE

BELO HORIZONTE: Oscar de Oliveira,
chefe; Geraldo Alves de Queiroz e Moa-
cir de Castro Oliveira, assistentes.

RIO: Ulisses de Castro Filho — Rua da
Matriz, 108 — conj. 503 — Fone 26-1881.
SÃO PAULO: Newton Feitoza — Rua
Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone 22-1432.

ASSINATURAS

2 anos (48 números) Cr\$ 600,00
1 ano (24 números) 320,00
1 semestre (12 números) 170,00

Esses preços valem para todo o conti-
nente americano, Portugal e Espanha.
Para outros países: US\$ 5,00, para 2
anos; US\$ 3,00, para 1 ano; US\$
2,00, para um semestre.

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil Cr\$ 15,00
Número atrasado 20,00
Portugal e colônias Esc. 5,00

* * *

A redação não devolve originais de foto-
grafias ou colaborações não solicitados.

* * *

Os conceitos emitidos em artigos assina-
dos não são de responsabilidade da di-
reção da Revista.

LEITOR AMIGO

ESTAMOS fazendo votos para que o car-
naval — que termina quando esta edi-
ção circula — lhe tenha proporcionado,
realmente, momentos de grande alegria. E
que essa alegria se prolongue através da rea-
lidade dêste outro carnaval que é a vida...

Para suavizar o calor, aconselhámo-lo a
acompanhar-nos numa aventura hibernal, co-
nhecendo a vida estranha dos esquimós sim-
bolizados num caçador heróico que luta pela
sobrevivência... É uma reportagem curiosa,
essa. Mas curiosa mesmo você vai achar a
consciência de certos amigos nossos da terra
do Tio Sam, pagando imposto espontânea-
mente. Que grande exemplo!

Bendigo, o Campeão é outro relato que
vai agradá-lo: é a existência dramática de
um homem à procura da glória a poder de
sócios. No fim da vida, velho e alcoólatra, co-
meçou a pregar a temperança... Só lendo
mesmo esse artigo violento!

Você já ouviu falar na sala de visitas
de Minas? Pois é: vamos mostrá-la a você
em toda a sua simpatia cidadina através do
estilo leve e agradável de Cosette de Alencar,
que nos fala de Juiz de Fora com tão me-
recido amor... que você vai querer visitar
essa cidade realmente digna de admiração.
Que tal esse gênero de reportagem? Você
gosta?

Casada, Cansada e Feliz revela o heroís-
mo feminino através da existência agitadíssi-
ma de uma dona de casa sofisticada, consti-
tuindo leitura obrigatória para as jovens ca-
saduras.

Há, também, o artigo **Nossos Amigos, os
Micróbios**, revelando que esses camaradas não
são tão nocivos como os imaginamos. Ima-
gine, agora, você, até chegar ao artigo, pois
já chegamos ao fim dêste bilhete, rápido com
que o saudamos toda quinzena.

Continue a mandar notícias e impressões.

CAPA

ALEXANDRA PANARO, simpáti-
ca "new-face" do cinema italiano,
numa foto de Luzardo para AL-
TEROSA.

CONTOS

Senhora Ribeiro 30
Mestre Augusto 42



ATÉ LOGO, IRMÃO

MARIA LYSIA

«**ÊLE VOLTOU, SABE?** Vai ficar uns dias conosco». Então todos se encontrariam, o riso antigo estaria presente, as piadas seriam contadas pela milésima vez. As notícias tôdas seriam dadas e constatadas, os meninos ficariam felizes, todo mundo. Mesmo os amigos mais de longe. «Então êle voltou? Agora não posso vê-lo, mas da próxima vez, sim. Diga-lhe que me telefone». Claro que isso seria vez ou outra, senão haveria acúmulo de telefonemas, abraços, conversas, visitas, nem se trabalharia mais. São muitos os mortos e os PBX não dariam conta. «Êle voltou, chegou à tarde, vai embora depois de amanhã». Então? Por que não poderia ser assim? A morte, essa pavorosa coisa, não assustaria tanto. «Sabe, meu pai? Aconteceu isto, aquilo... Como vai a mãe? Quando é que ela volta?» Então? Por que não? Talvez seja uma idéia louca, mas paradoxalmente razoável, sincera, boa. Dêsse jeito que a coisa é, porém, não é possível. Essa certeza de impossíveis presenças, de irremediável, não, não pode ser. Para suportar a coisa como ela é, necessário força sobre-humana, mas somos tão dolorosamente humanos, tão infinitamente pequenos! Podia ser diferente. A pessoa desapareceria, haveria o choro, mas um choro menor, uma dor menor, uma saudade menor, pois haveria certeza de volta, os mortos sabendo de tudo, vendo coisas, o menino crescendo, as flôres, a casa, a cidade, tudo se transformando. «Você viu aquêle pé de rosa? Quando você foi êle era assim. E os edifícios lá embaixo? Fulano agora mora lá». Nenhuma despedida, nada de adeus, que tudo isso é triste de doer, mas um simples «até logo». Por que não? Talvez seja a chuva — êsse tema eterno — dando idéias loucas e inconformadas. Mas, por que não? Uma simples ida e volta? «Até logo, gente. Até logo, irmãos. Cuidado com os meninos»... «Ora, não tenha susto. Até logo, irmão».

ARTIGOS E REPORTAGENS

<i>Bruxas, Fadas e Bichinhos</i> ..	12
<i>Um Caçador Esquimó</i>	18
<i>O Fundo de Consciência</i>	28
<i>Juiz de Fora</i>	34
<i>Nosso Amigos, os Micróbios</i> ..	38
<i>Casada, Cansada — e Feliz</i> ..	46
<i>Bendigo, o Campeão</i>	50
<i>O Mais Emocionante Esporte</i> ..	54
<i>A Morte Pagou a Prenda</i> ..	58
<i>Metamorfose da Blusa</i>	60
<i>Cyd Charisse</i>	86

CRONISTAS

<i>Maria Lysia</i>	3
<i>Elsie Lessa</i>	8
<i>Gilberto de Alencar</i>	96

SEÇÕES PERMANENTES

<i>Cartas</i>	4
<i>A Voz do Brasil</i>	6
<i>Picadeiro</i>	10
<i>Quitandinha</i>	26
<i>Palavras Cruzadas</i>	33

<i>Crianças</i>	40
<i>Humor</i>	41
<i>Fonte Viva</i>	53
<i>Bazar Feminino — a partir da</i>	66
<i>Livros e Letras</i>	78
<i>Aquarela</i>	80
<i>Teatrinho</i>	82
<i>Cinema</i>	84
<i>Fuga</i>	88
<i>Poesia</i>	89
<i>Panorama — a partir da</i>	90



Todo mundo transpira. A qualquer momento, você pode incomodar outras pessoas com o cheiro de sua transpiração — e sem o perceber! Por que correr o risco, quando você pode proteger-se eficientemente com Odo-ro-no? Use Odo-ro-no, que refresca suavemente — e faz cessar o cheiro da transpiração, o dia todo. Você jamais terá qualquer dúvida sobre si mesmo, quando usar Odo-ro-no!



FAÇA DE
ODO-RO-NO
O SEU MELHOR HÁBITO DIÁRIO

CARTAS

«Isto Também é São Paulo»

MOTIVA estas linhas a carta que, sob o título «Isto Também é São Paulo» o prezado patricio Sr. José Saturnina escreveu à ALTEROSA, que a publicou na sua edição de 15 de novembro último. Minha manifestação não tem, absolutamente, a intenção de discordar daquilo que ele escreveu. Não, haja vista ter o mesmo justas razões para apontar as falhas que nos afligem. Acontece, porém, que não é somente São Paulo que está, lamentavelmente, infestado de misérias, uma das quais apontada pelo missivista. Tendo viajado, pude observar, com tristeza, os mesmos aspectos noutros Estados da União. Creio que, para solucionar parte desses problemas, seriam neces-

sários anos de trabalho intenso pelos nossos governos, coadjuvados pelos nossos institutos de Previdência. Já que não existe **situação agrária** para ser reformada, como se propala, deveria ser criada, resultando, logicamente, no maior aproveitamento de nossas terras por métodos científicos de adubagem e tratamento das plantações. Serviria, também, para fixar os lavradores em suas terras, evitando o que há decênios ocorre no Brasil: o êxodo do **hinterland** para o litoral, na ilusória atração das cidades grandes, provocando o drama da alimentação em que vive, morrendo, o nosso povo.

FRANCISCO SOCORRO —
SÃO PAULO — SP

Por Um Mundo Melhor

OS artigos publicados na primeira edição do ano trouxeram-me renovadas idéias e esperanças por um mundo melhor. Achei muito oportuno **O Homem que logrou Hitler**, porque emociona profundamente, trazendo ao povo judeu o conforto de que necessita e merece. Numa hora em que os judeus são alvejados em sua dignidade, venho trazer-lhes, católica que sou, possuindo algumas amigas judias, a minha repulsa à nefasta campanha antissemita. Em **Universo Fantástico**, Gibson Lessa, com a sua inteli-

gência, nos arranca do rotineiro rastejante da imaginação, impedindo-nos a contemplar cada vez mais a obra infinita do Criador.

As dez mais elegantes de Minas é louvável promoção, digna do aplauso geral, porque selecionou figuras não apenas pela beleza e elegância, mas por seus dotes morais e culturais. Destaquei estes três trabalhos por expressarem eles os anseios da humanidade por um mundo melhor.

TERESA GURGEL FERNANDES —
RIO DE JANEIRO — DF

Contribuição Valiosa

SINCERAMENTE, gostei muitíssimo de ver, na seção **Livros e Letras**, a foto de Maria Lyzia. Gostei, também, de ler a

crônica **Leitor Amigo**, tendo tido a impressão de estar conversando com um amigo.

MARIA APARECIDA B. DE OLIVEIRA — BARBACENA — MG

• «Leitor Amigo» é, justamente, essa conversa amiga a que a prezada leitora alude. Constitui um convite para que o «leitor amigo» se comunique freqüentemente conosco, enviando-nos suas impressões e sugestões. E também suas críticas, que são sempre bem recebidas.

Gosta de Conversar Conosco

SINTO-ME orgulhoso por posuirmos, em nosso Estado, uma Imprensa que constitui exemplo para grande número de

publicações do País, que nos causam tantos males, principalmente aos nossos jovens. ALTEROSA eleva e instrui, motivo por que

suponho que nos falta uma **ALTEROSA Infantil**, destinada às nossas crianças, pois seria contribuição valiosa para a formação moral dos nossos filhos.

Valho-me da presente para consultar se poderei comunicar-me com a Sociedade Logosófica por intermédio de ALTEROSA ou diretamente, desejando saber, também, se já existe, aqui em Juiz de Fora, alguma filial, e quem a dirige.

GERALDO HENRIQUE DA SILVA —
JUÍZ DE FORA — MG

• Somos gratos à suas expressões de incentivo e generoso reconhecimento pelo nosso esforço para a manutenção de uma imprensa sadia, que seja, como o senhor mesmo diz, contribuição valiosa para a formação moral do povo. Quanto à consulta, sugerimos dirigir-se à Fundação Logosófica, à rua Piauí 762, nesta Capital. A nossa revista infantil — "Supimpa" — já tem o título registrado no DNPI. Oportunamente será lançada.

Impressão Honrosa

HA cerca de oito meses estive visitando essa belíssima cidade que até no nome tem beleza: Belo Horizonte. Senti a grandeza e a simplicidade de sua gente simpática. Regressando à minha terra, expressei a amigos o sentimento de admiração que me dominava e recebi de um deles magnífica sugestão: ter, através de ALTEROSA, um contato quinzenal com a boa gente de Minas e, particularmente, Belo Horizonte. Considero ALTEROSA revista que se deve colecionar, motivo por que solicito aos amigos não deixarem minha coleção incompleta.

ALEXANDRE SECH —
CURITIBA — PR

• O Sr. Alexandre Sech pertence à Publigrav Ltda. de Curitiba, motivo por que sua opinião se reveste, para nós, de especial significação. Consignamos nossos agradecimentos pela atenção com que nos distingue.

Cantigas

FAÇO inteira questão de continuar assinando a sua revista, que reputo a melhor no gênero em todo o Brasil. Queria saber se a seção **Cantigas** foi extinta, pois sou seu grande admirador como também de **Esparsos**.

OLAVO VIEIRA DA SILVA —
BELO HORIZONTE — MG

• "Cantigas", que se constituía de trovas, não foi extinta, mas incorporada à seção "Poesia", que é a antiga "Esparsos". Teremos menos trovas, mas de melhor qualidade



indo ao Rio...

HOTEL TROCADERO

- o mais novo e moderno
hotel de Copacabana

- ar refrigerado
- todos os apartamentos de frente

Av. Atlântica, 2064
Tel. 57-1834 - Posto 3
End. Teleg.: TROCADERO



rádio anhanguera

ZYW 21 e 22

LHE OFERECE DIARIAMENTE

nas frequências

1.370 (Média) — 5.035 (Tropical)

Amplo Noticiário — Programas Musicais — Palpitantes transmissões esportivas.

A EMISSORA MAIS OUVIDA NO BRASIL CENTRAL

GOIÂNIA — GOIÁS

FUGINDO DAS ABELHAS

Geralmente, quando em piqueniques ou passeios ao ar livre, temos necessidade de nos defender contra as picadas das abelhas e de outros insetos, e para isso, devemos tomar uma série de precauções. Segundo a opinião dos Drs. R. A. Morse e R. L. Ghent, ambos do Departamento de Entomologia da Universidade de Cornell, as roupas de tecido branco ou de tecidos claros exercem menor atração sobre as abelhas do que as roupas escuras.

Outras investigações demonstraram que as roupas de nylon são menos atrativas para os mosquitos do que a sarja azul. Também os óleos para cabelo e os perfumes devem ser evitados, já que o seu odor floral atua como um verdadeiro chamariz. Quando uma pessoa é atacada pelas picadas de um inseto, o melhor que ela faz é cobrir o seu rosto e andar para traz vagarosamente, já que eles atacam com maior preferência os corpos em movimento.

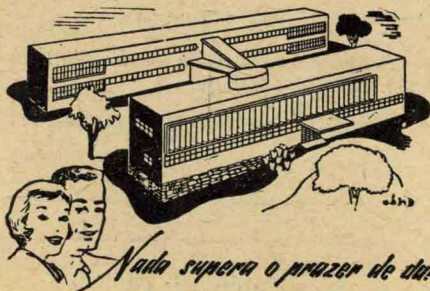
Compilação de Afrânio Cardoso

CORTINAS TAPETES

os menores preços
o maior sortimento

TAPEÇARIA
MODERNA

tupinambás 741
rio de janeiro 839



Nada supera o prazer de dar

A nossa capital será dotada agora de uma moderna organização hospitalar para a recuperação dos doentes mentais pobres, pelos processos mais modernos da ciência médica, aliados à aplicação da assistência espiritual recomendada pelos ensinamentos do Mestre. Iniciando essa obra de amor cristão, apelamos para os corações que sabem sentir o amor ao próximo, esperando que enviem os seus donativos ao

Hospital Espírita «André Luiz»

SECRETARIA: Rua Rio de Janeiro, 358 — Sala 34
Fone: 2-8360 — Caixa Postal 1718 — Belo Horizonte

DISTINÇÃO E ORIGINALIDADE

Ofereça o presente que fará o seu nome lembrado durante todo o ano. Ofereça uma assinatura de

ALTEROSA

O presente que chega 24 vezes

• O prefeito de Rio Paranaíba, Jacinto de Alcântara, descrente dos todo-poderosos deste vale de lágrimas, assinou um decreto confiando aquele município mineiro à proteção divina do Todo-Poderoso. Diz o decreto: «Fica o município de Rio Paranaíba, a partir da zero hora de hoje, 25 de dezembro de 1959, data natalícia de Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus Vivo, entregue às suas sábias e operosas mãos. Revogam-se as disposições em contrário».

DIÁRIO DO OESTE — DIVINÓPOLIS — MG

• De fato, numa época em que a meta próxima é a lua, tudo está faltando na terra. E paradoxalmente, nunca se falou tanto em conforto, cultura, luxo e prosperidade... Que é pois que anda errado? Que estará faltando: humanidade aos homens? Ou homens à humanidade?

O DIÁRIO — BELO HORIZONTE

• As nações, quando submetidas ao regime inflacionário, se tornam suscetíveis a várias formas de distorções sociais e econômicas. Além da luxúria e da concentração da riqueza nas mãos de poucos, a inflação como que provoca uma psicose coletiva de autodestruição. Ninguém presta, todos roubam e as acusações se cruzam num desrespeito geral às tradições de dignidade e de convivência social.

Dep. Passos Pôrto (UDN — Sergipe)

• Não queremos que a UDN faça a pior das oposições, aquela que alguns dos seus membros vêm fazendo depois que a maioria dos dirigentes de mais expressão e mais talento decidiu dormir sobre os louros das campanhas cívicas de 15 anos atrás. Trata-se da oposição que apenas nega e não afirma, que, no afã de dizer que o evidente não existe, recusa-se a pensar, a criar, a planejar. Quando se fala em fazer oposição, a primeira coisa que se diz, na UDN, é que se deve chamar o Sr. Carlos Lacerda. Será o Sr. Lacerda o único opositor que existe na UDN?

JORNAL DO BRASIL — DF

• Visitas para cá, visitas para lá. Brasileiros importantes que vão aos estrangeiros, estrangeiros importantes que vêm ao Brasil... Os que daqui vão, vão à custa do Tesouro. Os que vêm de fora são hospedados à custa dos cofres públicos. A quanto montarão todas essas despesas? Ninguém faz as contas, mas, se elas chegarem a ser feitas um dia, ver-se-á que a coisa vai muito alta. Vai muito alta sobretudo para um País que precisa reduzir o mais possível os seus gastos.

DIÁRIO MERCANTIL — JUIZ DE FORA — MG

• O tempo se encarregará de provar que a indústria de automóveis em Minas estará em condições de concorrer com vantagem com a de outros pontos do País. E' em Minas que se instalou a indústria siderúrgica e há aqui condições favoráveis à fabricação de veículos. Quem conhece as pe-

culiaridades do meio industrial mineiro não pode manter dúvidas a respeito. Daí a opção certíssima da SIMCA que, em futuro próximo, vai ter em mãos as peças e a matéria-prima indispensáveis, mais em conta do que as congêneres de São Paulo.

DIÁRIO DA TARDE — BELO HORIZONTE

• Não sei se Osvaldo Aranha tinha medo da morte. Mas pode-se dizer dele, que durante 65 anos, jamais teve medo da vida. Jogava sempre tudo numa cartada, e quando ganhava (o que sempre ocorria) deixava os lucros para os outros, e recomeçava tranqüilamente a caminhada. Tendo exercido duas vezes o poder mais alto da República (Ministério da Fazenda), morre pobre e endividado. Nesse ponto, se junta a Prudente de Moraes, Serzedelo Corrêa e Campos Sales (na República Velha) e talvez a nenhum outro na chamada República Nova.

H. Fernandes

DIÁRIO DE NOTÍCIAS — DF

• O «Financial Times», de Londres, condecorou o Brasil com o prêmio «Oscar», pela sua audaciosa política de recusar o auxílio do Fundo Monetário Internacional. O Brasil, desligando-se da tutela americana, virou-se para o mercado russo e já vem correndo ao nosso encontro o presidente Eisenhower, que, naturalmente, virá nos oferecer bagulhos, em troca de mercadoria de lei. Admiremos e tratemos como amigos os americanos, mas negócio é negócio e amigos devem ser colocados à parte.

DIÁRIO DA TARDE — JUIZ DE FORA — MG

• Queiram ou não queiram os opositores do Governo, pelo menos uma das «metas» da famosa promessa dos «cinquenta anos em cinco» JK está realizando plenamente: S. Ex., em quatro anos, conseguiu dar ao povo o aumento do custo de vida que outro Presidente só lhe daria em quarenta anos de governo!

Hélio C. Teixeira

A FOLHA — PINHAL — SP

• O surto da corrupção de costumes vai penetrando, sorrateira e inteligentemente, em toda a parte. A imprensa má e amoral vai difundindo idéias péssimas e agulando a vontade para a vida dos instintos... Certos programas de rádio e televisão são verdadeiro descalabro moral. Representam a entrada, franca e sem cerimônia, dentro do lar, da delatéria campanha, incentivando o despudor e robustecimento de uma vida sensual sem precedentes. E assim, com as desculpas quotidianas, o caos moral vai-se generalizando, a ponto de tornar a virtude considerada como coisa ridícula, incômoda e desnecessária. Para onde vamos?

Zé Canela-de-Ferro

GAZETA DE MINAS — OLIVEIRA — MG

• O Brasil, como a Rússia o fez, está procurando constituir o seu progresso com a redução de toda uma população à miséria, mantendo um dos níveis de vida mais baixos do mundo.

Deputado Tristão da Cunha (PR — MG)

DIÁRIO DE MINAS — MG

• Se considerarmos a significação do esforço realizado na implantação da indústria automobilística, em termos de mobilização de investimentos (nacionais e estrangeiros), de mão-de-obra, de matérias-primas e de técnica, pode-se afirmar tranqüilamente que jamais se realizou tanto em tão pouco tempo.

Sidney Latini

REVISTA PN — DF

**A fragrância
suave e
refrescante
de tôdas
as horas!**



LINTAS - E 12

EXCELSA
— COLÔNIA OU LOÇÃO

Em todos os momentos,
uma generosa aplicação de
Excelsa é sempre um
prazer que refresca... e
um requinte a mais
para o seu bom-gosto!

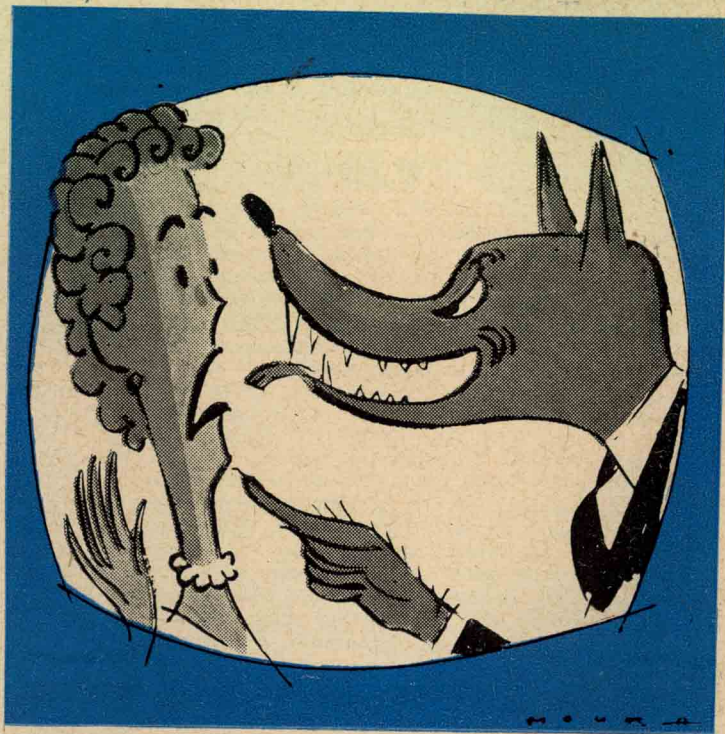


EM 3 TAMANHOS

Jôgo Bruto

ELSIE LESSA

Extraída de
«O Globo»



DEVE ser moda, pois elas vão e vêm. O fato é que anda dando muito af em roda um jornalismo à base de agressões pessoais, picuinhas, alfinetadas, questões mesquinhas, que não deviam merecer a consagração da letra de imprensa ou a atenção do público. Mas o fato é que conseguem ambas as coisas. Eu, de mim, não rio nem choro, como diria o velho Machado, admiro-me simplesmente com as turbas. O velho Machado, que, esse sim, é um modelo, um alto padrão do que deveria ser todo jornalismo digno desse nome — a linguagem pura e escoreita, o comentário irônico e ajustado, um sorrir sem rir das fraquezas humanas, um sereno conformismo com elas, o cronista, o comentarista do que lhe vai acontecendo em torno, na pequena cidade ou no vasto mundo, a registrar fatos e coisas, a pena molhada, senão naquele velho leite da bondade humana, ao menos, seguramente, na elegância de alma e de linguagem, que em geral andam juntas. Grande velho Machado, quem mais se lembra da sua "Semana", do seu "Memorial de Aires", já não falando nas "Memórias Póstumas" ou no "Dom Casmurro"? Era uma boa lembrança para os estudantes do curso de jornalismo ou para nós mesmos, jornalistas do batente diário, um mergulho, de vez em quando, naqueles cinco anos de crônicas semanais coligidas em volume por Mário de Alencar em homenagem ao mestre. Não, não faria mal a ninguém uma lida ou relida naquelas crônicas. Caminhamos quase sessenta anos de lá para cá e a maior parte delas não perdeu o gosto, o cheiro e o sabor de coisa vivida e sentida, expressa como ninguém mais o soube fazer.

Há-de ser por contraste que me lembrei do meu velho Machado que estava por acaso à minha mesa de cabeceira, enquanto espiava na televisão em frente um desses programas de perguntas e respostas à base de jôgo bruto, em que o interesse do caso se resume em fazer perguntas ferinas e embarçosas, de ordem pessoal, à vítima televisionada, a ver como reage, qual a presença de espírito, o senso de humor, a capacidade de recuperação, enfim, do agredido. Pois é, antes de tudo, um agredido aquele que se submete à tal sessão de "cath-as-catch-can".

E aqui entra um "mea culpa". Sou por natureza disaída, ausente e displicente à maior parte das coisas que acontecem em torno de mim. Tenho a minha linha de interesses, meus miúdos hábitos, meu jeito de viver, e o que foge a isso mal esfolta a minha sensibilidade. Há de ser um jeito comodista ou cansado de ir seguindo o meu

caminho, mas foi o que os tropeções e golpes me ensinaram.

As vezes me entrevistam pelo telefone, pedem respostas a "enquêtes", querem forçar-me a dar uma opinião. Confesso que me sinto constrangida entre a abstinência cômoda em que gostaria de me conservar e o medo de ferir, de não colaborar, de dificultar a tarefa de quem se lembrou do meu nome, para ajudar a fazer a sua. Foi o que me aconteceu com um dos tais programas "jôgo bruto". Pediram-me algumas perguntas, a serem feitas a um amigo que ia ser entrevistado. Patetei, sem saber o que perguntar. Aventurei uma ou duas perguntas insossas. Não era o que queriam. Era jôgo bruto mesmo, coisa de botar em xeque a paciência ou a calma do entrevistado. Esquivei-me. Voltaram à carga várias vezes. Para não dizer que não, consenti em mudar a forma das perguntas sugeridas pelo entrevistante e perfilá-las. Amansei-lhe a forma, dei o meu OK. Creio que tudo deu certo, porque não vi nem ouvi o programa.

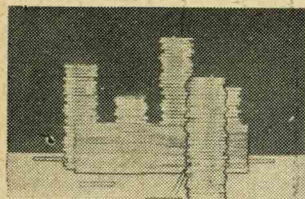
Na semana seguinte nova telefonada, pedido de novas perguntas para um outro amigo. Pospus, esquivei-me de novo, e no fim da terceira ou quarta telefonada, sugeri que se fizesse a mesma coisa. arranjasse lá as perguntas, eu daria a minha forma. Tudo pelo telefone, às pressas, eu frisando que não era do meu feitio, do meu credo, aquele gênero de "box" jornalístico, mas não queria deixar de cooperar com o rapaz entrevistante, em urgência, já no dia do programa.

À noite por acaso, fiquei em casa e vi a televisão. E quase tenho um enfarte do miocárdio ao ouvir a pergunta a mim atribuída e, principalmente, a formulação que lhe fôra dada. Era um insulto, uma ofensa pessoal grave, de mau-gosto, grosseiramente formulada. E feita por mim a uma pessoa que considero minha amiga, a quem só devo gratidão pelos momentos de beleza e de sensibilidade que suas palavras me têm dado. Já se viu?

Agarrei o telefone, sem ar, a pedir um desmentido, ainda na televisão. Disquei errado, invoquei auxílio da telefonista, tudo no maior mau-humor. Consegui o desmentido ainda dentro do programa.

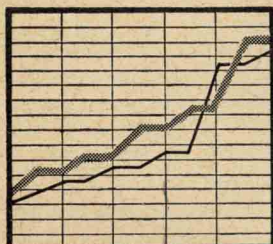
Mas aqui fica o "mea culpa". Eu jamais deveria ter consentido, por telefone, em perfilhar perguntas que eu não sabia como seriam formuladas, num programa de televisão.

Que, ao menos, me sirva de lição.



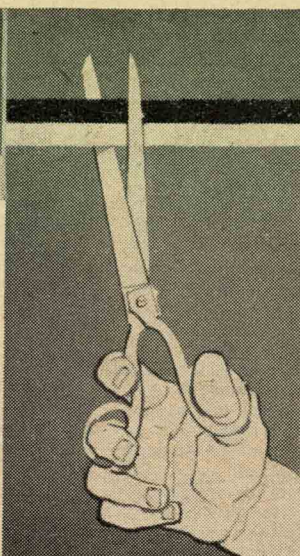
ATIVO BRUTO

1958 - 28,2 bilhões
1959 - 49 bilhões



CAPITAL E RESERVA

1958 - 750 milhões
1959 - 1.400.000.000,00



CASAS

1958 - 283
1959 - 332



EMPRÉSTIMOS

1958 - 10,2 bilhões
1959 - 18,5 bilhões



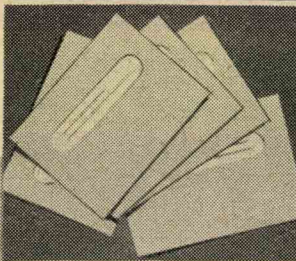
DEPÓSITOS

1958 - 12,6 bilhões
1959 - 21,6 bilhões



FUNCIONÁRIOS

1958 - 5.657
1959 - 7.511



COBRANÇAS

1958 - 5,5 bilhões
1959 - 7,2 bilhões



DEPOSITANTES

1958 - 675.177
1959 - 838.820



UM ANO DE REALIZAÇÕES

DO *Banco da Lavoura*

DE MINAS GERAIS, S.A.

A maior organização bancária particular da América Latina



FERRARI
Vencendo com mãos limpas.

PICADEIRO

Jânio, Lott ou Ademar?

○ «GALLUP» brasileiro se chama IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisas), nome que se tornou muito conceituado pelos seus numerosos trabalhos no setor econômico e no campo da opinião política. No último pleito, o IBOPE previu, com extraordinária precisão, a espetacular vitória de Carvalho Pinto em São Paulo, apon-

tando, ainda, numerosos outros resultados que se confirmaram com erros verdadeiramente mínimos, face à percentagem exata dos votos apurados em todo o Brasil.

Realizando agora a sua primeira «prévia eleitoral» com relação ao futuro presidente da República, o IBOPE levou suas equipes de entrevistadores a 10 cidades brasileiras, ouvindo milhares de cidadãos em cada uma, com a finalidade de tomar o pulso da situação política nacional face aos três nomes já lançados para o Palácio da Alvorada: Jânio, Lott e Ademar. Os resultados, divulgados em primeira mão pela revista carioca «Manchete», revelam que Jânio e Ferrari, no momento, são francos favoritos, pelo menos na maioria das cidades que foram objeto dessa pesquisa de opinião: Fortaleza, Recife, Salvador, Vitória, Campinas, Santos, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Distrito Federal.

Jânio foi o preferido, para presidente, em 6 das 10 cidades pesquisadas: Vitória, com 54%; Santos, com 64%; Campinas, com 57%; Curitiba, com 48%; Porto Alegre, com 33%; e Distrito Federal, com 38%. O marechal Lott venceu em Belo Horizonte, com 48%; Fortaleza, também com 48%; Recife, com 38%; e Salvador, com 42%. Ademar não logrou vencer em nenhuma dessas cidades, e o máximo que obteve foi no Distrito Federal, onde 18% das pessoas ouvidas se manifestaram em favor de seu nome.

A posição dos candidatos à vice-presidência foi verdadeiramente surpreendente, vencendo Ferrari em 8 das 10 cidades que foram objetos dessa pesquisa: Recife, com 29%; Salvador, com 24%; Vitória, com 40%; Campinas, com 28%; Belo Horizonte, com 45%; Curitiba, com 31%; Porto Alegre, com 58%; e Distrito Federal, com 39%. Jango venceu apenas em Fortaleza, com 44%, e em Santos, com 28%.

Surpreendeu a posição desvantajosa do candidato udenista à vice-presidência, Sr. Leandro Maciel, que não logrou boa classificação nem mesmo no nordeste: 7% em Recife, 14% em Salvador e 6% em Fortaleza. Esses algarismos parecem indicar a necessidade, da

parte da UDN, de uma imediata revisão do seu problema eleitoral, a menos que o seu «realismo» tenha sido posto de lado.

De modo geral, o exame dessa pesquisa indica que a candidatura Jânio Quadros está muito poderosa em todo o sul e no centro do País, pois até mesmo em Belo Horizonte obteve 39% do eleitorado ouvido, contra 48% tabulados em favor do marechal Lott. No nordeste, entretanto, o marechal tem acentuada preferência. O mesmo, entretanto, não ocorre com a vice-presidência, pois as simpatias pelo nome do candidato das «mãos limpas» é generalizada, com exceção apenas de Fortaleza e Santos, sendo que nesta última cidade a diferença verificada contra o Sr. Fernando Ferrari, e em favor de Jango, foi de apenas 4%. Ferrari alcançou 24% e Jango 28%.

Como se pode notar pelos resultados dessa interessante pesquisa do IBOPE, se as próximas eleições presidenciais se travassem hoje, os eleitos seriam Jânio Quadros e Fernando Ferrari.

Sangue na luta PSD X PR

EM política somente fatos podem ser somados, já que as palavras dos homens públicos, infelizmente, nem sempre traduzem os pensamentos e as intenções que as ditaram. E foi com base nessa conhecida verdade que nos aventuramos a expor, em nossa edição da última quinzena, a realidade da marcha dos republicanos em direção à candidatura Magalhães Pinto, embora os tremendos esforços do candidato oficial no sentido de manter o esquema de forças que funcionou para a eleição dos Srs. Juscelino Kubitschek e Bias Fortes.

REGISTRO

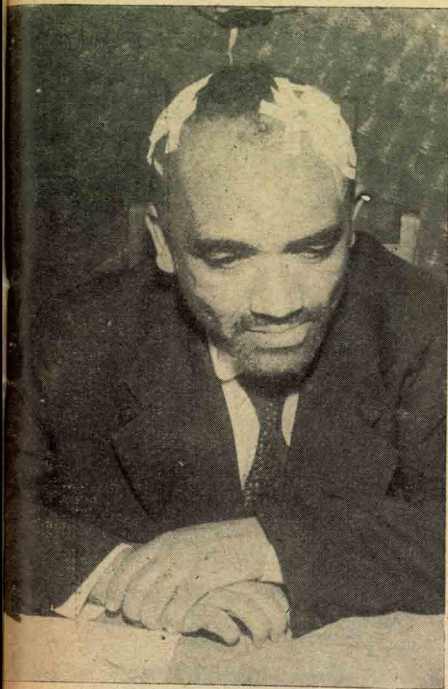
● Jânio Quadros continua pregando exatamente o contrário do que se poderia esperar de um político reacionário e entreguista, como o querem definir seus adversários. Alguns de seus últimos pronunciamentos: prometeu entregar a Previdência Social aos empregados e empregadores, para acabar com o peleguismo e a politicagem que devora os Institutos; acusou o Governo por ter extinto o monopólio estatal da borracha, entregando a sua importância a firmas particulares norte-americanas; é a favor, e sem-

pre o foi do monopólio estatal do petróleo e também, da energia elétrica; é a favor do reconhecimento da China Comunista e por uma vigorosa tomada de posição contra toda política colonialista e imperialista, em apoio à luta empreendida pelos países sub-desenvolvidos da Ásia e da África.

● O candidato pessedista, Sr. Tancredo Neves, deverá permanecer na Secretaria das Finanças até o último dia que lhe permite a lei: 3 de abril. Os círculos palacianos estão anunciando que será sucedido naquela pasta pelo Sr. Maurício Chagas Bicalho, atual presidente do Banco do Brasil, cuja vaga seria ocupada pelo Sr. Joel de Paiva Côrtes, que preside o Banco de Crédito Real.

● A área udenista mineira está exultando com os efeitos políticos negativos das recentes nomeações feitas pelo Palácio da Liberdade, em cumprimento das exigências do protocolo com o PR. Segundo os próceres da Oposição, está engrossando o eleitorado pessedista descontente, com reflexos altamente benéficos à candidatura Magalhães Pinto.

● O deputado José Maria de Alkmin, falando à imprensa, no Rio, afirmou que a candidatura Tancredo Neves, apesar de ser apontada como aglutinadora, não conseguiu unir PSD-PTB-PR, acentuando: «Parece um desses remédios cujo prazo para fazer efeito se esgotou».



JUIZ CARLOS PORFÍRIO

“O PSD precisa reformar seus métodos e processos no interior, onde vem reinando a violência contra a vontade do eleitorado”.

Os fatos continuam surgindo, a cada dia, mostrando as dificuldades verdadeiramente insuperáveis que a cúpula pessedista vem encontrando, no sentido de manter o PR a reboque da candidatura Tancredo Neves. Nos municípios, as disputas entre pessedistas e republicanos tornam-se cada vez mais graves, chegando ao doloroso derramamento de sangue, como se verificou agora em Teófilo Otoni (veja notícia em «Aquarela», nesta edição) e em Manga. Neste último município, o PR assumiu o comando da situação no último pleito, derrotando o pessedismo que ali ocupava o poder há

longos anos, sob a chefia dos Srs. Domiciano Pastor e João Alves Pereira. Agredido por elementos pessedistas, que sempre o consideraram simpático à causa republicana no município, o juiz Carlos Porfírio dos Santos reagiu, travando-se um tiroteio em plena rua, do qual saiu gravemente ferido o Sr. Sebastião Pastor, um dos chefes do PSD local, e o próprio magistrado, que sofreu ferimentos leves. O presidente da Câmara Municipal daquela cidade, também do PR, Sr. Paulo Leão Alkimin, que a princípio se julgava ter sido raptado pelos pessedistas, apareceu dias após em Januária, onde declarou aos jornais que fugira para não morrer, pois sabia que também estava na mira dos agressores. Enquanto isso, o prefeito do município, Sr. Antônio Lopo Montalvão, do PR, vinha à Capital para depor no inquérito instaurado na Delegacia Geral do Estado, declarando-se inteiramente descrente de qualquer resultado dessa providência policial «sob o jugo das injunções políticas», mas acrescentando, textualmente: — «Posso, porém, afiançar, como chefe do Executivo daquele município, como defensor de seus direitos, da sua liberdade, da sua autonomia e da sua dignidade, que esses casos não ficarão ocultos sob o tacão das botas das injunções políticas. Exijo o funcionamento de nossas leis naquele covil de bandidos. Isto já expus ao deputado Bento Gonçalves, nosso digno representante na Câmara, que telegrafou ao Governador do Estado e, caso a máquina política de Minas não cumpra sua obrigação, justificada está a medida que ele irá pleitear, que é a intervenção federal no município de Manga. E se nada disto acontecer, ficam desde já os governos responsabilizados pelo que ali acontecer, pois eu saberei tomar as providências».

Ao mesmo tempo em que a sociedade mineira era abalada com esse doloroso acontecimento, que bem reflete a animosidade extrema a que chegaram as relações entre pessedistas e republicanos no interior, o diretório perrista de Rio Paranaíba resolvia renunciar, seguindo a atitude de seu presidente, Sr. Hilarino Alves da Rocha, que solidarizou-se com a candidatura Ma-

galhães Pinto, «em face da manifestação intenção da maioria da cúpula do partido, seção de Minas, em continuar com a prejudicial coligação que, há dois quadriênios, vem mantendo com outros partidos, e ainda desvirtuando o sistema eleitoral e o regime democrático». Em sua petição ao TRE, na qual renunciava à presidência daquele diretório perrista, o Sr. Hilarino Alves da Rocha declara que milita há 45 anos no PR e confessa-se desiludido com o partido, que não mais se norteia pelos princípios de Arthur Bernardes, mantendo, ao contrário, uma política de barganha de votos e favorecimento pessoal, em que os eleitores do interior são transformados em objetos negociáveis pela cúpula partidária.

Ao mesmo tempo, o candidato das oposições mineiras, Sr. Magalhães Pinto, comparecia à cidade de Itabira para receber as homenagens da «Frente Popular Itabirana» (PR, UDN, PSP), que elegeu ali, no último pleito, o prefeito, o vice-prefeito e a maioria esmagadora da Câmara, tomando parte nas festividades do presidente do PR local, Sr. José Sampaio.

Impressionado com esses e outros fatos indicativos da marcha republicana para a candidatura super-partidária do Sr. Magalhães Pinto, o grande eleitor do Sr. Tancredo Neves, governador Bias Fortes, decidiu reintegrar alguns republicanos que havia afastado de seus cargos há cerca de ano e meio, na Capital, e dar cumprimento, em parte, ao protocolo que firmara com o PR antes de sua eleição, nomeando delegados perristas em 30 dos 60 municípios em que os republicanos elegeram os respectivos prefeitos. O gesto, por demasiado tardio, parece não ter causado nenhuma reação favorável nas hostes republicanas, e o caso de Manga, onde a mudança de delegado foi, na opinião do Juiz Carlos Porfírio, o «leitmotiv» da sangrenta ocorrência, documenta bem a nossa afirmativa. Por outro lado, sabe-se que os dirigentes pessedistas mais qualificados, reagindo contra essas nomeações, procuraram o governador Bias Fortes com o fim de adverti-lo de que essa política poderá levar a

(Conclui na pág. 52)

● O deputado Valdomiro Lobo, um dos mais prestigiosos líderes trabalhistas de Belo Horizonte, fez pronunciamento público, recentemente, a favor da candidatura Magalhães Pinto. Está ameaçando agora abandonar as fileiras do PTB, acusando as cúpulas nacional e estadual do partido por não atender às aspirações dos trabalhadores, e não atuar para dar maior eficiência à Previdência Social.

● O jornalista-embaixador Assis Chateaubriand tem a virtude de dar a mão à palmatória, tão logo reconhece ter cometido um erro. Agora por exemplo, os seus jornais estão promovendo uma intensa campanha pela construção de um monumento ao presidente Juscelino Kubitschek, em Brasília, a nova capital brasileira, que

ele considerava, durante vários anos, como um “brinquedo do Presidente”.

● O Tribunal Superior Eleitoral elaborou o seguinte calendário para a desincompatibilização das autoridades candidatas aos cargos eletivos, na eleição de outubro próximo: 3 de abril, para os candidatos à Presidência da República, e 3 de julho para os candidatos a Prefeito, que estejam ocupando funções públicas com jurisdição no Município.

● O deputado Nacip Raidan (PSD), um dos mais categorizados tancredistas na última convenção do partido majoritário mineiro informou à crônica política haver hipotecado solida-

riedade à candidatura San Tiago Dantas, nome indicado pelo PTB para vice-governador do Estado, afirmando mesmo que “nem o presidente Juscelino Kubitschek poderá afastá-lo dessa decisão”.

● Também em Jequitai o PR está sendo incomodado pelas autoridades policiais, segundo declarações do prefeito João Izidoro da Mota, que procurou a Secretaria de Segurança Pública, em companhia do deputado republicano Teófilo Pires, para pedir a abertura de inquérito contra a ação do cel. Sandoval Coelho de Araújo, por ele acusado de promover violências naquela pequena cidade do norte-mineiro.



A menina da Escola Normal faz pesquisas constantemente, beneficiando-se com proveitosas leituras.

BRUXAS, FADAS E BICHINHOS TÊM LUGAR



As jovens normalistas, nas suas pesquisas, também se divertem com o Bambi...

AO SOL NOS PAMPAS

**MENINOS GAÚCHOS
LÊEM DE VERDADE**

*

**BIBLIOTEQUIHA
FUNCIONA MESMO**



BRUXAS, FADAS E BICHINHOS...

E NTRA-SE num mundo encantado de fadas, bruxas, bichinhos, que falam e dançam, esbarra-se em Narizinho Arrebitado, fica-se de novo criança. Adoramos as fadas e fazemos travessuras com Emília. Pelas paredes encontramos os personagens de tôdas as histórias, desenhados por Alice Soares. Eles nos olham com olhos endiabrados e parecem querer falar-nos. As encarregadas da bibliotekinha são fadas distribuindo carinhos:

"Então a moça muito linda chegou e tudo ficou brilhando, brilhando. Tinha olhos azuis e cabelos côr-de-ouro"...

O garôto vai lendo baixinho, completamente preso à história.

A literatura "gibiana" não aparece e, até hoje, não foi reclamada pela gurizada. Terá a criança predileção pelas chamadas leituras perniciosas em quadrinhos? Longe pensar isto. Não quererá ela apenas satisfazer curiosidades características à sua idade? Então? Essa tendência para a má leitura, quem o culpado senão pais negligentes, falta de orientação? Os livros de gravuras enormes, lindas, são procuradíssimos pelos rapazinhos do jardim da infância. Os maiores vão desde as histórias de fadas, bruxas, Emília, Narizinho, às aventuras científicas ou

"tarzanianas". Interessam-se vivamente por tudo. E tudo que tem na bibliotekinha é bom.

O gaúcho-mirim faz o que quer, tira o que quer, mas com as fadas de prontidão. Observam, orientam. Pais inteligentes continuam em casa o trabalho das fadas. As crianças querem ler. Se lhe damos leitura boa, sã, aceitam e ficam felizes. Existem ainda aqueles que fazem pesquisas, estudam seriamente. Meninos de dez, doze anos, ávidos de história, formação dos povos, ciência. Tudo isso e as fadas sempre por perto, com a sua orientação segura.

A bibliotekinha funciona junto à Divisão de Cultura, Praça dom Feliciano. Prédio próprio ainda não tem. Tudo é no porão mesmo, mas tão bem arranjado com seus desenhos pelas paredes, suas estantes carregadas de livros, gravuras, mapas, bichinhos de borracha que se esquece ser porão de casa antiga. O jardim do lado também serve para ler. As crianças sentam-se pela grama e lêem ou olham apenas os desenhos. À tarde, passando por ali, vê-se um bando de crianças espalhadas pela grama, com livros esparramados. E o silêncio é respeitado, já sabendo cada uma que se não deve atrapalhar a leitura da outra.

Lucília, a jovem diretora, vai falando de sonhos já realizados e por realizar. Salas maiores, fala-se na mudança do prédio, mas acha ali o ponto exce-

Os grandes de
amanhã «lêem» sé-
ria e sôfregamente.



Lucília — a fada-
mor — fala à AL-
TEROSA de pla-
nos realizados e por
realizar.



Uma das fadas — Grace — vai contando as histórias para os mais novinhos, que escutam em-
bevecidos.





Vera — a fada da música — ensina a turmas de tôdas as idades a apreciar os grandes mestres.

BRUXAS, FADAS E BICHINHOS...

lente, embora porão. Pensa na ampliação das atividades, sala para recreações artísticas, enfim, iniciativas de sentido pedagógico, cineminhas, teatrinho de fantoches, etc. Já se criaram mais duas bibliotecinhas em bairros, mas é preciso mais, muito mais. As verbas, como sempre, não são enormes, mas aos poucos vão-se realizando os sonhos.

Sem dúvida é Monteiro Lobato o escritor das crianças. É o mais procurado. Suas histórias continuam fazendo vibrar toda a gurizada. Emília e o Visconde de Sabugosa são as vedetes máximas. Só "Os 12 trabalhos de Hércules" foi lido oitocentas e tantas vezes. Muitos outros escritores são lidos, é claro, mas Monteiro Lobato ainda não foi superado. Tarzan, As histórias de Karl May, Tesouro da Juventude, Lello, são também manuseados pelos guris de oito a catorze anos.

Há um interesse vivo e real pela leitura. Não há mesmo dúvida de que o que acontece — em se vendo a tendência às leituras de quadrinhos — é uma falta de orientação, falta de bibliotecas especializadas. São poucas, mas, graças a Deus, vão surgindo aos poucos e havendo uma grande receptividade por parte do leitor-mirim.

Ana Lúcia, Gislaine, Lenora, Liane, que além de

"leitoras" assíduas da bibliotecinha e alunas do Jardim da Infância "Florida" são bailarinas, gostam demais de ir à biblioteca "ler" os livros todos. Ricardo, Rejane, Gilberto, Maria Amélia e Luís adoram Pato Donald, Ivete gosta das fadas, Lúcia não gosta de bruxas. Contam que a "Girafinha Feliz" teve um Bebê, está no Hospital... e é simplesmente maravilhoso ouvir de cada uma a história preferida.

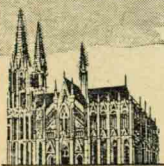
As fadas de verdade são D. Maria Moritz, diretora da Divisão de Cultura, Lucília Minssen, diretora da bibliotecinha e as assistentes Grace, Astrid, Zaira, Juliana e Jucléia.

Vera é da discoteca, que também funciona ali. Educação musical é levada a sério. Crianças de todas as idades ouvem as músicas, antes devidamente explicadas e orientadas por Vera.

Até o momento existem 2.702 crianças registradas. 4.986 livros já foram lidos. Média diária de 120 leitores e frequentadores da discoteca. As fadas de verdade mostram que as crianças querem leituras boas, apreciam a boa música e essas fadas de verdade merecem todo apoio, todo nosso respeito e admiração. As crianças de Porto Alegre estão de parabéns. Acreditam nas fadas. E com razão. Elas existem mesmo. Nós as vimos nos Pampas.

Trio maravilhoso...

...água de colônia, sabonete e talco Regina!
Três produtos distintos e de qualidades idênticas.
Perfume típico e inconfundível...
Pureza absoluta... Adorável frescor...
Eis algumas características do Trio Maravilhoso Regina.



Formosa jóia de arquitetura gótica, a Catedral da cidade de Colônia, simboliza a antiga Köln, onde Paulo de Feminis, no ano de 1690, inventou a fórmula da "Água della Regina", depois conhecida e admirada em todo o mundo com o nome de Água de Colônia. A Água de Colônia Regina, de suave e típica fragrância, é detentora, em nossos dias, da célebre fórmula original.

Os elementos de que se compõe a Água de Colônia são básicos também na fabricação do Sabonete e do Talco Regina, formando assim o Trio Maravilhoso Regina.

★ ÁGUA DE COLÔNIA ★ SABONETE ★ TALCO

Regina

A VENDA EM TODO O BRASIL

Kalaut, jovem caçador esquimó, tem a neve por cenário, na sua luta pela existência.

O HOMEM FRENTE À NATUREZA

UM CAÇADOR ESQUIMÓ,

Camera Press

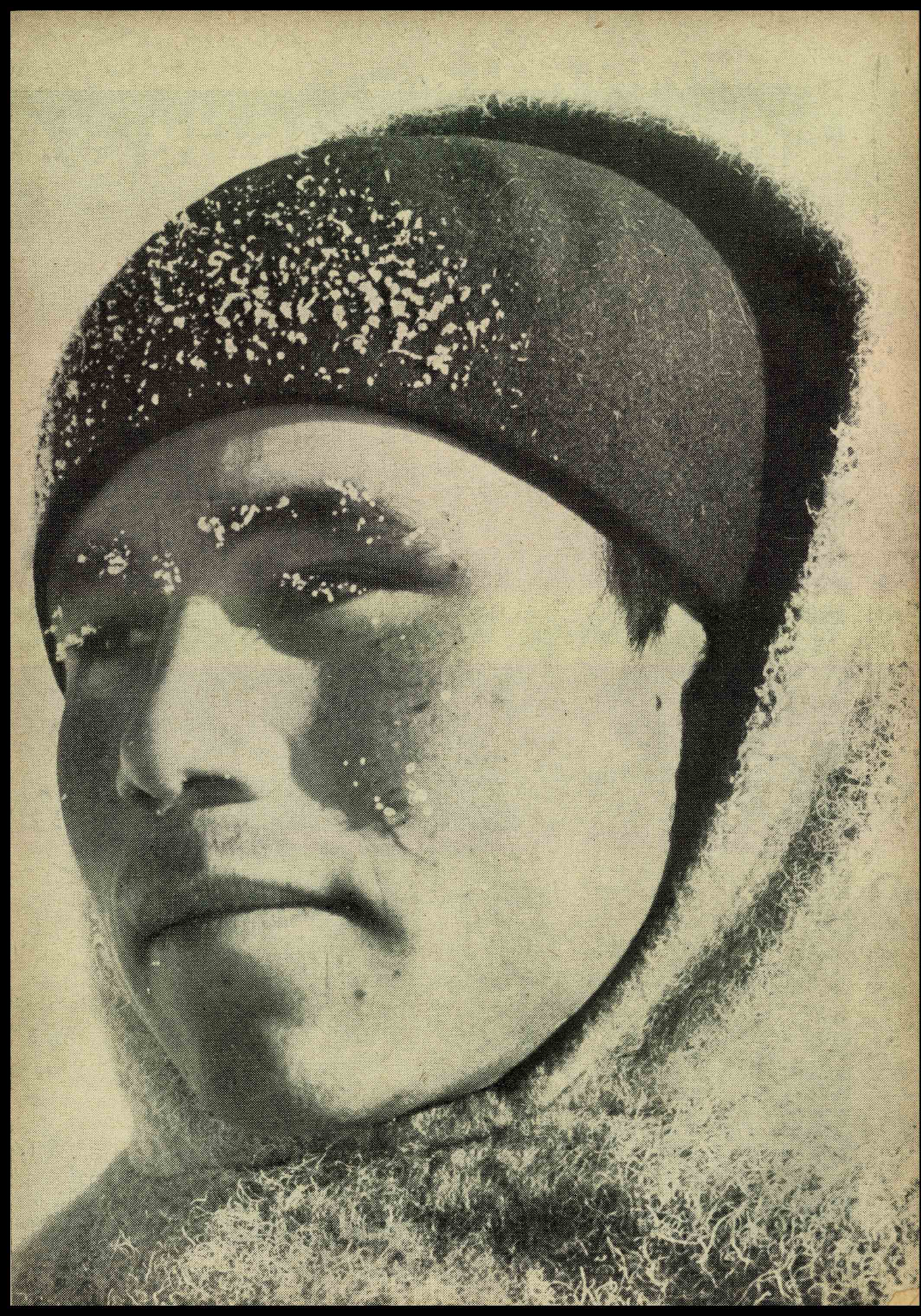
Fotos de RICHARD HARRINGTON

No seu iglu, feito de turfa, peles, jornais velhos e neve, a esposa de Kalaut conserta um arnês, para a viagem que o caçador fará, de trenó.



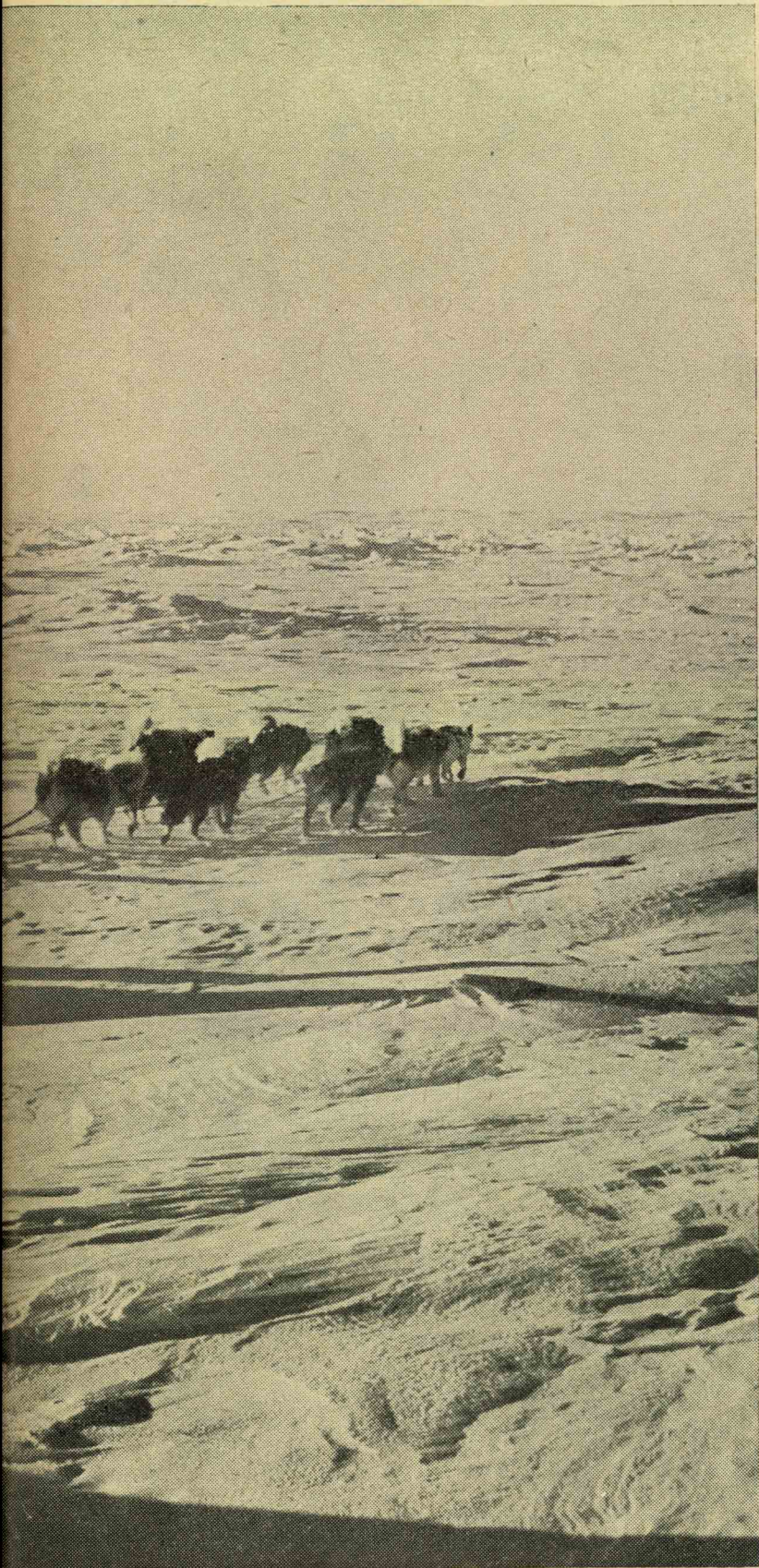
ALUTA pela existência, um dos capítulos mais belos e mais dramáticos da história de todos os seres vivos, adquire, sem nenhuma dúvida, aspectos extraordinariamente comoventes, quando é o homem que nela se acha empenhado. E, quando a sua luta é desenrolada num cenário hostil, torna-se ainda mais dramática, pela desproporção entre as armas de que ele dispõe e as com que se lhe antepõe a natureza.

Em tôdas as partes do mundo, o homem está em permanente luta pela sobrevivência, mas poucos são os lugares em que ela apresenta os lances verificados nas regiões geladas do Pólo Ártico, onde o céu se liga com a terra e não há linha de horizonte. Vamos contar, nesta reportagem, um capítulo apenas dessa luta, tendo por personagem principal — um símbolo de seu povo — o jovem Kalaut, um esquimó que



Um caçador esquimo'





vive em Iglulik, na Península de Melville, uns trezentos quilômetros para dentro do Círculo Ártico, nos territórios do Canadá norte-ocidental.

Kalaut é um dos dez mil e tantos esquimós que habitam aquela parte da terra, permanentemente coberta de neve, onde a mineração de ouro, níquel e uraninita, assim como a extração de petróleo, são as indústrias mais importantes. Mas é a caça, por meio de armadilhas, a principal ocupação dos esquimós. A maioria dos jovens passa a vida a caçar a rapôsa do Ártico, cujas peles são vendidas, logo que eles retornam em busca de alimentos, utensílios de cozinha e outras coisas necessárias à vida.

Kalaut arma as suas armadilhas toda vez que percebe a possibilidade de capturar alguma presa. Nem ele nem os seus companheiros discutem sobre o direito de explorar este ou aquele território, e ninguém procura tomar a si aquilo que outro capturou, ainda que a presa do outro tenha sido apanhada a pouca distância das suas armadilhas. Kalaut possui cerca de 50 armadilhas, e prefere colocá-las numa linha ondulante, cobrindo as ilhas e o próprio continente, na Península de Melville, numa distância de quase 250 quilômetros, e leva nunca menos de uma semana para percorrer toda essa extensão.

Kalaut e um companheiro partem no trenó, puxado por cães bem treinados que conhecem bem o terreno.

Um caçador esquimo'



Kalaut mata a foca e coloca-a de pé, congelada. Deixa-a no caminho, para orientar-se na volta, e ao regressar, levá-la-á consigo, para aproveitar a carne.



Uma pele de urso forra o treno de Kalaut. Assim, a viagem é mais agradável e, às vezes, êle pode cochilar um pouco.

Quando viaja, êle conduz, além das armadilhas, outros apetrechos de caça, pois, para um homem que tem mulher e filho para sustentar, nunca é demais aumentar o produto do trabalho, caçando um caribu ou fisingando uma foca. Quando viaja, num treno tirado por cães, êle leva consigo um saco de dormir, um fogareiro, uma faca de cortar neve, uma coberta de pele de urso polar, uma caixa de armadilhas sobressalentes e uma boa porção de carne de leão marinho, con-

Quando é hora de construir o iglu para passar a noite, Kalaut experimenta a qualidade da neve. Esta deve ser consistente e porosa.



UM CAÇADOR ESQUIMÓ



Na viagem ao longo da linha de armadilhas, às vezes há ocasiões (como esta) para um bate-papo com o companheiro.

gelada — alimento apreciado não só por ele como pelos cães.

Quando chega a noite, Kalaut constrói para si um pequeno iglu, consumindo, nessa tarefa, cerca de duas horas: em seguida, corta algumas porções de carne e, depois de engolir o alimento com alguns goles de chá, mete-se no saco de dormir, para passar a noite.

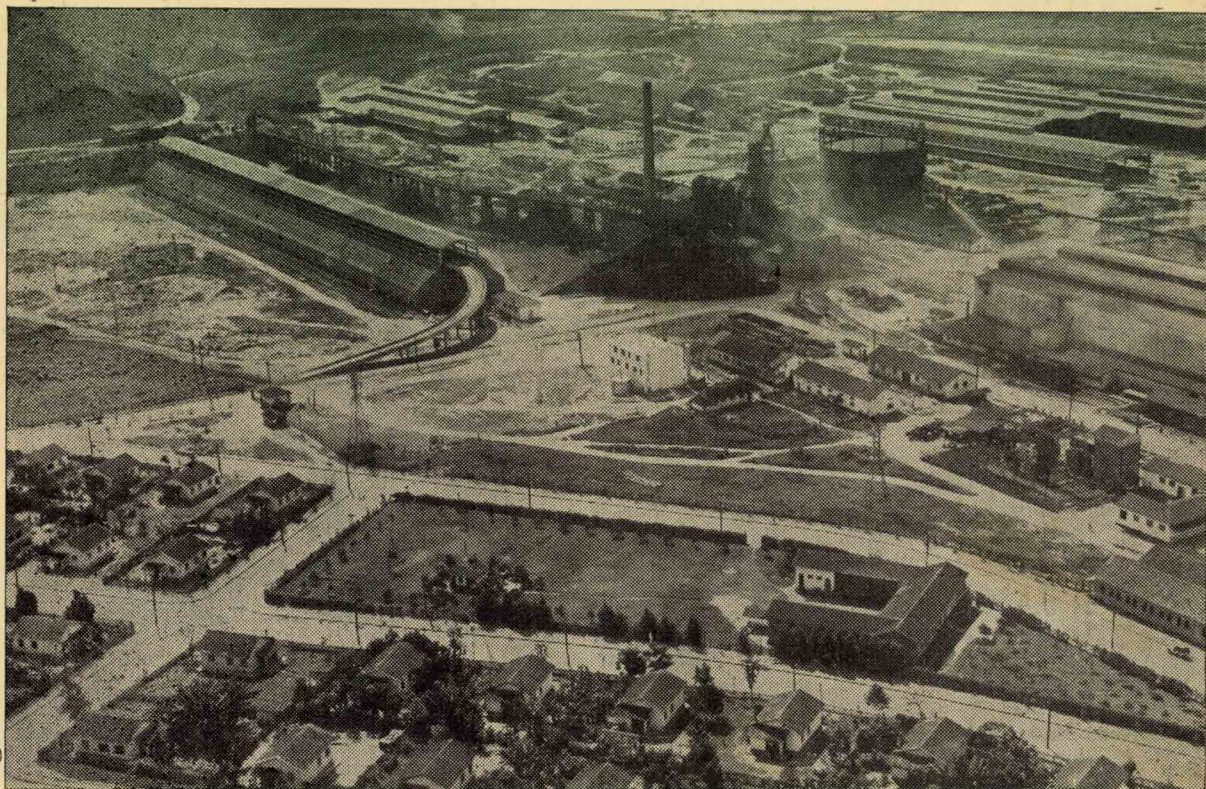
Os preparativos matutinos, antes de ele reencetar a viagem, levam mais ou menos três horas, passadas as quais, Kalaut parte em pós de suas presas, cortando um terreno quase sem pontos de referên-

cia. Um homem branco nunca consegue compreender como pode um esquimó orientar-se naquelas paragens, mas a verdade é que mesmo nas noites em que não aparecem estrêlas, eles acertam logo com a direção que desejam seguir, sem a menor hesitação ou dificuldade.

No pôsto da Companhia da Baía de Hudson, uma pele de rapôsa do Ártico é vendida por cerca de 1.200 cruzeiros, e, depois de vender as suas, Kalaut leva de volta para casa uma caixa de munição, meio quilo de chá, uma lata de fumo, dois e meio quilos de

açúcar e duas caixas grandes. Mas há ocasiões em que, após percorrer toda a sua linha de armadilhas, ele volta com apenas uma ou duas peles — o que significa que há muito pequena compensação, levando-se em conta os bens adquiridos após um trabalho tão árduo, realizado através de centenas de quilômetros de neve e frio.

Mas o esquimó, limitado pela primitiviz de sua vida, não se revolta. A vida sempre foi dura e nunca aconteceu ser bem pago pelas peles que vão cobrir os ombros das mulheres civilizadas... e ricas.



Vista parcial da Usina de Acesita que estará produzindo, em 1963, 240 mil toneladas de aço.

ACESITA: EXPANSÃO PARA 240 MIL TONELADAS DE AÇO POR ANO

A Cia. Aços Especiais Itabira (ACESITA) foi fundada em 31 de outubro de 1944, para a fabricação de aços especiais. O local escolhido para construção da Usina foi o Vale do Rio Doce, à margem do Rio Piracicaba, em Minas Gerais, levando-se em conta as facilidades de suprimento de matérias-primas, aproveitamento do potencial hidrelétrico local e escoamento fácil da produção para os mercados nacionais, pelas ferrovias e rodovias existentes. Suas jazidas de minérios, estimadas em 70 milhões de toneladas de hematita (69% de ferro) e manganês, distam somente 100 km de ACESITA.

Seu patrimônio atual compõe-se de 75.000 ha de terras e matas, moderna usina hidrelétrica de 48.000 kw e mais de 700 km de rodovias próprias. A implantação da usina em local onde até 1945 estendia-se mata virgem, impenetrável e insalubre, requereu notável esforço urbanizador, de que dá testemunho a cidade de ACESITA, com ruas calçadas, 2.734 moradias, lançadas se-

gundo cuidadoso planejamento e urbanismo, servidas de água, luz e esgotos e telefones automáticos. Conta com dois clubes, cinema, hospital, creche, jardim de infância, cinco escolas primárias, escola técnica de grau médio e ginásio de salesianos, a serviço de seus 20.000 habitantes.

O parque industrial da Empresa compõe-se da Usina Siderúrgica planejada para uma produção inicial de 54.000 toneladas de aço por ano. Atualmente encontra-se a Acesita empenhada na expansão de suas instalações a fim de atingir a produção de 240.000 toneladas de aço.

Seu plano de expansão, cujas obras estão em franco andamento, permitirá a produção de aços necessários à indústria automobilística, como sejam: aços ao carbono, ao cromo, cromo-níquel, cromo-níquel-molibdênio, ao silício, assim como chapas elétricas. A produção de chapas elétricas — 12 mil toneladas anuais — para a flores-

cente indústria de motores e transformadores, já iniciada, cobre grande parte das necessidades do mercado brasileiro. A Forjaria, que até há pouco se dedicava principalmente a ferramentas agrícolas, já está produzindo peças para tratores e veículos automotores.

O programa de reflorestamento da região vem sendo executado pela Empresa e obedece aos melhores preceitos da técnica moderna. Já foram plantados, em uma área de 11.000 hectares, 24.000.000 de pés de eucaliptos destinados à fabricação de carvão para abastecimento do alto-forno.

A partir de 1963, a produção será elevada para 240.000 t/anuais de lingotes de aço e 180.000 t/anuais de produtos acabados em aços especiais.

ACESITA, além de contribuir para a rápida industrialização e emancipação econômica do Brasil, executa obra pioneira, trazendo a civilização e o progresso para o interior do País.

Quitandinha



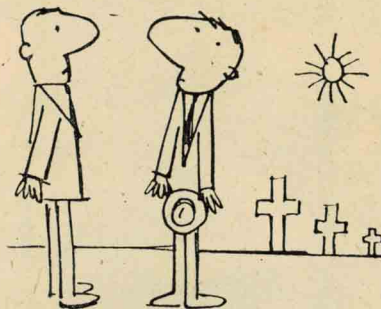
JUIZO (SEMI) FINAL

O homem chegou tarde ao cemitério, quando estava sendo enterrado um amigo, figura mais ou menos ilustre. Aproximou-se, então, de outro amigo (este, vivo) e perguntou, enquanto começava o elogio do defunto, por um orador afamado:

— Já começou há muito tempo ?

E o amigo, com incontida ironia:

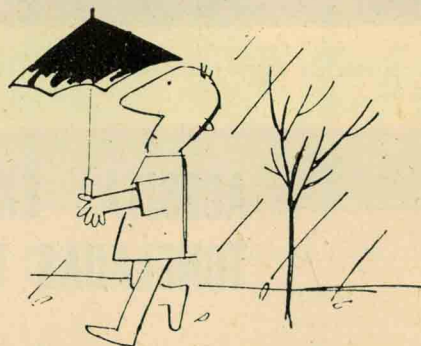
— Não. Agora mesmo. Está com a palavra a defesa.



DESCULPAS

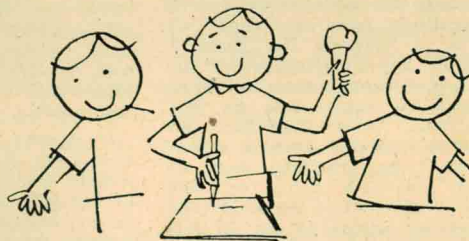
Na hora da saída — era um dia chuvoso — havia certa confusão, e o funcionário mais tímido que os outros acabou levando o guarda-chuva de um colega. Quando chegou a casa e deu pela coisa, ficou preocupado, já achando que ia ser tomado por ladrão. Então, escreveu o seguinte bilhete ao colega :

«Albertino apresenta os seus cumprimentos ao prezado colega e pede licença para dizer que está com um guarda-chuva que não é seu, e que, se o colega também está com outro guarda-chuva que também não é seu, então pode ter certeza de que são justamente esses os guarda-chuvas trocados.»



CONCISÃO

A professora mandou que as crianças escrevessem uma pequena composição sobre os dias da semana. Todas escreveram várias linhas, mas nenhuma revelou o senso prático daquela que resumiu tudo no seguinte: «Domingo, papai compra um tijolo de sorvete para mim, e ele dá para Segunda-Feira, Terça-Feira, Quarta-Feira, Quinta-Feira, Sexta-Feira e Sábado».



QUANDO PERGUNTARAM AO IMBECIL QUAL ERA A SUA IDADE, ELE PISCOU E RESPONDEU: «SEI NÃO. ANO PASSADO, MAMÃE ME DISSE, MAS ESTE ANO AINDA NÃO PERGUNTEI».

«UM SINÔNIMO — AFIRMA GEORGES DUHAMEL — É UMA PALAVRA QUE A GENTE ESCRIVE QUANDO ESQUECE A ORTOGRAFIA DAQUELA EM QUE ESTAVA PENSANDO».

PONTO DE VISTA



RESPONDENDO às perguntas de um questionário intitulado «De que Lado?», num concurso promovido por certo jornal, a garotinha deu as seguintes respostas:

De que lado se abotoa um paletó de homem?

— Do lado de cima.

De que lado se abotoa um paletó de homem?

— Do lado de fora.

De que lado se ordenha uma vaca? — Do lado de baixo.

De que lado um motorista se senta, num automóvel? — Do lado de dentro.

QUESTÃO DE GOSTO

QUANDO era mais moço, o pintor inglês Augustus John costumava dirigir seu automóvel a velocidades incríveis. Um dia, foi visitado por um escritor que lhe confessou estar pensando em suicidar-se.

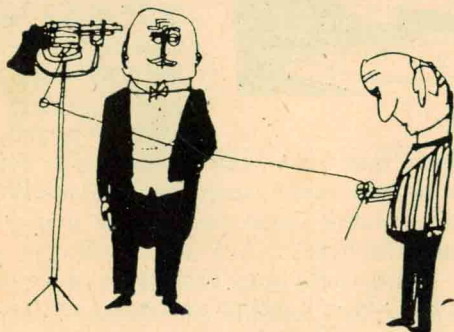
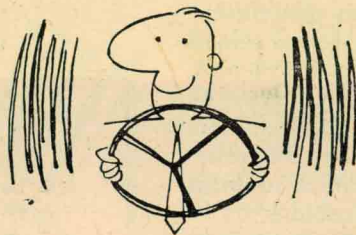
— Não diga uma bobagem dessas — disse John. — venha comigo, vamos dar um passeio de automóvel. Uma volta pelos campos com certeza fará você mudar de idéia.

E foram. Na estrada, John pisou na tábua. O carro correu a 120, fez curvas sobre duas rodas e tirou «fininhos» em tudo quanto foi veículo encontrado. Afinal, quando resolveu freiar o automóvel, John perguntou:

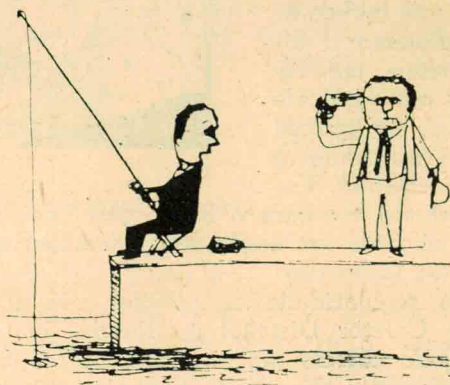
! Então, rapaz, você está melhor agora?

E o escritor respondeu, enxugando o suor que lhe inundava a testa:

— Não, melhor eu não me sinto. Mas, na verdade perdi a vontade de morrer.



— Estou arruinado, Batista!... Puxe a corda!



— ... não, por caridade, você vai espantar todos os peixes!

FUNDO DE CONSCIÊNCIA DE TIO SAM

Uma mulher inidentificada escreveu para o Tesouro dos E.U.A., há não muito tempo, dizendo que havia logrado o governo em sua taxa de imposto, não conseguindo por causa disso dormir. Anexou certa soma em dinheiro e terminou a carta com este «post-scriptum»: «Se eu ainda não conseguir dormir, enviarei mais». Como soporífero a dose deve ter sido correta, pois não houve mais cartas...

Desde 1811, cerca de 50.000 pessoas pagaram 2.200.000 dólares ao Fundo de Consciência do Tesouro. O menor pagamento foi de apenas um vintém, pelo uso de um selo já obliterado; o maior, inexplicado, foi de 30.000 dólares. Em 1950, o ano recordista, 370.285,47 dólares foram recebidos.

Muitas contribuições ao **Fundo de Consciência** — ninguém sabe quem lhe deu esse nome — são anônimas: muitas trazem um tom bíblico de arrependimento, algumas citam um capítulo e um versículo da Bíblia, ou juntam trechos, indicando a razão de emenda. Todo o dinheiro vai para o fundo geral do Tesouro e só pode ser usado sob indicações expressas do Congresso.

Com regularidade de relógio, mês após mês, um Coletor Distrital da Renda Interna recebia pelo correio um envelope endereçado simplesmente ao «Fundo de Consciência» que invariavelmente continha 2.500 dólares em notas de 20. Nenhuma explicação jamais foi dada.

Alguns contribuintes, embora não revelando a identidade, usam senhas secretas ou com-

binações de números ao enviar dinheiro — às vezes, na esperança de que, se a lei os pegar por causa de atividades ilegais, poderão obter algum crédito devido a seus pagamentos. Mas, tais doações não podem ser reclamadas.

O anonimato é freqüentemente dispendioso, todavia. A região de Ozark, por exemplo, somente agora deve ter sabido que o Presidente Franklin Delano Roosevelt pôs fora da lei os pagamentos em ouro, em 1933. O **Fundo de Consciência** recebeu duas peças de ouro de

5 dólares com uma nota anônima dizendo que tinham sido «esquecidas». De acordo com a lei atual, o proprietário poderia conservá-las.

Um funcionário público, cheio de remorso, enviou 25 dólares que recebera como pagamento durante sua licença para tratamento da saúde, explicando que, já que não estava realmente doente então, não poderia conservar o dinheiro. Ao postar selos de correio numa quantia de 1,89 dólares, uma ex-funcionária disse: «Estou pagando pela

tesoura que tomei quando deixei de trabalhar. Tenho tido tanta vergonha que resolvi enviar certa quantia como pagamento que em parte anulará a ação».

Uma carta sem assinatura dizia simplesmente: «Não consigo encontrar um sujeito ao qual devo 10 dólares, de modo que dou a quantia ao Tesouro dos E.U.A.»

Um Ministro de Illinois escreveu: «Vocês encontrarão aqui 15 centavos de dólar para depósito, já que não se pode estabelecer a



Para enterrar os fantasmas de sua culpa, 50 mil «fugitivos» enviaram 2.200.000 dólares para as despesas do «funeral».

propriedade exata e sendo esta a única maneira que conheço de dispor da quantia».

O pessoal do Tesouro ainda está especulando a respeito de uns versos crípticos, em grego, recebidos juntamente com duas peças de jóias de ouro. A tradução dizia:

«Os dias mais belos

São os que o tempo já levou

E passaram...»

As jóias renderam 22 dólares em leilão.

Seis notas de dólar enviadas ao Fundo tinham um cartão que as acompanhava com os seguintes dizeres: «Com sinceras congratulações e votos de felicidades para o futuro».

E 10 dólares chegaram com esta anotação: «Em gratidão por um ano cheio de saúde e paz».

A dívida nacional sempre crescendo preocupa algumas pessoas até o ponto de se sentirem obrigadas a fazer alguma coisa. Um homem enviou ao Fundo de Consciência um cheque de 6.000 dólares. Uma outra pessoa escreveu:

«Anexa a esta carta encontrarão uma ordem de pagamento de 5 dólares destinada a reduzir a dívida pública nacional. Vi em um livro que a atual dívida nacional faz com que cada norte-americano deva 6.500 dólares e que, pagando 5 dólares por semana, a dívida só seria saldada em 5 anos. Como não sei de que maneira vim a dever uma quantia tão gran-

de, presumo que a culpa seja minha por não me ter conservado a par da política, como devia ter feito. Espero ser capaz de fazer pagamentos regulares, já que gosto de me considerar norte-americano, pois há muitas coisas que, para serem apreciadas, é preciso ser norte-americano. E 5 dólares por semana é um preço barato a pagar por tal privilégio».

No entanto, êle não enviou mais pagamentos semanais.

Uma pessoa do Oeste enviou esta mensagem juntamente com 40 centavos: «Quando eu era menino de 12 anos de idade, fiz quatro tostones falsos e os passei num pequeno café. Espero que a quantia seja satisfatória. E peço desculpas pela falsificação».

Os milhões que o Fundo recebe parecem provar que, quando as pessoas perdem a fé na sua própria integridade, ficam desejosas de a comprarem de volta. Mas nem sempre.

Uma vez o Fundo de Consciência recebeu e descontou um cheque pessoal de 250 dólares de um Banco do Meio-Oeste. Já que não havia uma explicação acompanhando-o, os funcionários escreveram ao homem, aos cuidados do Banco, e perguntaram para que era o dinheiro. Em resposta receberam um segundo cheque de 250 dólares.

Êles esperam que esta pessoa não tenha culpa na consciência.



E, chorando baixinho, apressou-se para a caminhonete, apertando o o raminho de pessegueiro contra o peito.

O MENINO FICOU assoblando, enquanto esperava pela assíntura. Silvana lançou-lhe um olhar distraído e devolveu-lhe o lápis. De quem havia de ser o telegrama? Fêz o sinal da cruz, receiosa de abri-lo. Costume antigo. Podia ser notícia ruim. Mas se fosse? Adiantaria rezar? E de mais qualquer notícia agora não seria tão ruim...

Fechou a porta de mansinho, olhando aereamente para tudo: os objetos espalhados, a casa em desalinho, o ar de partida.

Uma sensação tão grande de vazio! Sentou-se na poltrona, o ar apatetado. Se ao menos pudesse chorar... Revirou o telegrama entre os dedos nervosos. Melhor abri-lo de uma vez.

«Chegarei mais rápido possível. Coragem! Bernardo.»

Quase sorriu. Ótimo irmão, o Bernardo. Vir daquela lonjura... Na verdade sempre fôra boa irmã. Mãe mesmo. Criara-o, quando ficaram órfãos. Dez anos de diferença. Mesmo que filho dela. Mas o agradecimento é tão raro! Se tivesse ficado solteiro, não. Mas casado e morando em São Gabriel... Cruz! Do Rio Grande do Sul ao Rio não é apenas um passo.

Dobrou-o cuidadosamente e pô-lo sobre a eletrola. Acariciou-o com mãos trêmulas e repetiu baixinho: Coragem! Talvez agora fosse fácil. Estava, por assim dizer, anestesiada. Depois, sim. Depois?

Olhou pela janela escancarada. O céu de um azul terrivelmente mandrião, parecia dormir naquele acolchoado azul. O mar! Belo, grande e traçoeiro. Imenso como sua infelicidade. E a vida a correr louca pela faixa de asfalto. Claro, ela teria que viver também, uma vida que pareceria infinita como aquele gigante salgado.

Coragem! Agora, talvez. Depois é que seria difícil.

* * *

No mês que vem faz dezesseis anos. Mas nem parecia. Não houvesse folhinhas e Silvana seria capaz de jurar que fôra ontem, tal a nitidez da lembrança.

A princípio nem quisera acre-

ditar. Chegara a zangar com ele:

— Tá doido, Gilberto!

Ele encolheu os ombros e estendeu as palmas das mãos abertas.

— Doido por quê?

— Ora veja se tem cabimento...

— O quê que não tem cabimentos?

Ela parecia muito enfezada, embora no íntimo estivesse comovida:

— Claro que não tem cabimento. Você podia ser meu filho... Não vê que eu criei o Bernardo?



Senhora Ribeiro

Conto de M. L. Abreu de Oliveira

Ilust. de Moura

— E daí? Criou por força das circunstâncias. É muito justo que os irmãos mais velhos olhem pelos mais moços, quando há necessidade. O que não quer dizer que você seja tão mais velha, que possa ser sua mãe. Creio que você o olharia, mesmo que fosse mais moça. Você é tão...

— Tão o quê?

— Tão meiga...

Calou-se engasgado sem saber explicar-se. Engoliu em seco e preparou-se para a retirada. Não ficava bem chorar ali como um mariquinhas:

— Acho que bati na porta errada. Pensei que você me correspondesse. Enfim...

Bateu com as palmas das mãos, uma contra a outra, num gesto de desalento.

Silvana encarava-o como-vida. Como podia acreditar? O Gilberto! Todos os dias a estudar ali com o Bernardo. Claro. Não podia julgar que aqueles olhares fossem apaixonados. Supunha que significassem simpatia. Mas como? Nunca

fôra atraente, que o soubesse. Alta, magra, testa larga, olhos azuis, cabelos de um louro desbotado, jogados para trás. Nunca tivera tempo para vaidades, sempre preocupada com a educação de Bernardo, a dar aulas, a corrigir cadernos da meninada do Grupo. E dizer que... Era verdadeiramente inacreditável!

Sorriu ao olhar o gesto desalentado de Gilberto. Precisava dizer alguma coisa:

— Não é isso. Não é que eu não goste de você. Mas foi tão... como direi?... tão inesperado. Se você deixasse ao menos eu pensar e dar uma resposta mais consciente...

Ele encarou-a animado!

— Certamente! Pode pensar. Logo à tarde você me diz.

Saiu quase correndo, deixando-a apalermada. Logo à tarde? Tão rápido assim? Lógico! Não era uma adolescente. Precisava tomar decisões prontas.

Dirigiu-se ao quarto. Postou-se defronte ao espelho. Se soubesse o que o fez apaixonar-se assim. Talvez os olhos. Quem sabe os cabelos? Passou o pente, sentindo-os ressequidos. Era preciso ajeitá-los. E se passasse um nadinha de pintura? Saltos altos? Não. Já era bastante comprida. Ficaria parecendo um coqueiro. E para saltos altos é preciso ter estilo, senão é o puro perna-de-pau, que anda a fazer propaganda de circo. Dez anos de diferença. Ele com vinte e quatro e ela com... Qual! Para o amor não existem diques. E com um «acho que estou ficando biruta», resolveu-se.

Bernardo ficou boquiaberto:

— É a diferença de idade? Agora não é nada, mas quando ele tiver quarenta anos...

Talvez sentisse um pouco de ciúme da irmã, dá-la assim a um rapazola, era como abrir mão da própria mãe. Mas eles sorriam tão felizes... Encolheu os ombros, como a jogar longe as responsabilidades:

— Bem, isto é lá com vocês...

Estavam em outubro. O casamento foi marcado para o princípio do outro ano. Melhor ser depois da formatura. Ainda mais

Premiado no
Concurso de Contos
da «Cia. de Seguros
Minas-Brasil»

que Gilberto tinha já um emprego em vista, como engenheiro de uma barragem perto de Uberaba.

Silvana pisava em nuvens com os preparativos para o casamento. Embora não fosse bonita, era um tipo diferente com suas maneiras um tanto autoritárias, devido ao longo tempo de magistério e à autoridade com que sempre se houvera para criar o seu rapaz, suavizadas pela doçura dos olhos azuis.

Desde meninota acalentara o sonho de se casar, quando houvesse flores de pessegueiro. Amava aquelas florinhas arroxeadas. Infelizmente não foi possível. Em janeiro? Subiu ao altar, carregando, triunfantemente, uma brçada de copos-de-leite.

Julgou-se a mais feliz das bralheiras, quando ele cochichou baixinho, a apertar-lhe o cotovelo:

— Agora você é a Sr^a Ribeiro.

Depois entraram no carro sob aquela chuva de arroz. E, quando, entre adeuses, se puseram em movimento, as latas amarradas na traseira do automóvel, pelos amigos, fizeram uma barulheira tremenda. Risos. Hotel, pijamas amarrados, gravatas com nó, camisas costuradas nos punhos. Sorrisos felizes. Lua de mel.

Afinal a Barragem. Local êrmo. Havia a casa deles, um bangalôzinho moderno, com banheiro de azulejos azuis, ao lado da do outro engenheiro. E ainda meia dúzia de casas de operários ao redor de uma capelinha muito pobre.

Lugar solitário, mas justamente como Silvana sonhara. Não quisera empregadas. «Para quê?» Arrumava ela mesma o seu «home, sweet home», como dizia, brincando, ao marido.

Moraram ali dez anos. Nesse período saíram mesmo apenas para assistir ao casamento de Bernardo, que fôra, em seguida, para o Rio Grande do Sul. O mais eram viagens ligeiras uma vez por ano a Uberaba, geralmente em época de exposição agro-pecuária.

E, então, a transferência para o Rio. Silvana não se conformava:

— Logo agora que estava tão acostumada!

No seu quintalzinho plantara boa dúzia de árvores frutíferas, inclusive três pessegueiros, que na primavera ficavam floridos de um rosa meio tocado a roxo, contra os galhos desprovidos inteiramente de folhas.

Encaixotou seus pertences o mais devagar possível. Afinal um

dia tudo ficou pronto. Os móveis e os outros objetos encaixotados foram levados por um caminhão. A casa, sem uma cadeira sequer, parecia enorme. Silvana disse qualquer coisa e sua voz reboou pelas salas vazias, assustando-a.

Já na horinha de sair, pediu um minuto ao marido. Correu ao quintal. Era uma tarde inteiramente azul e os pessegueiros estavam soberbamente floridos. Demorou-se a olhá-los, a despedir-se deles.

Lá de fora o marido buzinando, impaciente. Ela quebrou um galhinho flôreo e foi andando de costas. Tropeçou na escada da cozinha, esfolando um pouco o cotovelo e os joelhos. E, chorando baixinho, apressou-se para a caminhonete, apertando o raminho de pessegueiro contra o peito.

* * *

Rio! Gilberto parecia extasiado. Tão diferente da Barragem! A Guanabara deixou-o embasbacado. E o céu? Jamais vira tão lindo. O ar, o asfalto, o cheiro de cidade grande, os automóveis enormes, tudo enfim.

Comprou um apartamento à rua Barão de Ipanema. Mas seu sonho mesmo era um à Avenida Atlântica, bem de frente para mar. Queria sentir o dia todo aquele cheiro de sal. Já Silvana não aprovou muito:

— Cruz! Que cheiro horrível. Passo enjoada o dia todo.

Ele deu de ombros:

— Acaba-se acostumando.

E puxando-a para a sacada a mostrar-lhe o mar lá no começo da rua:

— Já viu coisa mais linda?

Silvana limpou uma lágrima teimosa:

— Queria ver tanto meus pessegueiros...

Gilberto fitava o mar, encantado:

— Ora! Deixe de ser chata.

Ela ficou transtornada. Era a primeira vez que o marido lhe falava assim. Em todo o caso podia ser o cansaço. Gilberto notou seu olhar desiludido. Acariciou-lhe distraidamente o queixo:

— Não me leve a sério. Estava apenas querendo confortá-la. E' preciso esquecer aqueles pessegueiros. Que é que eu vou fazer? Meu serviço lá terminou. Vamos procure gostar do mar.

Mas Silvana não conseguia gostar daquele monstro ora azul, ora verde, cheirando a sal. Constatou isto dois meses depois que estavam na nova residência. Gilberto havia arrumado uma tur-

ma de amigos para ir à praia e convidou a mulher também:

— Vamos. São camaradas lá do escritório... Turma boa...

Para não ouvir outro «deixa de ser chata», concordou:

— Mas preciso comprar um maiô.

O marido sorriu satisfeito:



— Você é mesmo uma mulher e tanto... tá aqui o dinheiro. E brincalhão.

— Não me venha com um maiô preto. Tem mania de usar cores escuras...

Mas, na praia, entre os amigos de Gilberto, não se sentia muito à vontade, enfiada em seu maiô azul forte. As outras, as mulheres dos «amigos», pareciam olhá-la com certo ar crítico. Uma delas chegou a insinuar:

— O Dr. Gilberto é tão conservado...

Silvana fingiu não perceber. Procurava esconder suas pernas brancas, tornadas mais claras em contraste com as pernas queimadas das outras. E o complexo a martelá-la: o Dr. Gilberto é tão conservado... Qual! Eu é que estou acabada. Teve vontade de gritar para aquelas sirigaitas. O Gilberto não está conservado. Está com a idade que Deus lhe deu. Quem é uma velha sou eu, sou eu, sou eu...

E uma onda veio lamber-lhe os pés. Encolheu-os ao contato daquela língua fria. E se procurasse tornar-se alegre? Era preciso. Senão todos iam descobrir sua ferida, que só agora se abria. Alguém propôs:

— Vamos até a arrebenção? Todos concordaram em coro.

— E a senhora? Senhora era Silvana. Levantou-se num pincho. Pra que estava ali? Se sabia nadar? Não. Quer dizer, um pouco.

Água fria, água pesada, água traçozeira. Uma onda grande. Silvana pulando, Silvana de trambolhão. Água pelo nariz, boca, ouvidos. Pernas e braços misturados. Afinal em pé na areia, apavorada, o corpo doendo, o nariz ardendo. Todo o mundo a rir-se entre palavras de alento:

— Não foi nada.
— Batismo do mar.
— Não brinque com Netuno...

E ela quase chorando, querendo «ir pra casa». Gilberto danado da vida:

— Estragou-me o dia...

Silvana sentia-se infeliz, sempre saudososa da paz da sua casinha na Barragem. Todos os anos, em setembro, ficava a pensar nos pessegueiros. Certamente que haviam de estar floridos!

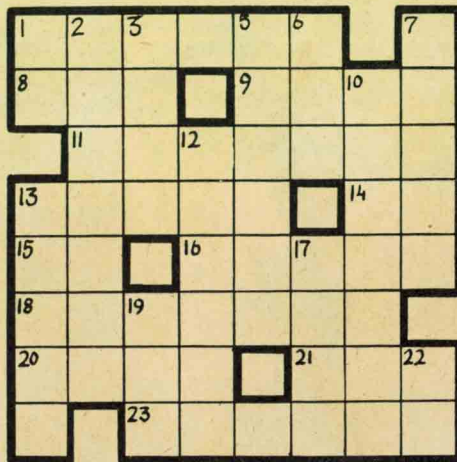
Se ao menos tivesse filhos... Mas qual! Tinha que se conformar. Viver ali o resto da vida. Ainda mais agora com o apartamento novo à Avenida Atlântica.

Não tinha nem tempo de envelhecer sossegada. E bem que já era tempo. Com cinquenta

(Conclui na pág. 77)

PALAVRAS CRAUZADAS

NOVATOS

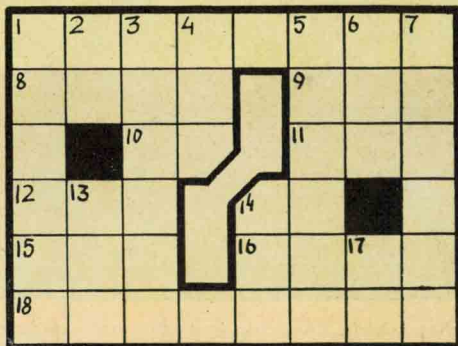


HORIZONTAIS: 1 — (fig) Sem dinheiro; liso. 8 — Anel. 9 — Comprar garrotes de um ano. 11 — Série de cartas de um só naipe. 13 — Ato de tirar alguma coisa da água. 14 — Símbolo químico do Érbio. 15 — Rio Grande do Sul. 16 — Gradea com arame. 18 — Ousada; atrevida. 20 — Cume. 21 — Braço de rio próprio para navegação. 23 — Marido.

VERTICAIS: 1 — Instrumento agrícola. 2 — Este pequeno cruzadista. 3 — Apologias. 5 — Encontra; topa. 6 — Reza. 7 — Ave trepadora. 10 — Além disso. 12 — Todo aquele que, desejando subir muito, se vê vítima da sua ambição (pl). 13 — (fig) dinheiro; arame. 17 — Pátio. 19 — Flor simbólica nacional. 22 — Contração.

ERNESTO ROSA NETO

VETERANOS



HORIZONTAIS: 1 — Planta da família das rosáceas. 8 — Vitória régia. 9 — Afirmação. 10 — Forma arcaica do artigo «o». 11 — Cesto de palha de carnaúba, provido de alças, para guardar objetos. 12 — Avestruz. 14 — Símbolo químico do metal de nº atômico 68. 15 — A pátria. 16 — Consumpção. 18 — Cachoeira do rio Tocantins (pl).

VERTICAIS: 1 — Porção interna do óvulo dos vegetais. 2 — Interjeição. 3 — Desmontara. 4 — Doçura. 5 — Emprestar dinheiro com mesquinhez. 6 — Gracejar. 7 — Livres. 13 — Oceano. 14 — Nome da letra que no alfabeto grego corresponde ao nosso «e». 17 — Duas vezes.

SOLUÇÕES ANTERIORES

VETERANOS: Horiz.: Pélagos — da — utar — azar — sa — lis — if — domo — cepo — ir.

Vert.: Paz — luridos — at — gaz — orador — damice — al — so — fel — mio — pi.

NOVATOS: Horiz.: Pala — fas — aga — fada — ru — pi — al — araxá — apara — na — ar — pa — arar — cal — lar — para.

Vert.: Par — água — lá — fá — ala — sula — fixar — pagar — rá — ar — anal — apar — ara — ala — ar — ca.



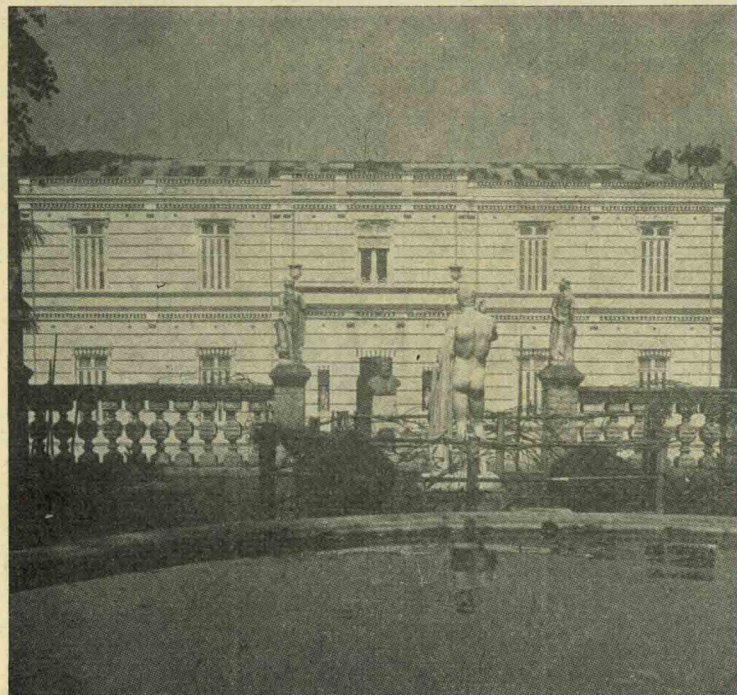
Na imponência moderna de seus quinze andares, na movimentada esquina da Av. Rio Branco com Halfeld, o tradicional Clube de Juiz de Fora tem tanto de magnificente por dentro, quanto de agradável e bonito por fora.

Juiz de Fora: sala de visitas de Minas Gerais

Reportagem de COSETTE DE ALENCAR

HÁ um quarto de século, mais ou menos, o poeta Manoel Bandeira, de passagem por Juiz de Fora, escreveu um poema em que cantava a graça provinciana das «velhas chácaras senhoriais da rua Direita». Creio que o aludido poema falava ainda das copadas mangueiras e louvava os pacatos bondinhos da Mineira que levavam, com pachorra e segurança, o cidadão do Alto dos Passos à Fábrica, em lentos e saboreados passeios dominicais... Isto foi há um quarto de século, talvez um pouco menos. Voltasse o poeta, agora, a Juiz de Fora e o novo poema que, fatalmente, a cidade não deixaria de inspirar-lhe teria de cantar outros encantos, que a cidade nada mais tem agora de provinciana. Das cidades de Minas Gerais, será Juiz de Fora, com certeza, a menos mineira de todas; e quem a visita hoje, pela primeira vez, não poderá deixar de espantar-se com o aspecto verdadeiramente extraordinário que ela oferece.

O centro da cidade pontilha-se de arranha-céus moderníssimos,



Esta vista panorâmica nos mostra a sala de visitas de Minas : esplêndida demonstração da capacidade realizadora do montanhês.

O Museu Mariano Procópio — monumental no seu aspecto arquitetônico e extraordinário pela significação das relíquias históricas e artísticas que guarda — constitui uma das maiores atrações turísticas de Minas. Merece publicidade para que brasileiros de todos os Estados o visitem e se surpreendam...



O Instituto Grambery — cuja fama tornou-o um símbolo da cultura juiz-forana — continua a honrar as suas tradições, numa reafirmação de que o povo, integrando-se no ritmo do presente, está atento à sabedoria do passado...



Esta é a nova Catedral de Juiz de Fora, e está sendo construída pelo povo da cidade, há anos, tostão por tostão... O exterior não revela o que é o seu interior, que prova, calmamente, que é de vagar que se vai ao longe...

Juiz de Fora

que se multiplicam num crescendo ininterrupto, a tal ponto que o viajante que faz a praça de Juiz de Fora, se se ausenta por um período mais dilatado, de três a quatro meses, digamos, terá sempre um edifício novo para admirar quando regressar.

Se nem sempre o bom gosto preside a estas construções, há exemplos que mostram estar o juiz-forano habilitado a fazer de sua cidade uma jóia arquitetônica: veja-se o edifício do Clube Juiz de Fora, associação que congrega a nata social da cidade, que resultou numa obra majestosa, com seus quinze andares, cujas linhas harmoniosas representam um ornamento para a cidade.

A tradicional rua Halfeld, coração em que pulsa a vida do grande município, nos últimos dez anos mudou totalmente de aspecto: as casas velhas foram sendo derrubadas e erguem-se agora, no

lugar delas, as modernas construções que o progresso da cidade exigia. Cada casa bancária faz questão de possuir aqui sua sede própria, e estas sedes se rivalizam em beleza e conforto, havendo algumas que, realmente, podem ser consideradas tão belas como as que se vêem no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e em São Paulo. Ainda há pouco foi inaugurada a nova sede do Banco de Minas Gerais, funcionando em um edifício de onze andares, construído com todos os requintes do conforto moderno. Cada um destes edifícios que a cidade ganha, traz-lhe um acréscimo de apartamentos residenciais, lojas elegantes e novos escritórios.

Quanto às lojas elegantes, as novas galerias que, muito caracteristicamente — há quem diga que tais galerias são uma nota muito pitoresca e muito particular na topografia da cidade — vêm-se multiplicando, para ligar

as artérias centrais (Rua Halfeld com rua Marechal Deodoro, rua Halfeld com rua São João, por exemplo), coagulam-se logo de lojas que, pequenas e graciosas, dão ao centro da cidade um aspecto verdadeiramente encantador... Tais pequenas lojas, enchendo as galerias todas, atestam a vitalidade comercial de Juiz de Fora — que se exprime hoje em algarismos altos, visto como o comércio da cidade não se compõe apenas das graciosas e pitorescas lojinhas em questão, mas inclui casas enormes, do tipo das famosas Lojas Regente, que empregam um batalhão de empregados e onde o freguês pode adquirir, em poucos minutos, um enxoval completo para uma noiva de qualquer classe. Aliás, Juiz de Fora tem, no seu comércio, os nomes mais tradicionais: tem uma loja Singer, tem uma loja Remington, tem uma loja Frigidaire, tem uma lo-

ja General Electric, tem os famosos sapatos Clark, tem as famosas casemiras Huddersfield, tem as suas Lojas Americanas — e talvez não se encontre, mesmo fora de Minas, outra cidade que, com sua população, a tal título, possa com ela competir. Por um acaso verdadeiramente milagroso, a proximidade do Rio de Janeiro, cujos duzentos e treze quilômetros de distância vencem-se hoje em três ou quatro horas de automóvel, não matou o comércio local, antes logrou dotá-lo de um refinamento que está muito longe do provincianismo tancanho... O que a rua do Ouvidor usa pela manhã está, à tarde, na rua Halfeld — e a elegância e graça da juiz-forana lembram muito a graça e a elegância da carioca, sobretudo nos atavios de ambas que soem ser exatamente os mesmos. Até o doce bronzeado da carioca, adquirido em Copacabana, pode ser notado na juiz-forana: ou adquirido em Copacabana mesmo (no-

te-se que da Estação Rodoviária local partem, de meia em meia hora, confortabilíssimos ônibus para o Rio de Janeiro...), ou adquirido nas piscinas que os clubes elegantes da cidade (o Esporte Clube, o Clube Bom Pastor e outros) oferecem, e que se tornam viveiros pululantes tão logo os primeiros calores se anunciam.

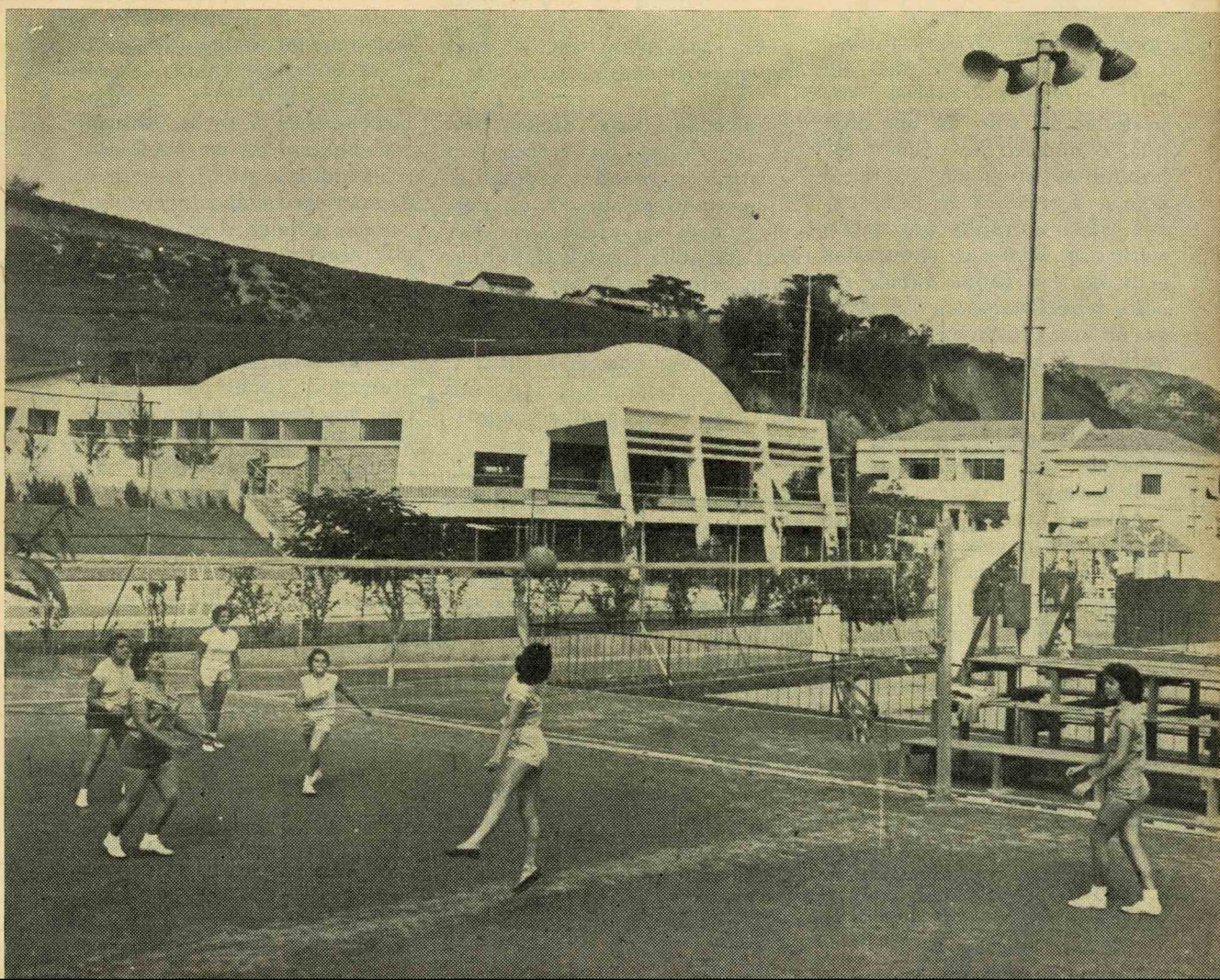
Dinâmico e moderno, o juiz-forano está-se habituando a viajar de avião: ainda que a cidade esteja ligada, por ótimas rodovias, a Belo Horizonte e ao Rio, com linhas de ônibus para São Paulo e para o interior de Minas, sendo verdadeiramente o coração da zona da Mata (que abastece e por quem é abastecida também), o moderno aeroporto da Serrinha, inaugurado há pouco pelo presidente Kubitschek, construído em colaboração pelo governo da cidade e pelo governo federal, tende a ser, no futuro, a porta de entrada e saída de Juiz de Fora... Já agora duas ou três empresas aéreas prestam seus

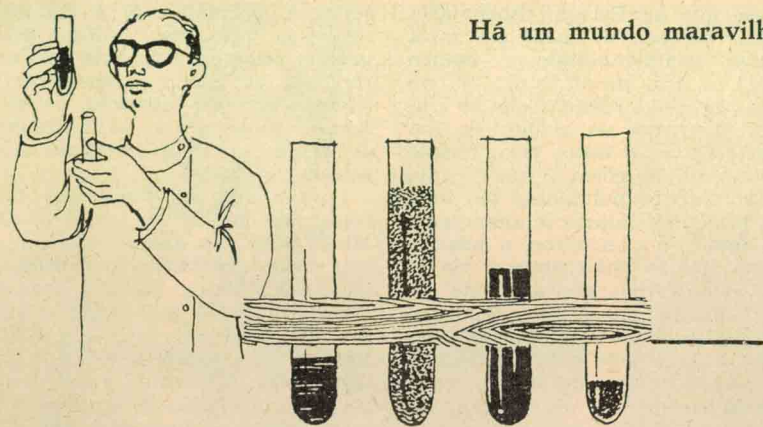
serviços à cidade. E é comum verem-se possantes aviões sin-
grando pelos céus de Juiz de Fora, onde há pouco só chegavam, subindo do vale laborioso, os rolos de fumaça que as centenas de fábricas locais jorravam in-
fatigavelmente...

Porque Juiz de Fora, que foi cognominada de Manchester de Minas, tem um acervo não inferior a seis centenas de fábricas. Que não fabrica ela? A indústria têxtil local é famosa, sendo grande exportadora de tecidos. Fabrica o algodãozinho e o riscado, mas fabrica também fustões e estampados de grande beleza, cetins e brçados, tricolines e cretones, «voiles» e opalas finíssimos. Se São Paulo tem seus grandes nomes industriais, Juiz de Fora também tem os seus: Mascarenhas, Guimarães, que aliam à tradição uma evolução hábil, à altura dos tempos. A cidade, que já foi exclusivamente operária, ainda o é em

(Continua na pag. 48)

A mocidade juiz-forana pratica esportes na quadra de volei do magnífico Clube Bom Pastor, cujas instalações modernas constituem a melhor recomendação para seus dirigentes, sempre atentos ao progresso da cidade.





Nossos amigos os micróbios

PARA despertar o nosso interesse pela vida misteriosa da terra, basta recordar o que disse Selman Waksman, descobridor da estreptomicina: num pequeno dedal de terra vivem seres que superam, em número, os habitantes dos Estados Unidos. Indo mais longe, podemos afirmar, com base em rigorosas verificações estatísticas, que num só grama de terra, tirada da camada superficial do solo de um bosque, o número de pequeninos habitantes pode ser expresso com o 3 seguido de nove zeros. Essa estranha população varia conforme o ritmo das estações e a profundidade do solo, sendo maior na primavera do que no inverno ou no verão. E, quanto mais penetramos pela terra adentro, menor se torna essa população; mas, assim mesmo, os números são sempre respeitáveis, pois, a 20 metros de profundidade, num só grama de terra ainda vivem 600 milhões de indivíduos.

Falar de indivíduos pode parecer um pouco estranho, mas, honestamente, não sabemos que outro nome dar aos micro-organismos que pululam na terra. São animais e vírus que desafiam nossos microscópios; são algas, fungos e bactérias, formadas de uma única célula; são seres vivos que se alimentam, que combatem

entre si, que morrem depois de haver realizado a função da multiplicação.

Um só micróbio pode dar a vida, em oito horas, a dezesseis milhões de descendentes, não havendo, assim, nenhuma fantasia nas descrições de uma louca agitação da vida subterrânea que pulsa a cada instante debaixo de nossos pés. Vida silenciosa, à qual devemos a nossa existência e as mais altas conquistas da civilização. Com efeito, sem os micróbios da terra, não existiria o mundo vegetal e, assim, não existiriam os animais nem os alimentos. Foi por isso que o mesmo Waksman, numa entrevista, afirmou aos jornalistas que, se não existissem os micróbios, aquela conversa não se realizaria, pois não teriam nascido nem os jornalistas nem o cientista.

Os habitantes do solo são, evidentemente, de dimensões infinitesimais, e só puderam ser descobertos com auxílio das máquinas centrífugas e do microscópio eletrônico, ou através da verificação de sua influência sobre os animais, as plantas e o homem. Entre esses seres, há alguns que são muito perigosos (inclusive, talvez, os bacilos da lepra e da tuberculose), mas isso não é motivo para alarmar ninguém, pois já se verificou que, entre 30.000 tipos, apenas um

é nocivo ao homem. E a ameaça eventual fica, assim, reduzida a quase nada, diante da constatação de que os micro-organismos desempenham, de um modo geral, uma função útil e benéfica na manutenção da fertilidade do nosso planeta.

As suas exigências são as mais modestas possíveis. Se dispõem de oxigênio, trabalham com empenho; se não dispõem, outros tipos se adaptam a essa situação absurda e trabalham da mesma forma, realizando a grande tarefa de demolir as moléculas orgânicas, as células dos animais e dos vegetais que terminam na terra. Para isso, desfazem as moléculas complexas, para transformá-las em elementos ou compostos mais simples, oferecendo-os às plantas, que, por sua vez, constituem novas células e novas vidas. Estranhos indivíduos! Passam a vida a devorar e a digerir, e, no entanto, não têm boca nem estômago. Todas as partes de seus organismos funcionam igualmente, assimilando a matéria orgânica e libertando os restos, porque não existe uma divisão de funções, como nos organismos superiores.

Não é possível descrever em minúcias o trabalho dos micróbios. A ação mais importante é a que diz respeito ao ciclo do carbono e do azoto, que interessam diretamente à

vida do mundo vegetal e à alimentação do homem. As plantas produzem açúcar, gorduras, ácido, celulose e álcool, mas, para realizarem esta série de prodígios, precisam de um elemento fundamental — o carbono — que retiram do próprio ar. Entra em funcionamento, então, a clorofila, pigmento que dá às folhas a cor verde, e, através de processos químicos que só agora começam a ser conhecidos em seus detalhes, a planta constrói os materiais necessários à vida. Depois da morte da planta, aparecem as multidões de micróbios, as quais dissolvem as células complexas, reduzindo todos os produtos às moléculas originais, inclusive o carbono, que outras plantas assimilarão no ciclo de novas existências.

O azoto tem, igualmente, uma função essencial na economia vital, porque entra na formação das proteínas vegetais e animais. As plantas se asseguram a provisão desse elemento com o concurso dos micróbios, numa série de operações muito estranhas. Bastam umas poucas folhas que se destacam dos ramos e caem ao chão, basta o cadáver de um minúsculo animal ou mesmo uma parte mínima dos seus dejectos, para que os micróbios comecem a trabalhar no interior das células, a fim de restituir o azoto incorporado no organismo, sob a forma de sais amoniacais, nitratos, etc. Por sua vez, outras plantas se aproveitam da nova provisão de azoto mineral, para transformá-lo novamente em azoto «vivo». E assim acontece até o momento final da prestação de contas, que coincide com a morte e que dará início a um novo ciclo, cabendo aos micróbios, em tudo isso, a tarefa de tirar da morte uma nova centelha de vida.

* * *

Quem gosta de jardinagem

conhece as preciosas virtudes de uma terra negra, granulosa e macia, que serve para preparar o «leito» ideal para as plantas mais delicadas. É o **humus**, que se encontra nos bosques e que pode ser obtido macerando-se detritos de origem animal, folhas e raminhos. Mas a virtude do humo depende da transformação incompleta desses detritos, e o fenómeno é atribuído aos vários micróbios que prosseguem no seu trabalho com ritmo sem igual. Quando se trata de detritos leves, a decomposição ocorre rapidamente e os micróbios não tardam a reduzir as moléculas complexas em carbono e, em seguida, em água, anidrido carbônico, e amoníaco. Mas quando os detritos não são facilmente solúveis, o trabalho torna-se mais complicado, antes de atingir o objetivo essencial, que é exatamente o de solubilizar os detritos. As partes lenhosas (celulose) são as que mais resistem aos micróbios, dando ao humo um aspecto particular.

Os técnicos costumam falar em «estrutura coloidal». Procuraremos explicá-lo com uma descrição exata: quando se toma um punhado dessa terra negra e macia, nota-se logo que é composta de grãos finos, cujo diâmetro não é de mais de um milésimo de milímetro. Cada grânulo é carregado de electricidade negativa, e, como partículas com a mesma carga elétrica se repelem, o humo não passa de um composto de grãos que permanecem isolados, suspensos, sem se aglomerarem. Daí, é fácil compreender porque a terra é porosa e tem a propriedade de reter a água, estabelecendo condições excelentes para favorecer a germinação.

A carga negativa tem o efeito de atrair outras moléculas com electricidade positiva, de iônios metálicos que, assim, são fixados à terra e ofereci-

dos diretamente ao mundo vegetal. Isso explica a surpreendente riqueza do humo.

Mas os vermes também contribuem para manter a eterna fertilidade da terra. Sejam vermes microscópicos (nematóides) ou vermes compridos (anelídeos), merecem que reconhecamos a sua dignidade, ainda que tenhamos de vencer certa repugnância, quando temos entre as mãos esses animajinhos de corpo móvel, viscoso e rastejante. Com a sua incessante deslocação, os vermes revolvem o terreno, tornando-o macio e adaptado à passagem da água. Mas é a sua função digestiva que interessa antes de tudo, porque as partículas de terra que passam através do seu tubo digestivo acabam enriquecidas e vivificadas. A população dos vermes chega a limites realmente impressionantes, pois, em cada hectare de terreno adubado podemos contar cerca de dois milhões de indivíduos. Noutras palavras, quase quinhentos quilos de vermes. Diante disso, é óbvio que o humo e o adubo formam para eles o ambiente local.

Se nas camadas superficiais do solo pulsa uma vida assim intensa, é fácil imaginar quanto é dura a existência dos micróbios. Com efeito, a luta é contínua e feroz e as melhores armas são certas secreções que eles usam para liquidar os concorrentes e saqueadores. O homem, realmente, descobriu um tesouro inexaurível, quando se deu conta desse fenómeno, porque percebeu que poderia servir-se dessas secreções para combater exatamente certos micro-organismos nocivos. Abriu-se, assim, o capítulo dos antibióticos, isto é, daquelas substâncias produzidas sobretudo pelos fungos microscópicos e pelas bactérias, e que auxiliam o médico na luta contra as mais variadas doen-

CRIANÇAS



PREPARE SEU FILHO PARA A LEITURA

SE a senhora tem um filhinho com três, quatro ou cinco anos, está ao seu alcance fazer muita coisa que o ajudará a aprender a ler com relativa facilidade, quando ele entrar para o curso primário.

Comece a ler para ele diariamente, durante uma hora ou mais. Leia-lhe algumas poesias simples, para despertar-lhe interesse pela rima das palavras. Se a senhora citar uma palavra e pedir-lhe que enumere algumas que rimem com ela, é bem possível que o faça. Quando estiver lendo para ele, acompanhe a linha das palavras com o dedo, de vez em quando, para que ele observe o sentido da esquerda para a direita.

E' de grande importância que a senhora mantenha conversações amigáveis com ele, ouvindo-o com atenção, procurando responder às suas perguntas e explicando o que fôr necessário. Desenhe ou cole algumas figuras numa folha de papel, fazendo duas colunas: uma à direita, e outra à esquerda. Peça-lhe que faça um sinal com o lápis, marcando a trajetória da figura da esquerda para a da direita.

Outro exercício bastante agradável, e cujos resultados são excelentes, é aquele feito com o auxílio de pequenos objetos dispostos em fileira. Peça-lhe que observe atentamente, enquanto a senhora toca em alguns deles, da esquerda para a direita, e depois lhe sugira fazer o mesmo. Ajude-o também a desenvolver sua capacidade de memorizar, dando-lhe pequenas tarefas, que serão executadas depois que a ordem estiver completa. Por exemplo: **Abra a porta e ponha esse livro sobre a mesa. Feche a porta, traga-me o livro, e abra-o.**

Coloque duas vasilhas diferentes no chão e, ao lado delas, um monte de batatas e laranjas, misturadas. Diga-lhe, então, para colocar as batatas numa vasilha, e as laranjas na outra. Se ele se desincumbir da tarefa, a senhora poderá aumentar o número de vasilhas e variar também os objetos. Esse exercício é ótimo para desenvolver as faculdades de observação, de comparação e de classificação da criança.

Além dessas, a senhora poderá inventar outras atividades semelhantes. Peça à criança que a imite no traçado de uma linha horizontal ou vertical, no traçado de figuras geométricas, tais como triângulo, quadrado, retângulo. Chame a sua atenção para os letreiros das lojas, e ajude-a, brincando, a conhecer tôdas as letras do alfabeto.

Na escola, a criança aprenderá a ler juntamente com outras e, neste caso, é muito bom que já esteja habituada às tarefas e atividades em grupo. Providencie, pois, a leitura de histórias para ela, quando outras crianças também estiverem presentes. — **Dr. Garry C. Myers.**

ças. Da penicilina à aureomicina, à estreptomicina e à própria terramicina, o progresso tem sido contínuo e ninguém pode imaginar as surpresas de amanhã. Basta pensar que já são conhecidas mais de duzentas substâncias antibióticas e que apenas cerca de uma dezena é utilizada pela medicina.

Mas nem assim o nosso panorama ainda fica completo. Naquele pequeno dedal de terra, que Waksman mostrava aos jornalistas espantados, não viviam apenas os aventureiros exércitos de micróbios. Ao lado destes existem vitaminas e hormônios em abundância, influyendo no desenvolvimento das plantas. As células dos vegetais se desenvolvem porque, na linfa, circulam substâncias particulares, que têm justamente a tarefa de estimular as trocas com o ambiente e de reforçar o ritmo de crescimento. E, com a morte das plantas, esses hormônios e vitaminas passam para o chão e formam a provisão inexaurível a ser aproveitada por outras plantas que começam a viver. — **Mário Cardano.**

☆☆☆

Casada, cansada e...

Conclusão da pag. 47

tado normal dos acontecimentos. Era só eu pensar: — «Tudo sob contrôlo» — e considerar a possibilidade de quebrar meus quadros a óleo ou entrar para um clube dramático e um menino ficaria perdido ou doente, ou cairia de uma árvore.

A resposta, sempre jovial, para isto deve ser:

— Nunca tive na vida um minuto enfadonho!

Ah, é? — **Hilda Cole Espy.**

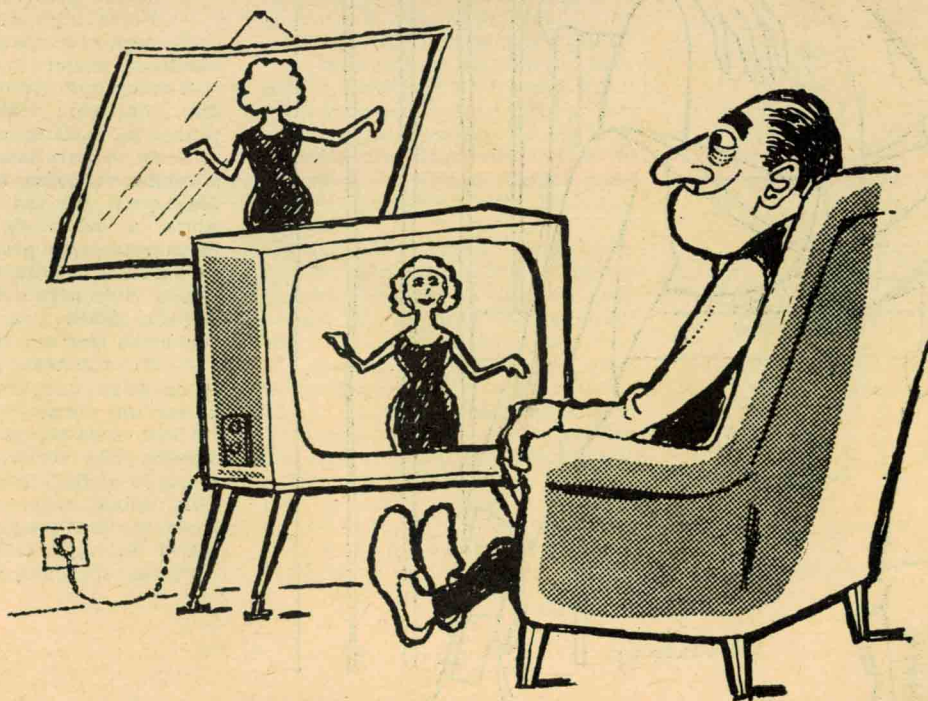
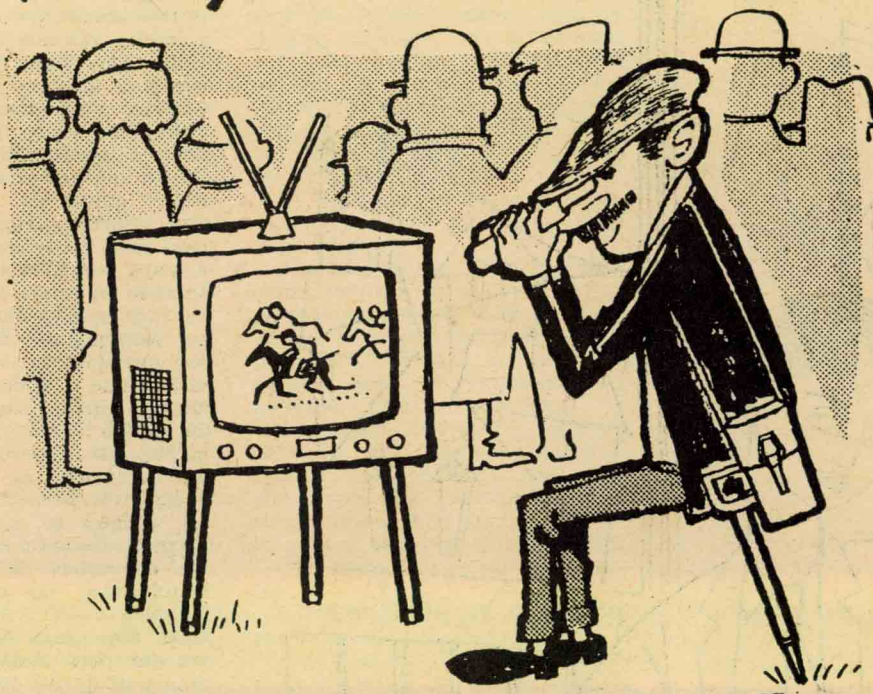
☆☆☆

HUMOR DO REVERENDO

O Reverendo Jack Leonard, da cidade de Sydney, Austrália, que é também um ventríloquo, apareceu em sua igreja, certo domingo, carregando um boneco de madeira e obrigou os meninos da escola dominical a ouvirem o boneco fazer um sermão de vinte minutos.

humor

S.MAN





VAGAROSAMENTE, ia o trem estrada a fora trazendo irresistível sono aos passageiros. Um deles, porém, nem sequer cochilava.

A sensação e o entusiasmo faziam-no achar bela a paisagem triste: capim amarelo e rios secos que recebiam, pela primeira vez no ano, aquela chuvinha racionada, cujos respingos serviam apenas, para embaciar o vidro sujo das janelas.

Augusto, que de agosto só tinha o nome, deparara na vida com a sua primeira oportunidade. Filho único de um casal de agricultores portugueses, não nasceu com vocação para tal, isto é, para ser filho de portugueses. Quando apareceu em sua gengiva rosada, o primeiro dente, seu pai sentenciou: «Este miúdo vai ser um doutor». Mas, com que dificuldade o pobre garoto, franzino e tímido, tirou o diploma de Grupo! Sua timidez era tamanha que a custo a professora lhe arrancava as palavras. Em casa, vivia pelos fundos do quintal, sempre só, a jogar bolinha de gude. Desde o raiar do dia, ouvia os raios de sua mãe que terminavam no mesmo estribilho:

— Este raio de garoto, não vai dar para nada! Como é que uma portuguesa forte e bem disposta como eu, fabricou um emjerido como este! A mim ele não puxou!

O marido gritava logo:

— Foi a mim, foi?!

Começava a discussão e ele escondia-se mais.

Aos catorze anos, quando, enfim, conseguiu receber um canudinho, ao qual deram o nome de diploma, o pai, desanimado, pô-lo a vender verduras, em sua banca. Mas qual! foi um fracasso; não abria a boca. Se alguém lhe perguntava os preços, encolhia-se todo e nada dizia; tomava fintões e vivia a roer unhas. O português, desta vez, enfezou-se e decidiu o destino do filho:

— Tu tomarás jeito; irás interno para um seminário e hás de ser um cura.

Cinco anos por lá ficou e voltou dizendo não ter vocação. O pai suspirou mais aliviado; agora, o filho sabia como um doutor e podia ser professor da escola primária do lugar, aliás a única.

Pôs-se em campo aberto para

Wharting

De castelo em

castelo, o absorto mestre Augusto não

a luta: leitão para o coronel Oromzimbo, peru para o coronel Pôncio, frangos e ovos para todos os políticos maiores do lugarejo e o filho tornou-se o «mestre Augusto».

Tanto se esforçou o mestre Augusto que o inspetor, ao fazer sua visita à escola, achou que seus alunos eram os mais adiantados. Elogiou-o muito e viu nele um bom substituto para ir, em seu lugar, inspecionar as escolas vizinhas. Enquanto isto, iria para a caçada com um grupo de amigos... Deu a Augusto um cartão de apresentação e carta branca para agir em seu nome, prometendo-lhe, se tudo saísse bem, protegê-lo o bastante, para fazer uma rápida carreira.

Aí surgiu a oportunidade de Augusto, porém, lá no fundo de sua alma, estava a timidez a roer-lhe, como outrora suas unhas eram roídas.

O trem fez uma breve parada numa estaçãozinha e entrou um homem conhecido de seu vizinho de trás:

— Olá Bastião! Você por esses lados?

— Sim, fui convidado para a festa do coronel Campos.

— Festa?!

— Um festão! Você sabe que ele tem dez filhas, não é? Todas se casaram, menos a mais velha, a Ambrósia; apesar de riquíssima, ninguém a quer, é feia demais. Acontece que o coronel Macedo, inimigo político do coronel Campos, também tem dez filhas e casou-as todas. Ora, o coronel Campos não quer ficar por baixo; encomendou ao irmão que mora em Cantagalo, um noivo para a filha. Prometeu um dote imenso e uma de suas Fazendas. O noivo é esperado hoje e o coronel quer fazer uma festa de arromba, para mostrar ao inimigo quanto pode.

Augusto não mais prestou atenção àquela conversa; estava por demais imerso em seus pensamentos fagueiros: o almoço oferecido ao inspetor, os discursos, as festinhas infantis, os presentes... Depois viria a glória; seria também inspetor e quem sabe não arranjaria por sua vez um substituto, enquanto ia à caça?...

De castelo em castelo, o absorto mestre Augusto não percebeu que o trem parava na estação da Vila. Foi o último a sair e nem viu os rostos risonhos que o es-

piavam da plataforma. Chegando à portinhola, estacou: nunca vira em vida tantas pessoas a esperá-lo e a sorrir-lhe, batendo palmas. Agradeceu, numa curvatura gentil e foi carregado para a plataforma, onde o fizeram subir em um tablado.

Augusto achou natural aquela recepção a um inspetor, mas em poucos segundos, seu entusiasmo arrefeceu, porque, não foi nada natural, a chegada daquele homenzarrão vermelho, de botas, e que quase o eclipsou num abraço. Voltando-se para os presentes, berrou:

— Senhores, este escovado rapaz é o noivo de minha filha Ambrósia.

Augusto quis protestar, mas, como, naquela barulhada infernal de palmas e vivas? Chegou a puxar o homenzarrão pelo paletó, justamente na hora em que este gritava para a «bandinha» ali, ao lado: «Música! Música!»

O maestro não se fez esperar; começou uma daquelas músicas cruéis, que doem até nos ouvidos dos surdos. Terminada a música, o angustiado Augusto virou-se para o despótico homenzarrão:

— Senhor, preciso explicar-lhe...

— Silêncio rapaz! O Prefeito vai falar.

A arenga do Prefeito fazia estalar a cabeça do tímido Augusto. Quando aquele se calou e as palmas também, Augusto abriu a boca para falar, mas ficou com ela aberta, como quem toma leite quente. É que o fazendeiro lhe dera uma forte tapa nas costas:

— Não precisa agradecer, meu genro. «Seu» Prefeito está acostumado a elogiar-me. Para isto ganha muitos leitões! Ah! Ah! Ah!

— Mais uma tapa nas costas de Augusto. — Vamos, vamos para o carro; Ambrósia está lá à sua espera.

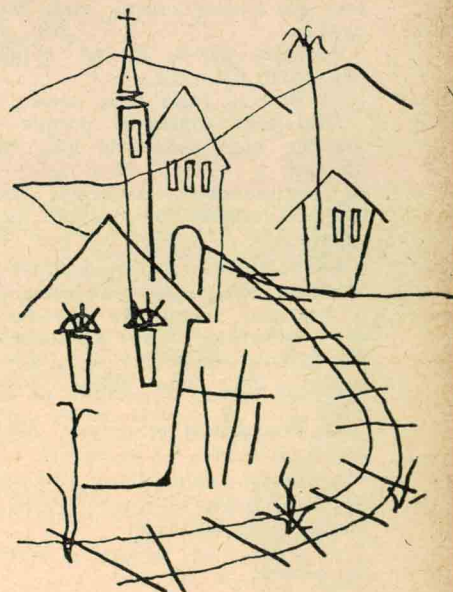
Sem saber como, quase carregado, Augusto achou-se dentro de um Ford 28, ao lado de Ambrósia. Ao deparar com a «noiva», seus olhos esbugalharam-se e a cabeça rodou como um pião, no pescoço fino e engravatado. «Não! — gritou em pensamento, — Assim também, não!» Ambrósia era horrível, por isso é que capiau nenhum a quis! Enorme, pele grossa e vermelha, nariguda, boca funda... Não, não faltava nada mais para ser horrorosa, pois se até bigode possuía!

Menção Honrosa
no Concurso
«Cia. de Seguros
Minas-Brasil»

MESTRE AUGUSTO

DORALICE DE OLIVEIRA

Ilust. de Wilma Martins



percebeu que o trem parara na estação da Vila. Foi o último a sair...

Augusto encolheu-se todo, frio suor corria-lhe pelas faces, fazendo ponto final no apertado colarinho. Um solavanco do velho Ford, fê-lo voltar a si. Aprumou-se disposto a falar, mas... o coronel deixou? Falava sem parar, dando tapas, ora nêle, ora nela, e Augusto recebia uma verdadeira chuva de perdigotos...

A chegada à casa do coronel, foi pior: foguetes, bandeiras, música e o coronel a espicaçá-lo:

— Não fique tão sério, rapaz. Pode dar o braço a Ambrósia.

A família reuniu-se a eles e o coronel começou a apresentação:

— Minha velha, aqui está seu futuro genro...

Nesse ponto confuso da situação, já bastante comprometedor e diante de mesas superlotadas de coisas gostosas e bebidas finas, Augusto resolveu calar-se e deixar o barco navegar até ir de encontro a um rochedo. Esse rochedo seria a hora em que ficasse a sós com Ambrósia. Então diria a verdade. Mas, até lá, aproveitaria a festa e forraria o estômago. Ambrósia sentou-se a seu lado, disposta a servi-lo. Tudo que punha no prato, Augusto comia, tudo que punha no copo, Augusto bebia. Quando a aceleração de seu pulso, estava a cento e sessenta, seu vizinho, de lado, cochichou-lhe:

— Eu viajei com você e não sabia que era o tal! Aqui, entre nós, ela é uma «onça», mas tem «gaita»...

Augusto pôs-se de pé, dando um murro na mesa:

— Preciso falar uma coisa...

Não pôde continuar porque o vizinho, com medo de que ele dissesse a «coisa», fê-lo sentar-se, acalmado-o. Ambrósia por sua vez, aconselhou-o a não dar espetáculo.

Lá pelas onze horas, o coronel mandou todo mundo ir-se embora, e exausto, tratou de recolher-se. Ambrósia, toda gentilezas, foi mostrar ao noivo seus aposentos. Este não estava pela coisa:

— Precisamos conversar, Ambrósia, e é já.

Ambrósia apontando o sofá, deu um largo sorriso, prevenindo ternas palavras:

— Pois não, Augusto, estou às ordens.

Foi com um secreto temor que ele sentou-se ao lado dela, mas apelou para toda a sua coragem:

— Ambrósia, sinto muito, tudo foi um grande equívoco. Não sou o seu esperado noivo. Eu...

Ambrósia já estava de pé à

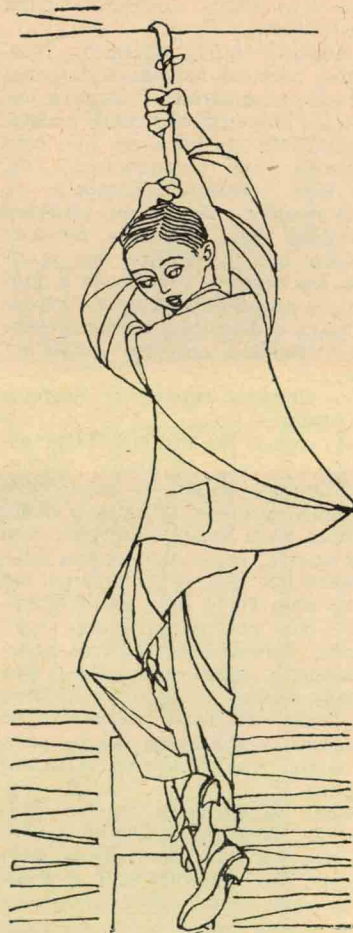
sua frente: aquele monstro de Ambrósia arfava:

— E quem é você, então, «seu» patife?

— Eu sou o inspetor escolar, fui tomado de surpresa...

Ele tremia, mas Ambrósia não tremia, não! Estava acostumada a agarrar os bois pelos chifres. Depois de dizer-lhe um punhado de desaforos, terminou:

— Isto não fica assim! Você pensa que depois desta festa de arromba, você sai de fininho e eu fico humilhada, num canto? Está muito enganado. Você



vai ficar trancado aqui, enquanto eu vou buscar o velho para decidir.

Augusto sentiu-se perdido, quando ouviu o barulho da chave na fechadura. A coisa estava ficando preta para o seu lado. Mal-dita hora em que aquele inspetor... não, maldita timidez, isto sim! Também, ele não prestava mesmo para nada, foi o que ouvira desde criança...

O velho já estava deitado de camisola e gorro, como ainda era seu costume, quando Ambrósia

entrou e contou-lhe aquela história absurda. Não vacilou: pôs o 38 na cintura e foi resolver a situação. Não, aquele malandro não podia fugir, casaria por bem ou por mal! E... se o coronel Macedo soubesse de seu fracasso?

Quando a porta do quarto se abriu, Augusto levantou-se trêmulo, mas não pôde deixar de sorrir ante a grotesca figura do coronel: bigodudo, de gorro, camisola e cinturão. Este ao ver aquele sorriso, examinou, rapidamente, sua indumentária, mas aprumou-se, pigarreou e pôs a mão na coronha do revólver:

— Então, você quer deixar minha filha na mão, hein? «Seu» tratante!

— Mas «seu» coronel eu não pude...

— Não tem mas nem meio mas; você se casará com a Ambrósia, queira ou não e nada de abrir o bico. Pode inspecionar sua escola, depois dos papéis arranjados; quero tudo rápido.

— Eu preciso consultar meus pais...

— O quê?! Consultar seus pais?! Que quer mais? Ambrósia é um partidão! Riquíssima e trabalhadora. Olha aqui, rapaz, eu estou muito cansado, vou-me deitar, mas você dormirá aqui, trancado. Não quero perdê-lo por dois bons motivos: primeiro, não quero passar pela vergonha de ter-me enganado, dando este gostinho ao coronel Macedo, segundo, você é o genro que eu sempre sonhei: instruído, apresentável e sobretudo um bonito rapagão.

Bateu a porta com força, virando a chave na fechadura.

Augusto ficou ali, de pé, no meio do quarto. Tudo desaparecera de sua mente, exceto aquelas duas palavras: bonito rapagão! Pela primeira vez, procurou um espelho com outra finalidade que não a de barbear-se. Ali estava o grande espelho do guarda-roupa; mirou-se de alto a baixo. Era mesmo verdade! Como não havia ainda reparado? Nunca lhe disseram nada sobre aquilo. Sim, ele era um belo rapagão, tinha algo aproveitável e aproveitá-lo-ia! Augusto respirou fundo, fazendo ginástica com os braços. Aquelas palavras do coronel serviram-lhe de estímulo, deram-lhe novas perspectivas, vontade de agir e vencer a timidez, ser alguma coisa, pois que ele podia! Sim, podia «pescar» outra Ambrósia, bem mais bonita e tão rica quanto aquela... Mas, e a situação crítica em que estava? Qual crítica, qual nada! Ia agir e era já!

A casa estava em silêncio, abriu devagar a janela e inspecionou o local; casa antiga, sobrado de dois andares. Agora era agir, rapidamente. Com grande cuidado arrastou o guarda-roupa e colocou-o atrás da porta. Tirou da maleta uma gilete e não teve dó; cortou em tiras os lençóis. Deu-lhes nós de marinheiro, puxou a cama para perto da janela e ali amarrou uma ponta da corda. Não esqueceu a maleta e desceu, maravilhosamente. Até aí tudo bem, mas, no meio do quintal dois cães enormes e silenciosos avançaram em sua direção. O bonito rapagão não teve dúvida; bateu com a maleta no focinho de um e tirando rapidamente o sapato, atirou-o certamente no focinho do outro. Os cães saíram gritando e uma janela abriu-se. Augusto só teve tempo de esconder-se e ficar quietinho. Passados uns minutos a janela fechou-se e tudo voltou ao normal. A luz cadavérica do lampião da rua mostrou-lhe que, depois do muro havia cerca de arame. Passou por ela e correu rua abaixo, dando um encontrão num vulto que vinha subindo. Pediu desculpas e o outro:

— Não foi nada, moço. Quer-me fazer um favor?

Augusto parou, um pouco, contragosto:

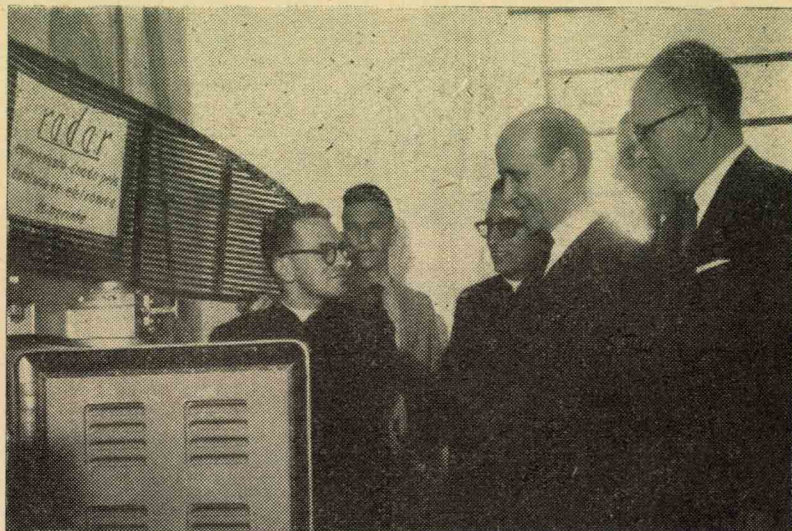
— Pois, não.

— Pode dizer-me onde mora o coronel Campos? Sou seu futuro genro. Desci numa estação-zinha para tomar café, perdi o trem. Não achei condução, tive de vir a pé. O senhor compreende... eu estou «pronto».

Nunca houve alguém, mais gentil para dar uma informação, como Augusto naquele momento. Ensinou-lhe a entrar pela cerca de arame, atirar as botinas nos focinhos dos cães, subir pela corda de lençóis e não se esquecer de tirar o guarda-roupa de trás da porta... Disse mais, que aquela façanha agradaria imensamente ao coronel que estava inconsolável com a sua demora; seria uma surpresa agradável!...

O coitado agradeceu muito e continuou subindo a rua. Augusto ouviu o apito do trem carregueiro no qual pretendia tomar carona; correu em direção à estação.

O «bonito rapagão» acomodou-se entre cargas e imundícies, mas sentia-se feliz. Voltaria à sua terra e mostraria àquela gente o que ele poderia ser! Dormiu sorrindo, embalado pela música do trem: rapa-gão... rapa-gão... rapa-gão...



O Ministro Clóvis Salgado percorre as instalações da primeira Escola Eletrônica do Brasil, localizada em Santa Rita do Sapucaí.

Em Santa Rita do Sapucaí

A PRIMEIRA ESCOLA ELETRÔNICA DO PAÍS

REPRESENTANDO o Presidente da República, o Ministro Clóvis Salgado esteve presente às solenidades que marcaram a apresentação da primeira Escola Eletrônica da América Latina, localizada em Santa Rita do Sapucaí, Minas Gerais. Funcionando em prédio provisório, já com 13 alunos na primeira série, o empreendimento é uma iniciativa vitoriosa.

A Escola manterá um exame vestibular rigoroso, como se pode aferir pelo último realizado. Apenas 13 candidatos foram aprovados, num exame a que se submeteram 46 pretendentes à matrícula.

Como esta Revista já teve ocasião de noticiar, a Escola Eletrônica localizada em Santa Rita do Sapucaí nasceu de uma idéia de D. Luzia Rennó Moreira, que sempre ajudou os estudantes através de bolsas de estudos. Verificando que nem sempre os jovens completam os cursos com aproveitamento prático, ou desistem deles no meio do caminho, apresentou um plano ao Ministério da Educação e Cultura. Este, através da Diretoria do Ensino Industrial, auscultou a opinião das grandes indústrias do Rio e São Paulo, comprovando a utilidade da criação do curso de Eletrônica no curriculum do Curso Industrial. Em consequência, foi instituído o curso através de um decreto do Presidente da República, em 17 de setembro de 1958.

O Ministro Clóvis Salgado já contribuiu, através de convênio, com cerca de 7 milhões para o equipamento da Escola, e vai prover à construção de seu novo prédio. Discursando por ocasião do banquete que lhe foi oferecido como parte das solenidades realizadas em Santa Rita do Sapucaí, o Ministro da Educação e Cultura disse que a Escola Eletrônica é um justo motivo de glória para a cidade e de reconhecimento para o Governo da República.



AS mulheres, em gerações passadas, eram vaidosas a respeito de várias coisas — cozinha, cintura de vespa, ou a elevação de sua moral. A vaidade das matronas entre a mocidade e a meia-idade, em nossos dias, não está baseada em realizações, mas, antes, em sustentar uma atitude de superioridade. Pelo menos em público, nada deve parecer abater-nos. Essa pose, tão em moda, pode ser resumida como **Terrivelmente Ativa Mas Sempre Animada**.

Vamos abrir as páginas do semanário que jogam tôda sexta-feira à minha porta. Aqui, na página dois, está uma fotografia de uma loura esbelta, levemente esgrouviada e se portando como uma menina (embora já possa ter passado dos quarenta), rindo ao apertar a mão de um homem de meia idade.

«A Sr^a Blythe McDervish, de Estrada do Velho Riacho Sêco, é cumprimentada por R. P. M. Propwash, da Comissão da Aeronáutica Civil, por ter acabado um helicóptero que construiu em sua horta» — diz a legenda.

Ela sempre tivera inclinações mecânicas?

— Não — respondeu a Sr^a McDervish — exceto quando construí o observatório de satélites nos fundos de casa, na primavera passada.

Estudando a fotografia da Sr^a McDervish, com meias até o joelho e «shorts» Bermuda, é difícil imaginá-la vertendo lágrimas de frustração ou fadiga, e impossível concebê-la queixando-se em público dos filhos ou do trabalho caseiro.

As regras para se manter a postura exemplificada pela Sr^a McDervish não são nunca apresentadas às jovens matronas. Mas, por brincadeira, vamos pôr

em letra de fôrma as regras do jogo.

1. — Você precisa ter projetos e tem de enfrentá-los com competência profissional, mas não pode nunca parecer encará-los com demasiada seriedade. Ser séria não é ser jovial. Se você tem um jardim bonito, por exemplo, diga apenas que você foi enganada por um catálogo de sementes.

Como três fedelhos barulhentos, uma empregada de ressaca e um carro enguiçado curaram uma dona de casa sofisticada.

2. — Nunca dê a impressão de ser nobre ou sacrificada, ou passará a ser conhecida como Aque-la Molóide. Exemplificando: pode acontecer que sua vizinha, mãe de seis filhos, tenha um resfriado forte. Você não pode, de maneira nenhuma, dizer: «Eu sei o que a gente sente quando está dêsse jeito. Deixe as crianças passarem a tarde lá em casa» — (Jamais consinta em tal fraqueza, nem insinue que a sua vizinha é fraca).

E' mais aceitável algo neste teor: «Sabe? Hoje estou na minha veia masoquista. Quero sofrer. Pensei que talvez pudesse levar os meus meninos e os seus para patinar».

Mesmo assim, ela pode referir-se a você, entre amigas, como Aque-la Santa.

3. — Quando estiver dando uma festa, não consinta em ser elogiada pela comida. Então, você passou o dia preparando pratos complicados! Esqueça isso. Para o consumo público, você jogou uma porção de coisas num prato e enfiou no forno.

4. — As palavras parecidas com «dever» são execráveis. Suponha que uma conhecida a encontre nos

corredores da escola, depois de um dia cansativo, como a mãe da sala. Não lhe conte de maneira alguma que essa tarefa a deixou estafada. Gorjeie apenas que estava dando uns doces aos fedelhos, dê-lhe um sorriso luminoso e moleque e prossiga pelo saguão abaixo.

5. — Não fique desencorajada. Se uma conhecida casualmente disser que está lendo as Mil e

CASADA, CANSADA - E FELIZ

Uma Noites em árabe, suba a maiores alturas. Escolha o encantamento de serpentes. Depois, pode desviar-se para uma história de como uma de suas cobras penetrou na máquina de lavar.

Mas, correndo o risco de ser expulsa a toque de caixa da corporação, em nome da antiquada honestidade, gostaria de admitir publicamente que já tive dias que foram demais para mim. Dias que ainda considero como azarados, dias que podem acontecer a todos: quando, pendurando-se o casaco no armário, caem todos os outros casacos.

O mau dia começou para mim, numa certa manhã de janeiro, quando Mona e Freddy tinham sete anos, Joana seis, Cassie quatro. Freddy começou tudo às 5 da manhã, quando acordou fazendo a maior bagunça. Ela tinha um vírus que chamávamos Bicho do Vômito, que costumava atacar três ou quatro vezes por ano, sempre a horas impróprias.

Acendi a luz do quarto para pegar os chinelos, mais a idiota da Suzy, nossa cadela dalmática, tinha sumido com eles. Assim, dei uma carreira sobre o assoalho, com o pés nus se con-

gelando. Pus Freddy na cama com Mona, tirei a roupa de cama suja, e fui procurar o comutador para acender a luz do armário, a fim de tirar mais roupa. A lâmpada estava queimada. Tateando pelo armário, perturbei o precário equilíbrio dos guardados, e derrubei em cima de minha cabeça uma caixa grande de papelão contendo aquecedor, garrafa térmica e saco de água quente, com todos os acessórios. Enquanto trocava o pijama de Freddy, Mona acordou e disse que estava com dor de cabeça; dei-lhe, então, uma aspirina.

As 7 horas telefonei a Dolores, a arrumadeira que vinha uma vez por semana, para pedir que tomasse um táxi na estação, de modo que não tivesse de deixar as crianças a fim de ir buscá-la. O seu telefone não respondia. Neste meio tempo, Cassie estava lamuriando-se lá em cima e, quando cheguei lá, tinha vomitado no chão.

Joana, pelo menos, parecia saudável e animada; assim, despachei-a no ônibus da escola. Mas, gastamos um bocado de tempo procurando suas luvas; afinal, encontramos-as debaixo do sofá da sala de estar.

Disquei para Dolores de novo, mas não respondia ainda. Devia ter saído de casa muito mais cedo que comumente. Agora, teria de ir buscá-la na estação. Mas, o motor não pegava. Ficava fazendo ruído baixo e rangente, assim como meus dentes. Pedi à vizinha do lado para me dar um empurrão. Enquanto me empurrava até o cume de nossa ladeira, de onde esperava engrenar, nossos pára-choques ficaram presos. Depois de tentativas vãs para separar os carros, dei um grito a dois motoristas de caminhão. Eles pularam sobre os pára-choques e, finalmente, os desembalaraçaram. Quando cheguei, Dolores não estava esperando em seu lugar costumeiro, fora da estação. Encontrei-a na sala de espera, aparentemente cochilando num banco. Pedi desculpas por estar atrasada.

— Não está atrasada, não! — informou-me, sornatamente. — Eu cheguei cedo. Fui a uma festa em Nova Iorque na noite passada e tomei o trem de volta às cinco da manhã.

Quando entrou no carro, transformou-o com o hálito num bar...

Enquanto dava uma carreira no passeio para chegar a casa, já ouvia o toque do telefone. Era a enfermeira da escola. Joana tinha acabado de vomitar, de-

clarou; será que eu podia ir buscá-la? Nesse meio tempo, a campainha da porta da cozinha estava tocando repetidamente. Era o homem da lavanderia que viera para receber a conta da semana, mas eu não conseguia achar a caneta. Não estava no relógio, onde costumava escondê-la. Enquanto corria de volta para a cozinha, pedindo ao homem o favor de buscar o pagamento na semana seguinte, vi que o tanque estava transbordando: a água espumosa escorria no chão. Fechei a torneira e fui ver onde Dolores tinha ido, no meio da lavagem dos pratos do pequeno almoço.

Estava ajoelhada no banheiro do andar de cima, limpando a tinta marron de sapato, entornada no chão. Cassie estava à procura de um remédio e derrubara a garrafa. Mona dissera a Cassie que ela era uma menina má, e Cassie começara a uivar: por isso, Dolores corra para cima, para ver o que estava acontecendo.

Mas, agora, o telefone estava tocando de novo, e assim desapareci escada abaixo, para atendê-lo.

— Aqui fala o estúdio Fênix, dona Hilda — disse uma voz feminina, amistosa e bem modulada. — Estaremos em sua vizinhança esta manhã e gostaríamos de dar um pulo até aí e fotografar os meninos. Lembre, isto não implicará em nenhuma obrigação.

— Acho que ninguém está muito fotogênico esta manhã — respondi entre os dentes. — Mas, obrigada, de qualquer maneira. Até logo. — Bati o telefone no gancho.

Enquanto eu dava uma fugida para buscar Joana, Cassie chorava, Freddy vomitava, Mona tentava arrastar-se para debaixo da cama procurando tomar os sapatos de Susy, e Dolores andava cambaleando sombriamente pela cozinha.

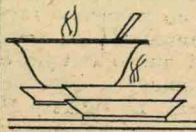
— Bela manhã, não é? — perguntou o leiteiro, que se aproximava. Meu sorriso e meu aceno com a cabeça foram brilhantemente falsificados. Mas rosnei com os meus botões: — Como se eu não soubesse!

Em seguida, bati a cabeça na porta do carro, enquanto me jogava debaixo da roda de direção.

Agora, não quero dar a impressão, citando um dia isolado, que essa atmosfera de fiasco fôsse rara em minha vida. Durante muitos anos, assim foi o es-

(Conclui na pag. 40)

Sugestões MAIZENA



Sopa-creme de legumes

½ quilo de carne de peito - 6 cenouras - 2 nabos - 1 alho porró - 1 pedacinho de aipo - 2 xícaras de leite - 2 colheres de MAIZENA - fatias de pão torrado.

Em 3 litros de água e sal, ponha a cozinhar a carne, as cenouras, os nabos, o alho porró e o aipo. Depois de tudo bem cozido, retire a carne e passe os legumes por peneira fina. Faça um refogado com óleo MAZOLA, refogue nêlo o caldo da sopa e engrosse-o em seguida, juntando-lhe o leite no qual se dissolveu a MAIZENA. Leve o caldo ao fogo fraco para engrossar. Sirva com fatias de pão torrado.

Molho de camarão



½ quilo de camarões, limão, alho, cebola, cheiros-verdes, pimentão, tomates, sal, manteiga, 1 xícara de água, 1 colher de MAIZENA, ½ copo de leite de côco, 2 copos de leite.

Refogue na manteiga o camarão já limpo e descascado. Cozinhe com a água e, por último, junte a MAIZENA dissolvida nos leites.

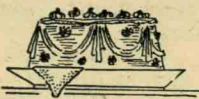


Sequiños de côco

1 pacote de MAIZENA de 400 g - 2 colheres de manteiga - 1 xícara de leite de côco - 1 gema - 5 colheres de açúcar.

Junte todos os ingredientes, amasse muito bem tudo e faça pequenas bolinhas, achatando-as com um garfo. Leve-as ao forno moderado, em assadeira não-untada, mas apenas enfarinhada.

Bôlo de rum



150 g de manteiga - 200 g de açúcar - 3 ovos - 250 g de farinha de trigo - 50 g MAIZENA - 1 cálice de rum - 1 colher (chá) de fermento - caldo de 1 limão.

Bata bem a manteiga com o açúcar e os ovos. Em seguida, adicione a farinha, a MAIZENA e o fermento peneirados juntos. Junte depois o caldo de limão e o rum. Misture bem e se a massa ficar dura, acrescente ½ xícara de leite. Asse em forma untada e polvilhada com farinha. Recheie com geléia.

S-1-60

Juiz de Fora: sala de visitas de MG

Continuação da pag. 33

grande parte, e são os matinais apitos das fábricas que lhe dão ainda, em grande parte, uma cor local impossível de ser esquecida.

Com suas seiscentas fábricas, para uma população que ainda não chegou aos duzentos mil, há certa predominância trabalhista na composição da sociedade local; mas, como os tempos mudam, a cidade operária tornou-se também uma cidade universitária, pois já tem Faculdades para todas as ciências e artes de nível superior — atraindo, assim, para seu âmbito a mocidade dos arredores, desejosa de obter o ambicionado diploma de doutor... Medicina, Direito, Engenharia, Farmácia, Odontologia, Veterinária, Filosofia e Letras, Ciências Econômicas, Conservatório de Música, Escola de Pintura e Escultura, Escola de Enfermagem, Juiz de Fora já dispõe de tudo isto, e pode-se dizer que tudo isto, de um modo geral, é fruto do esforço particular, pois que parece ser realmente verdade que os poderes públicos abandonaram esta cidade. Dizem que já a abandonaram há muito tempo, e que dela só se lembram para pedir-lhe ou dinheiro ou votos, e a verdade é que a colossal arrecadação nela feita, tanto pelas coletorias do Estado, como pelas coletorias federais, jamais voltou para a cidade, ou sob forma de estradas novas, ou sob o feitiço de uma obra pública de envergadura... O juiz-forano, neste particular, é um indivíduo justamente queixoso e desiludido, pois, à medida que a cidade cresce e se torna uma pequena metrópole, mais avulta este descaso injustificável. Até parece que, por verem a cidade tão auto-suficiente e tão arrojada, os governantes considerem que ela dispensa qualquer auxílio... «Esta, não precisamos de olhar por ela!» — é o que dirão com seus botões. Mas enganam-se, porque se, sózinha, ela já fez tanto e tanto andou, que seria, então, se a ajudassem?

A cidade tem fé em que aparecerá ainda aquela autoridade capaz de compreender-lhe o valor e a ambição; então, será impossível imaginar-se a altura a que poderá, legitimamente, ascender... A cidade tem fé, e a prova desta fé é a nova Catedral que, aos poucos, ela está cons-

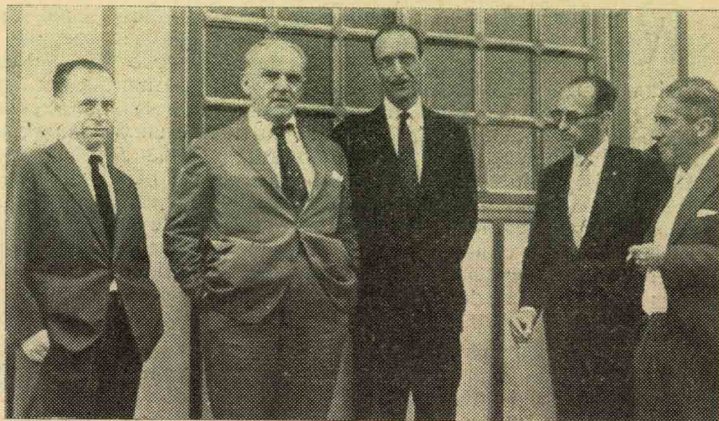
truindo. A alma da empresa foi o falecido bispo d. Justino de Santana: com paciência beneditina pôs-se a amealhar tostões — e o resultado é o maravilhoso templo que a cidade está ganhando, tão belo e suntuoso, que há quem se espante que sua realização esteja sendo possível...

Outro edifício, e este será o mais alto da cidade com seus dezoito andares, que está requerendo esforço e paciência infinitos é o edifício da nova Santa Casa de Misericórdia: em via de acabamento, os responsáveis por ele, que são um púgilo de generosos homens de ciência, filhos da cidade, têm criado cabelos brancos na desesperada busca de recursos para poder rematá-lo. Obra de fôlego, de uma simplicidade e harmonia perfeitamente condizentes com sua finalidade, já vai dispondo de instalações confortáveis que evidenciam o grau de progresso médico a que a cidade chegou: laboratórios, salas de operações, maternidade. Não apenas Juiz de Fora, mas toda a região fica dotada, neste setor, do que há de mais moderno e eficiente. Consta que, para rematar obra de tal envergadura, vêm sendo vãos os pedidos que os responsáveis têm dirigido à alta administração, a qual, em se tratando de Juiz de Fora, vai fazendo ouvidos moucos...

O governo da cidade faz o que pode, mas não pode muito, depois que os fiscais, tanto do Estado como da federação, levam seus quinhões avantajados. Ficam, para ele, os problemas que não são poucos, nem de fácil solução. A cidade cresce como um polvo, espalha-se monstruosamente, os bairros novos proliferam, a população aumenta; não há água que chegue, não há transporte que chegue, não há escola primária que chegue... Os bairros novos nascem pujantes, e alguns muito belos, como o Jardim Santa Helena e o Jardim Bom Pastor. São refúgios do «society» enriquecido, com casas milionárias, cadilques de luxo na garagem, bares no terraço, jardins funcionais... Estes bairros, de gente rica, vivem à própria custa: quando a água falta, manda-se cavar poços no terreno ao fundo, e dispõe-se de recursos amplos: cinema em casa, clube

(Continua na pag. 74)

O Governador Bias Fortes, ladeado pelos Engenheiros Randolpho Trindade Filho, diretor geral do DER, Gerardo Guerra, diretor da Divisão de Obras, Levindo Castilho, diretor da PATER, e Miguel Getúlio



«GOVERNAR É ABRIR ESTRADAS»

A moderna rodovia de Poços de Caldas a Cascata: realização do Consórcio «Pater»

POÇOS de Caldas, a bela cidade sul-mineira, foi recentemente ligada à cidade de Cascata, no Estado de São Paulo, por uma rodovia construída e pavimentada pelo Consórcio «Pater», através das empresas **Pioneira** e **Adersy**. À inauguração, compareceu o governador de Minas Gerais, Sr. Bias Fortes, que foi saudado pelo prefeito de Poços de Caldas, Sr. David Benedito Otoni, de cujo discurso extrairmos este trecho expressivo:

«A inauguração oficial da rodovia Poços-Cascata constitui um dos mais memoráveis acontecimentos para a vida de Poços de Caldas. Esta é uma obra de fecunda brasilidade, que tem a finalidade de transcender o destino do comum das rodovias, pois, além do intercâmbio comercial com o vizinho Estado de São Paulo e do turismo que carreará para as terras de Minas, ela tem ainda alta significação humanitária, facilitando o acesso às águas milagrosas para aqueles que necessitam de cura e repouso».

O Sr. Randolpho Trindade Filho, diretor geral do DER, focalizou o

trabalho executado pelo Consórcio Pater Ltda. salientando a maneira honesta e persistente de sua atuação dentro do programa governamental, porquanto do Consórcio «Pater» — acentuou — participam as mais idôneas empresas construtoras do Estado, trabalhando para que Minas tenha o máximo de estradas pavimentadas dentro do menor tempo possível.

Na construção da rodovia Poços-Cascata, cuja extensão é de 16,4 km, totalmente pavimentados, atuaram as construtoras: «Pioneira», que executou toda a terraplenagem, obras de arte comuns e especiais, e pavimentou dez quilômetros, e «Adersy», que pavimentou seis quilômetros.

O custo total da rodovia foi de Cr\$ 80.000.000,00, assim distribuídos: total de construção Cr\$ 19.700.000,00, com a média de custo por km de Cr\$ 1.231.750,00. Quanto à pavimentação, o custo foi de Cr\$ 50.300.000,00, com a média de custo por km de Cr\$ 2.518.750,00. A construção de pontes, numa extensão

de 37 ml: Cr\$ 10.000.000,00. O projeto da estrada, realizado pelo DNER, possui características de primeira classe. A pavimentação consistiu da execução de: sub-base e base do tipo estabilização granulométrica. O revestimento foi do tipo tratamento superficial asfáltico com espessura de 2,5 cm.

Devido ao mau comportamento do solo local, quanto à resistência, com aparecimento de material argiloso e freqüentemente de turfas, contaminadas de matéria orgânica e muito instáveis como fundação de atêrro, o problema de drenagem tornou-se muito delicado, situação ainda mais agravada pelo elevado índice de precipitação pluviométrica da região. Daí a necessidade de construção de numerosas obras e, bem assim, de cerca de 8.000 ml de drenos profundos, com a finalidade de rebaixar o nível de lençol freático, para segurança do pavimento.

A ponte sobre o rio das Antas, ainda se encontra em construção e terá a finalidade de substituir outra de concreto existente.

Trecho da rodovia Poços—Cascata, toda pavimentada e já concluída, inclusive na sua parte de sinalização.



WILLIAM "Bendigo" Thompson, campeão inglês dos pesos-pesados nos dias em que se lutava sem luvas, foi um dos lutadores profissionais mais *sujos* e mais *traçoeiros* que já pisaram num ringue. No entanto, era tão popular que, em sua honra, uma cidade, um cavalo de corridas e uma bebida adotaram o nome Bendigo durante sua vida. Alguns historiadores do boxe sustentam que ele não chegou a conquistar realmente o título de campeão dos pesos-pesados. Mas com toda segurança, pode-se afirmar que foi o único pregador da temperança a ser fulminado por colapso ao exortar seu auditório a abandonar John Barleycorn. (*Personagem do folclore inglês, célebre por suas proezas báquicas*).

Bendigo Thompson era um dos trigêmeos nascidos em Nottingham, Inglaterra, no dia 11 de outubro de 1811. Sua mãe era mulher rude e violenta. Todavia, pelo menos aparentemente, tinha conhecimento do *Livro de Daniel*, pois apelidou seus três filhos de Shadrach, Meshach e Abednego. O nome do último, durante sua infância degenerou para Bendigo.

Cresceu num cortiço sórdido. Sua mãe era o terror da vizinhança. Xingava como uma peixeira e brigava como regimento ultrajado. Quando perdia a paciência — coisa que ocorria duas ou três vezes

mãe, coisa que ninguém mais em Nottingham conseguia.

Nunca disposto à modéstia, Bendigo recordava suas primeiras proezas com essas palavras: — *Sempre fui apaixonado por lutas, nas quais era considerado lutador de primeira classe. Era notado também nas rinhas de galos, nas corridas, saltos mortais, lançamento de pedras, no críquete e numa porção de outras coisas.*

Quando chegou aos 21 anos já acabara de crescer e atingira seu maior peso: 1 metro e 72 centímetros e 75 quilos. (Não seria um peso-pesado pelos padrões modernos, mas naqueles dias não havia muita preocupação com tais classificações). Tinha a tez clara, os olhos cinzentos luminosos e faiscantes, as maneiras excêntricas mas cheias de confiança.

Em outubro de 1932 iniciou sua carreira profissional. Quando lutou contra um tal Ned Smith, no mês de março seguinte, por uma bolsa de 5 libras, nos primeiros seis assaltos cortou o adversário em pedaços e o pôs nocaute no sétimo. Os escritores afilhados do ringue descreveram-no como rápido, ágil e musculoso, com um murro tremendamente poderoso.

Quando Bendigo começou a criar nome, o esporte do boxe, que já fora o "orgulho e a jactância da Inglaterra", perdera toda sua reputação. A brutalidade no ringue causara um número crescente de mortes entre os lutadores; os críticos se queixavam de que os lutadores aceitavam subornos para perderem as lutas. O esporte estava atraindo uma caterva de rufiães e criminosos.

Sempre que podiam, os magistrados e outros funcionários da justiça punham termo às lutas e procuravam colocá-las fora da lei. Como resultado, passaram a ser realizadas no interior, em locais desconhecidos pela polícia.

Como era de esperar, esta era precisamente a atmosfera em que o menino de cortiço Bendigo podia — como o fez — florescer. Durante os dois anos seguintes, lutou contra oito adversários sem perder. Em toda luta, desde então, seus capangas, chamados *Cordeiros de Nottingham*, tomavam os lugares em volta do ringue, decididos a enfrentar todos os que saíssem ou entrassem no ringue, se a decisão fosse contra seu lutador. Armados de porretes, correntes, chicotes e toscos "sôcos-ingleses" feitos de cobre, seus métodos fazem parecer inofensivos os usados pelos arruaceiros modernos. Outros lutadores também eram acompanhados ao ringue por suas *cliques* de capangas, mas nenhuma tão forte como os *Cordeiros*.

A 13ª luta de Bendigo tirou-o do que seria chamado hoje classificação do "rapaz da preliminar". Foi em julho de 1835. Seu oponente foi Ben Caunt. Odiaram-se à primeira vista. Caunt tinha então 22 anos, 1 m 87 e pesava 95 quilos. Bendigo parecia um pigmeu comparado com Caunt. Como um perplexo comentador de esportes da época escreveu: "Bendigo é o favorito a seis por quatro, uma diferença que parece injustificável quando se considera a disparidade do tamanho". Mas a diferença demonstrou ser correta.

Bendigo enraiveceu seu gigantesco antagonista com sua técnica de se curvar, balançar o corpo e se agachar, e os espectadores rugiam, apupando-o quando *acidentalmente* escorregava ou caía (terminando assim um assalto) sempre que Caunt estivesse levando vantagem.

Por fim, Caunt perdeu a cabeça, cruzou o ringue em disparada e atingiu Bendigo sentado em seu canto no intervalo de dois assaltos. Esta falta custou-lhe a luta.

Bendigo continuou sua carreira invicta, surrando homens que tinham quase o dobro de seu tamanho,

BENDIGO, O CAMPEÃO

Pesava apenas 75 quilos. Mas, com sôco semelhante a coice de mula — e traçoeiro como serpente — dominava o ringue como campeão de pesos-pesados.

por dia — surrava, imparcialmente, os filhos, o marido e qualquer vizinho indignado que pusesse a cabeça na porta para protestar contra o barulho. Mas, à sua maneira selvagem, amava o filho brigador e era correspondida.

Ensinou a Bendigo a nunca iniciar o ataque com a direita, e lutar numa posição agachada — estilo de boxear do qual foi pioneiro no ringue. Por volta de seus catorze anos, Bendigo era capaz de sovar a

pela habilidade e esperteza — e a presença intimidante de seus *Cordeiros* que conseguiam, por vários modos, fazer com que o juiz os compreendesse... Em abril de 1838, foi marcada a revanche com Caunt, com prêmios considerados enormes: cem libras para cada lado. Caunt demonstrou ser lerdo, Bendigo, manhoso. No 13º assalto, Caunt tentou estrangular Bendigo, apertando-o até ficar sem fôlego contra as cordas. Os espectadores gritaram — “Que vergonha!” e os *Cordeiros* rapidamente cortaram as cordas para libertar o ídolo. No 75º assalto, Bendigo recorreu à sua tática costumeira de tropeçar num obstáculo invisível e cair ao chão para terminar o assalto.

Dessa vez, os fãs fizeram tal arruaça que o juiz, a despeito dos *Cordeiros*, teve de dar a vitória a Caunt por causa de uma falta. Mas o vencedor escapou por pouco de linchamento nas mãos dos *Cordeiros*, que, por duas vezes, arrancaram-no da carruagem para continuarem a luta. Por fim, Caunt conseguiu fugir a cavalo.

No ano seguinte o campeão Deaf (Surdo) Burke escolheu Bendigo, em vez de Caunt, para uma luta valendo o título. Burke, que bebia muito, recusou-se a treinar para a disputa e Bendigo facilmente o derrotou, embora um jornalista assegurasse que ele estava “cheio de manhas indignas do esporte”. Por seu lado, parece que Burke também não se deixava embarçar muito pela ética. No 10º assalto, sabendo que estava perdido, levou Bendigo às cordas e deliberadamente atingiu-o com a cabeça. Quando Bendigo voltou a si, passaram-lhe o cinto de Burke, sendo declarado novo campeão dos pesos-pesados em razão da falta.

A fama de Bendigo se espalhou. Um cavalo de corridas foi batizado com seu nome. A cidade de mineração de ouro Sandhurst, na Austrália, orgulhosamente mudou o nome para Bendigo. (Atualmente é uma operosa comunidade de 40.000 pessoas). Um destilador pôs no mercado um licor marca Bendigo. Mas Lord Longford, um dos aristocratas do esporte, deixou a seguinte observação: *Há vários líquidos que beberia com prazer, mas um há que nem merece menção...*

Caunt, não suportando a inveja por estar o título com Bendigo, lançava-lhe desafios sucessivos. Bendigo lutava contra outros, mas ignorava Caunt.

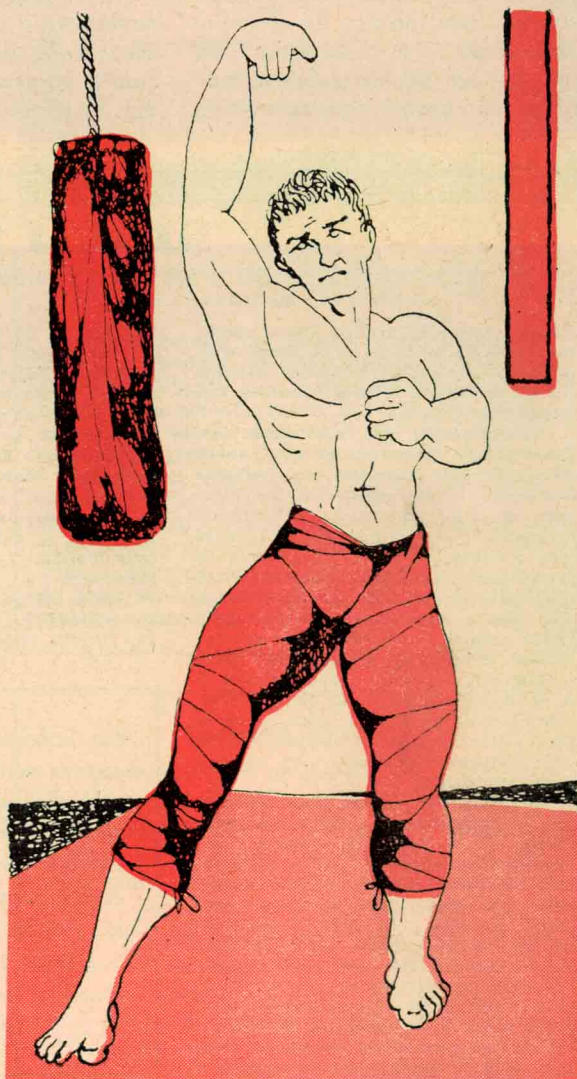
Aconteceu, porém, que no início de 1840 Bendigo machucou gravemente o joelho quando dava saltos mortais para divertir amigos. Neste ponto, anunciou que ia abandonar o ringue e se dedicar ao uísque, às recordações e à direção de uma taverna em Londres, “O Côche e os Cavalos”, que comprara com o dinheiro ganho nas lutas. Bendigo se aposentando, o título ficou sem possuidor, tendo sido eventualmente, conquistado por Caunt, que prosseguiu nos seus insultos, conseguindo, afinal tirar Bendigo de sua aposentadoria em setembro de 1845. A luta criou entusiasmo tão extraordinário que a sua assistência ultrapassou a 10.000 pessoas. E estando a polícia decidida a evitar a luta, o ringue foi mudado por três vezes consecutivas. Foi uma das brigas mais escandalosas na história do boxe. Os lutadores cometeram todas as faltas conhecidas e inventaram nova série de golpes ilícitos. Frequentemente, um ou outro era atirado fora do ringue sobre os espectadores, à volta do tablado. Repetidamente, os *Cordeiros* procuraram atingir Caunt com porretes. No 93º assalto, após duas horas e dez minutos, o juiz declarou que Caunt caíra sem ser atingido por nenhum golpe, dando assim a vitória a Bendigo.

O escândalo manteve durante meses os clubis-

tas londrinos num estado de excitação. No entanto, concorda-se geralmente que esta luta desonrosa teve muito a ver com as reformas das décadas de 850 e de 860 que criaram o clima de respeito para a prática do violento esporte, tornando-se o esporte preferido da aristocracia.

Bendigo abandonou o ringue definitivamente depois de derrotar Tom Paddock, em 1850. Voltou para Nottingham, onde seus feitos acrobáticos, até sua velhice, eram notáveis, deliciando a criançada para a qual era bondoso e gentil. Passava seus momentos de sobriedade na jardinagem e em pescarias. Mal ingeria seus goles lançava a primeira coisa que estivesse mais à mão contra qualquer pessoa que achasse que o havia ofendido. Numa dessas ocasiões, esvaziou completamente um açougue, atirando pernis e costelas contra a multidão que zombava dele. Repetidamente era chamado ante o magistrado, nunca deixando de trazer nessas situações tristes, como oferta de paz, um buquê das flores que cultivava amorosamente quando sóbrio.

Considerado bravateador egocêntrico, Bendigo estranhamente se recusava a discutir feitos de que poderia gabar-se com toda razão, assim como as três ocasiões em que salvara algumas pessoas de



afogamento — arriscando a própria vida. Quando os moradores da cidade propuseram recompensá-lo por sua coragem, recusou-se, indignado, a aceitar um só tostão.

Bendigo passou os últimos anos de sua vida fazendo conferências sobre a temperança. Embora a nova vocação pudesse tê-lo feito vibrar espiritualmente, não extinguiu sua sede. O uísque o fazia eloquente ao pregar a causa da proibição. Invariavelmente, engolia um trago antes de subir à tribuna para advertir seus ouvintes dos horrores causados pela bebida. Certa ocasião, em Sussex, caiu em estado de

coma alcoólica quando exortava o povo que se adiantasse e assinasse um compromisso de sobriedade.

Bendigo morreu em 23 de agosto de 1880, após violenta queda numa escadaria quando fraturou três costelas: uma lasca óssea perfurou-lhe um dos pulmões. Afirmando que suas últimas palavras foram: — *Não me importa morrer. Encontrarei logo minha mãe no céu.*

Mas, dessa vez, não havia nenhum *Cordeiro de Nottingham* para influenciar o juiz. — **D. L. Champion.**

☆☆☆

A Morte Pagou a Prenda

Conclusão da pág. 59

Dirigindo-se para noroeste, depois de visitar o irmão em West Palm Springs, o bom Lewis Finn havia dado carona ao jovem casal, num ponto ao norte da Flórida. Conduziram-o até um ponto do Parque Estadual de Carolina do Norte, em Blowing Rock, onde acamparam durante três

dias. Na terceira noite, LaFond e sua companheira agrediram o velho, mataram-no e conduziram o seu corpo para Kentucky, onde o enterraram. Depois, tomaram o carro, os pertences e os documentos de identidade do velho e iniciaram a viagem que foi terminar em Truth-or-Consequences.

Em Boone, sede do condado de Watauga — onde foi cometido o crime e onde foi julgado o casal, em novembro de 1955 — o júri decidiu que todos aqueles fatos eram verdadeiros. E decretou as consequências: prisão perpétua para todos os dois.

☆☆☆

Sangue na Luta PSD x PR

Conclusão da pág. 10

candidatura Magalhães Pinto consideráveis parcelas do pessedismo que, em 150 municípios mineiros, travam luta contra o PR pelo domínio das situações locais.

E' expressivo que, dias após essa advertência pessedista ao governador Bias Fortes, surgisse nos jornais notícias de que emissários da direção do PSD estariam percorrendo municípios sul-mineiros para levar aos núcleos partidários a ordem de votar em San Tiago Dantas, para vice-governador, ao mesmo tempo em que o candidato apontado pelo PTB estaria, por seu lado, percorrendo diretórios trabalhistas para recomendar que Tancredo Neves é o candidato do PTB. As sanções prometidas, de ambos os lados, para os que não cumpram as ordens, seriam as mesmas: expulsão dos respectivos partidos.

Chegando à Capital, logo após, o Sr. Bernardes Filho, como que alertando os homens da situação, declarou textualmente: «Se a Convenção republicana decidir que o partido não deva ter candidato próprio, optando pelo apoio a candidato de outro partido em coligação, será condição *sine qua non* o apoio do partido coligado ao vice do PR».

A convenção republicana, marcada para 14 de fevereiro após a intervenção pessoal do presidente Juscelino Kubitschek visando manter o

PR dentro do esquema eleitoral do Sr. Tancredo Neves, não pôde ser realizada. Foi transferida para 9 de março, e não será surpresa se novo adiamento surgir. Entrementes, o PR paulista, por decisão unânime de seu Diretório Estadual, resolve marchar com Jânio Quadros, e a bancada federal republicana no Congresso desliga-se do bloco da maioria. E já se fala no nome do deputado Feliciano Pena, como possível candidato a vice-governador, na chapa de Magalhães Pinto, enquanto o candidato super-partidário, em sua última entrevista coletiva à im-

prensa mineira, declarou textualmente:

— Quanto ao apoio do PR ao meu nome, em Minas, mais de uma vez tenho dito da identidade de nossos propósitos, pois os perristas procedem do mesmo movimento de rebeldia em que nascemos, por amor à liberdade e às instituições. Em 1960, nossos programas podem-se entrosar perfeitamente, uma vez que pregamos emancipação, progresso e fortalecimento econômico com justiça social. Dentro desse ideal cabem todos os que desejam libertar Minas de suas angústias e sofrimentos e é por isso que permanentemente me dirijo aos mineiros em geral, sem preconceito de qualquer espécie e liberto de injunções partidárias, pedindo o seu apoio e o seu estímulo na luta que empreendemos. Estou certo de que o PR e outros partidos ou grupos partidários poderão formar conosco, garantindo uma vitória que não será pessoal, mas, sim, da renovação de Minas Gerais. E essa renovação se impõe porque os problemas mineiros estão a exigir uma atuação vigilante e eficiente. Não só os homens do campo vivem em abandono, mas também nas cidades crescem as dificuldades, gerando em todos os lares a intranquilidade e fazendo com que o desalento do povo aumente cada dia mais.

No próximo pleito eleitoral o povo será chamado a decidir, pelo voto livre e consciente, sobre os destinos da Pátria. Não deixe para a última hora o seu alistamento. Providencie, desde já, o seu título e os de seus parentes e amigos ainda não alistados.

PIEDADE



"Mas é grande ganho a piedade com contentamento". — PAULO. (I Timóteo, 6:6).

FALA-SE muito em piedade na Terra, todavia, quando assinalamos referências a semelhante virtude, dificilmente discernimos entre compaixão e humilhação.

— Ajudo, mas este homem é um viciado.

— Atenderei, entretanto, essa mulher é ignorante e má.

— Penalizo-me, contudo, esse irmão é ingrato e cruel.

— Compadeço-me, todavia, trata-se de pessoa imprestável.

Tais afirmativas são reiteradas a cada passo por lábios que se afirmam cristãos. Realmente, de maneira geral, só encontramos na Terra essa compaixão de voz macia e mãos espinhosas.

Deita mel e veneno.

Balsamiza feridas e dilacera-as.

Estende os braços e cobra dívidas de reconhecimento.

Socorre e espanca.

Ampara e desestimula.

Oferece boas palavras e lança reptos hostis.

Sacia a fome dos viajores da experiência com pães recheados de fel.

A verdadeira piedade, no entanto, é filha legítima do amor. Não perde tempo na identificação do mal. Interessa-se excessivamente no bem para descurar-se dele em troca de ninharias e sabe que o minuto é precioso na economia da vida.

O Evangelho não nos fala dessa piedade mentirosa, cheia de ilusões e exigências. Quem revela energia suficiente para abraçar a vida cristã, encontra recursos de auxiliar alegremente. Não se prende às teias da crítica destrutiva e sabe semear o bem, fortificar-lhe os germens, cultivar-lhe os rebentos e esperar-lhe a frutificação.

Diz-nos Paulo que a «piedade com contentamento» é «grande ganho» para a alma e, em verdade, não sabemos de outra que nos possa trazer prosperidade ao coração. — Emanuel (Do livro «Pão Nosso»).

NAS CONVERSACOES

- ◆ Evite os assuntos desconcertantes para o ouvinte. Todos temos zonas nevralgicas no destino, sobre as quais precisamos fazer silêncio.
- ◆ Não pergunte a êsmo. Quem muito interroga, muito fere.
- ◆ Ajude conversando. Uma boa palavra auxilia sempre.

(Da "Agenda Cristã", de André Luiz)

Impressos de classe

Papéis p/ correspondência
Catálogos e Folhetos
Rótulos e Cartazes
Cartões Comerciais
Jornais e Revistas

Off-Set - Tipografia - Clichês

Preços razoáveis - Entregas rápidas

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Rua Rio de Janeiro, 926 —
3º pavimento
Fone: 2-4251 — Caixa Postal 279
End. Telefático: ALTEROSA
Belo Horizonte

EXPEDIENTE: DAS 11,30 AS 18 HORAS

Departamento de Arte, para
lay-outs, desenhos e montagens

«REVISTA DE IDENTIFICAÇÃO E CIÊNCIAS CONEXAS»

Constituindo, no gênero, uma publicação impar, a *Revista de Identificação e Ciências Conexas*, dirigida pelo jornalista Raul Pedreira Passos e editada nesta Capital, oferece interessante edição referente ao segundo semestre de 1959.

Entre os trabalhos dessa edição, destacamos a «Criminalidade Política no Direito Brasileiro», de Nelson Hungria, «A Perícia da Investigação da Paternidade», de Flaminio Fávero, e «Cupido como Provocador de Crimes», de João Rodrigues da Costa Dória. A edição merece leitura atenta.

A PORTA ABERTA

Certa vez uma professora fez a seguinte pergunta aos seus alunos da Escola Dominical: «Que vocês pensam, quando vêm as portas de uma igreja abertas de par em par, para qualquer pessoa que desejar adorar a Deus?» E ficou bastante emocionada quando ouviu um dos seus mais novos alunos pintar um expressivo quadro através de sua resposta: «Quando a gente entra assim em uma igreja, é como se estivesse andando no coração de Deus».

CAPÍTULO V

ANNE duPONT é uma excelente nadadora e não tem medo do azul profundo e desconhecido, lá em baixo. Quando estávamos, impacientemente, esperando a entrega de uma câmara cinematográfica, vinda dos Estados Unidos, para a filmagem de «O Maravilhoso Mundo Submarino», saímos certa manhã na «Hapai», minha canoa com flutuador, de 7,80 metros. Mergulhando do outro lado dos recifes, a oeste da famosa Ilha da Torre, na Jamaica, arpoamos umas boas caranhas para o almoço. Lex, o marido de Anne, equipado com o seu pulmão aquático, tirava fotografias submarinas e eu mergulhava sem equipamento.

Bem adiante da «Hapai», notei um enorme tubarão meio escondido, deitado debaixo de um banco de coral, a uma profundidade de 9 metros. Tentando fazer o mínimo de movimentos perturbadores, gritei pelo barco. Na canoa estavam Anne, alguns amigos do hotel e meus dois barqueiros. Após um curto lapso de tempo, os barqueiros lançaram âncora perto de mim e com isso fizeram bastante barulho para despertar nosso irmão tubarão. Todavia, ele se movia como uma lesma e foi fácil segui-lo por uns 30 ou 40 metros, por entre as montanhas e vales de coral. Era um bonito espécime de 3,60 metros e, aparentemente, sem pressa de sumir. Na verdade, provou ser um acompanhante infatigável quando descobriu que tínhamos câmaras conosco. Estabeleceu-se num canal estreito, entre duas pontas gigantes de coral, numa profundidade de cerca de 10 metros e meio. Todo o pessoal no barco ficou excitado quando percebeu que havia algo importante por perto, mas eu ainda não dissera de que se tratava. Quando gritei para Lex que viesse tirar umas fotografias de um enorme tubarão, imagine minha imensa surpresa quando Anne pôs suas nadadeiras e máscara e, pulando para dentro d'água, juntou-se a mim. Muitas pessoas ficam tão apavoradas com qualquer coisa no mar que imaginam monstros comedores de gente, de 3 a 6 metros, por toda parte. São as pessoas que tomam banho de chuveiro em vez de banho de imersão apenas para estar no lado seguro. Mas não é assim com a pequena Anne. Ei-la aqui, exatamente ao meu lado, tomada de ansiedade:

— Onde está? Onde está?

Como ela não viu imediatamente a forma enorme, parcialmente escondida debaixo de um banco de coral, nadei até a uns poucos metros do peixe e aponte-o. Como ela não estava bem certa ainda, aponte para o tubarão e em seguida para ela e de novo para o tubarão. Lex chegou exatamente a tempo de ver sua mulher subir à superfície, depois de uma vista em «close-up» do tubarão. Desceu para dar uma olhada e quando acreditou que o palco estava armado para umas fotografias excepcionais de tubarões, Lex deu a notícia inacreditável: acabaram-se os filmes. Já tinha batido umas chapas e, exatamente antes de se juntar a nós, havia encontrado um personagem pequeno e muito atraente: o baiacu ou sapo-do-mar (*Chilo-mycterus schoepfi*). Quando atacado, ele incha até ficar do tamanho de um balão grande, ericado de espinhos agudos que medem várias polegadas. Tem tanta confiança em si próprio que se pode até tocá-lo antes que se mova. Lex tinha ficado intrigado com isso, e assim, gastara todos os seus filmes.

E' assim que acontece. Você pode ficar dias a fio com os maiores especialistas, com câmaras e atores, e nunca localizar qualquer coisa interessante. Depois, quando está pescando calmamente o seu almoço, encontra tubarões, arraiais, barracudas, que só podem ser fotografados. E aqui estava esse forte candidato a Hollywood torcendo-se como um adolescente nervoso, posando para nós — e imagine!... Acabaram-se os filmes!

E não foi só isso que Lex teve de agüentar. Enquanto estivemos trabalhando em nosso filme, toda vez que encontrávamos alguma coisa de interesse fora do comum, alguém gritava:

— Olhe, Mamãe, os filmes acabaram!

Parecia uma pena não poder proporcionar à audiência uma vista melhor do velho tubarão deitado, meio escondido no meio de um canal estreito. Descendo, bati delicadamente no ombro dele com minha espingarda submarina. Mas aquele tubarão era a critura mais acanhada do mundo. Ficou praticamente vermelho quando emergiu de seu esconderijo debaixo do recife. Olhando em volta com os olhinhos de porco, moveu-

CORNEL LUMIÈRE

Condensação, pelo próprio autor, do livro «Beneath the Seven Seas», ainda inédito no Brasil, especialmente para ALTEROSA

se por uns 5 metros e deitou-se outra vez, provavelmente, pensando: «Não me faça cócegas de novo, não suporto isso». De qualquer maneira, tive de subir em busca de ar e, francamente, esta foi uma das poucas ocasiões em que lembro ter rido alto dentro d'água. Descendo outra vez, bati na sua cabeça. Uma vez, nada de resposta; duas vezes, nada de resposta. Tap, tap, mais uma vez e ele continuou lá.

da Jamaica, dizendo-me que um casal de moços acabara de chegar dos Estados Unidos. Entusiastas ardorosos do esporte submarino, tinham trazido uma grande quantidade de equipamento. Como terminara recentemente um livro a respeito de paisagens submarinas e da exploração dessa parte do mundo, gostariam muito de me conhecer.

Minha casa de inverno, Água Azul, está pegada ao hotel e, assim,

até nós durante certo tempo. Tinha sido, havia pouco tempo, assistente de fotografia submarina do filme de Wast Disney, «Vinte Mil Léguas Submarinas», baseado no livro de Júlio Verne, e agora tinha de enfrentar trabalho urgente em Miami. Então, Lex, um dos homens mais enérgicos e de mais rápidas decisões que já tive o prazer de encontrar por este mundo a fora, achou que seria divertido mandar

FILMANDO O

maravilhoso

MUNDO SUBMARINO

Então meu ar e minha paciência se esgotaram. Arranhando seu nariz duma maneira um pouco mais forte do que ele esperava, moveu-se de fato.

Passou direto por mim, uns três metros e meio de graça poderosa, músculos ameaçadores e pele de lixa. Desapareceu do campo de visão debaixo de um banco profundo, saiu um pouco mais adiante e continuou avançando velozmente. E com certeza está ainda contando aos companheiros a história do peixe branco e estranho que fez avançadas tão inesperadas.

Concedeu-se imediatamente a Anne a medalha de honra e o diploma da Classe A, sendo que as distinções se dividem da seguinte maneira: Classe E, para as pessoas que não passam da superfície (acredite se quiser: há pessoas que, a despeito da ajuda de nadadeiras, nunca conseguem descer completamente abaixo da superfície). A Classe D é para o mergulho bem sucedido. A Classe C representa 4 metros de profundidade; B, 8 metros; A, 12 metros ou mais. A medalha de honra é destinada à se-
reia que se aproxime a um ou dois metros de um tubarão com mais de dois metros e meio ou de uma barracuda de um metro e tanto, ou mais. Tudo isto aconteceu apenas uma semana mais ou menos depois de um telefonema do co-proprietário e gerente do mais selecionado hotel de Ocho Rios, na costa norte

dei um pulo até lá, naquela noite, para uma conversa.

Poucos minutos depois de minha chegada, estávamos sentados no belo terraço voltado para o Mar das Caraíbas, sorvendo uma mistura estimulante chamada Delícia do Pirata. Comparamos nossas experiências — e, ao passo que eu me especializara no mergulho sem equipamento durante um período de muitos anos no Mediterrâneo, no Pacífico e nas Caraíbas, os duPont nunca haviam visto as maravilhas dos mares tropicais. Tinham apenas dado um número razoável de mergulhos, com pulmões aquáticos, nos Estados Unidos e, não somente tinham vários aqua-lungues e tanques sobresalentes, como também haviam trazido seu próprio compressor e uma câmara de fotografias submarinas.

Desde o início, nós nos demos muito bem, e decidimos ir arpoar no dia seguinte. Eu estava fazendo uma exploração, para um filme submarino a ser realizado dentro de pouco tempo, com a assistência de Jordan Klein, o conhecido fotógrafo submarino de Miami, e contei isso a Lex e a sua jovem esposa. Os dois recém-casados ficaram imediatamente tomados de amor pela magia dos recifes de coral e, poucos dias depois, já atingíamos o estágio de discutir as possibilidades de realizar um filme enquanto eles estivessem ali.

Foram necessárias três chamadas à Flórida para localizar Klein e descobrir que não poderia chegar

buscar de avião uma câmara e rodar uns filmes de curta metragem para a TV. Claro que isso me convinha; comecei, então, a escrever o roteiro, enquanto esperávamos pela chegada da câmara. Instruções muito exatas foram telegrafadas aos fornecedores da câmara, explicando como deveria ser endereçada. Fizemos ainda muitas explorações e, afinal, concordamos que nossa «localização» ideal seria o lugar de um naufrágio espetacular, a cerca de 30 quilômetros a oeste de Ocho Rios.

Descobrimos o naufrágio num dia em que estávamos arpoando. Uma âncora enorme, escondida sob belos corais, foi encontrada a uma profundidade de sete metros e meio, a cem metros da costa, como o sinal de um desastre passado. Seguindo uma corrente pesada, que desaparecia, muitas vezes por vários metros, debaixo de grandes pontas de coral, descobrimos uma cena de total destruição. Pelo que restava, acreditamos tratar-se de um velho veleiro-vapor. Chapas de aço espalhavam-se numa área de centenas de metros. Os mastros, quebrados em muitos pedaços, estavam pendurados em uma montanha submarina, e mais em baixo, num vale, debaixo de 13 ou 15 metros de água.

Centenas de ericados ouriços do mar viviam em volta do naufrágio e uma barracuda de 1,20 m parecia ter-se encarregado daquela área, como se fôsse um vigia nomeado



Sinfonia de peixes.

FILMANDO O MARAVILHOSO...

por ele mesmo. Ela ficou por lá por mais de uma meia hora, recusando-se a ser expulsa ou a chegar a uma distância em que pudesse ser arpoada.

Ficamos sabendo de um outro naufrágio perto de Port Maria, a 20 milhas de Ocho Rios. Fomos dar uma olhada e chegamos à conclusão de que as águas agitadas da baía aberta de Port Maria não nos proporcionariam um bom ambiente para a realização de nossas intenções.

Esperamos dois dias pela chegada de nossa câmara dos Estados Unidos; três dias, quatro dias. Telefonávamos ao escritório da companhia de aviação várias vezes por dia, sempre com a mesma resposta do outro lado: nada ainda. Afinal, após cinco dias de frustração, conseguimos que o representante da companhia telefonasse a Miami e rastreasse o caminho de nossa câmara, para que ela fosse finalmente embarcada para nós.

Neste meio tempo, continuamos a

fazer todo o possível, realizando o trabalho preliminar, de modo que não se gastasse mais tempo depois que a câmara chegasse. Nosso roteiro contava a história de um casal de jovens turistas entusiastas do esporte submarino e as experiências que tiveram durante sua estada na ilha.

Arpoávamos peixes regularmente e tivemos uma outra experiência incomum com um tubarão, relatada no artigo precedente «Tubarão ao Largo». Esse tubarão... Como o calipso mais popular atualmente na ilha é «Não Role Esses Olhos Vermelhos Para Mim», os companheiros de quarto desse tubarão deviam estar esperando por ele para cantar isso, quando chegasse em casa.

Quando voltamos ao hotel, telefonamos para o escritório da companhia de aviação pedindo notícias da câmara. Recebemos outra resposta negativa e decidimos telefonar para Miami e ver se seria possível conseguir que uma outra máquina de filmar fosse enviada de lá. Klein

não só prometeu que nos enviaria uma imediatamente como também — surpresa agradável — se fôsse possível, ele próprio viria e ficaria durante bastante tempo para rodar meu filme.

Na mesma noite, chegou um telegrama dizendo que ele estaria no Aeroporto Kingston, 115 quilômetros distante, no dia seguinte. Fomos buscá-lo e, esperando o seu avião chegar, ficamos sabendo que a primeira câmara, que deveria ter chegado uma semana antes, tinha afinal sido localizada e chegaria na mesma manhã. Klein chegou com todo o seu equipamento e a câmara que tínhamos pedido antes chegou também.

Então, teve início uma das experiências mais frustradas de minha vida inteira. Depois de todos os esforços e gastos feitos para trazer aquela máquina para a Jamaica, os burocratas locais não nos iam deixar tirá-la tão facilmente. Suamos e suamos de repartição em

repartição. De discussão em discussão. De funcionário em funcionário. A maioria das repartições, dos argumentos e dos funcionários eram inteiramente ilógicos. O fato de que a Jamaica teria uma publicidade tremenda na TV e em salas de conferências, a ser proporcionada por aquela máquina, deixava todo mundo totalmente frio e indiferente. O regulamento dizia isto e o regulamento dizia aquilo e eles estavam realmente determinados a nos fazer engoli-lo, com capa e tudo. Parecia que a maioria das pessoas que éramos obrigados a ver tinha pouco mais a fazer do que ficar sentadas e discutir interminavelmente. Chegamos, realmente, ao clímax do negócio quando um funcionário mais brilhante do que os precedentes descobriu que, não somente não podíamos fazer entrar a câmara sem pagar uma taxa de importação exorbitante, como também não poderíamos devolvê-la ao lugar de embarque, pois isso também era ilegal! Isso e uma observação feita durante um desses espirituosos debates, de que a companhia de aviação envolvida não podia ser aceita como fiadora do retórno da câmara, mexeram com o seu gerente local. Já nos auxiliara muito até então, mas agora nada poderia segurá-lo. Assim, depois de um dia inteiro de calor e discussão acalorada, deixamos afinal Kingston, de noite, com as câmaras. A situação estava assim, então: roteiro, produtor, diretor, fotógrafo, câmaras, equipamento de mergulho, elenco e local, tudo pronto para a ação. As possibilidades de chegarmos até esse ponto deviam estar numa proporção de 1 em 34.000.000. Agora, se fatores menos importantes, como condições atmosféricas e do mar, fôssem favoráveis, se não aparecessem complicações com o equipamento de mergulho, nada mais tínhamos a fazer do que rodar as câmaras. Foi o que fizemos.

Depois de todos os obstáculos e embarços das primeiras semanas, os deuses estavam agora 100% ao nosso lado! O tempo estava perfeito. A água era tão clara como deveria sempre estar, todo dia, até a metade da manhã, quando as brisas do mar se encarregavam de provocar as ondas. Mesmo então, quase sempre podíamos continuar por cerca de uma hora, pois a transparência do mar tropical era excelente. Levamos o nosso roteiro de trabalho a cabo com a rapidez e eficiência costumeiras de Hollywood.

Jordan Klein, nosso fotógrafo, trabalha depressa. Estávamos matando dois coelhos de uma só cajadada — um filme para as minhas conferências e outro, de curta duração, para a televisão. Tínhamos quatro câmaras submarinas, duas para filmes e duas para fotografias. Esse trabalho nos proporcionou experiências variadas e incomuns. Conseguimos um ambiente bonito em volta do naufrágio. Belas cavernas debaixo dos recifes formavam um ponto vantajoso de onde as cenas do naufrágio eram filmadas numa moldura fornecida pela

própria natureza. Quando terminávamos a filmagem do dia, debaixo d'água, comíamos um sanduíche a toda pressa e continuávamos a filmagem de praia e de «background». Não podíamos desperdiçar um sol maravilhoso e arriscar atravessar um período nublado de quatro ou cinco dias, como já tínhamos experimentado duas semanas antes. Quando a noite chegava, todos nós estávamos completamente exaustos, com forças apenas para jantar e para um curto bate-papo a respeito dos problemas do dia seguinte. Iamos depois para a cama e dormíamos como pedras.

Uma vez, quando duas câmaras estavam rodando, conseguimos realizar uma boa seqüência com um tubarão. Infelizmente, não era um bicho tão grande como os que tínhamos encontrado semanas atrás. Não media mais do que dois metros e meio. E tivemos nossas provocações e tribulações. Uma vez Klein, o fotógrafo, e eu estávamos mergulhando sem equipamento, à procura de peixes grandes, quando notamos um tubarão de quatro metros e meio a uma profundidade de treze metros e meio. Voltamos depressa para buscar nossos pulmões aquáticos e câmaras no barco. Como os tubarões muitas vezes ficam deitados sob um banco de coral e dormem durante algum tempo no mesmo lugar, aproveitamos a nossa oportunidade e então descermos a toda força: três pulmões aquáticos, três câmaras e um mergulhador sem equipamento. Aproximando-se com todo cuidado do lugar, logo ficou claro que nossa teoria tinha falhado totalmente. Nosso amigo havia sumido. Klein e eu continuamos com nossos pulmões aquáticos, na esperança de poder encontrá-lo de novo. Lex seguiu-nos um pouco, mas logo voltou para o barco. Uma maré forte nos ajudava e, sempre esperançosos de encontrar algo espetacular, Klein e eu continuamos. Conseguimos filmar um tipo raro de coral que, de acordo com o biólogo marinho da Universidade das Índias Ocidentais, Tom Goreau, fôra encontrado pela primeira vez em águas das Caraíbas. De aparência um pouco semelhante a algumas formas de coral, este tipo se espiralava em graciosos cones delgados, de trinta centímetros a dois metros e quarenta.

Depois de cerca de 40 minutos, meu ar começou a faltar. Subi à superfície e notei que o barco estava ainda ancorado muito longe, no pôrto, onde havíamos pulado água. Sem que soubéssemos, a âncora ficara presa em águas profundas e os barqueiros estavam tentando levantá-la desde o momento em que descêramos. Acenei com as mãos, acenei com a arma, mas de nada valeu. Acenando para Klein, para dizer que seria melhor voltar para a costa, tirei o pulmão-aquático e o cinto de lastro. Arrastar uma carga pesada como aquela através de águas agitadas, depois de ter nadado e mergulhado durante horas, não é exatamente o que eu

(Concluí na pág. 75)



O CAMPEÃO DA AVENIDA, o Campeão das Sortes Grandes vendeu em 27 de janeiro, da Federal:

38.824 — Cr\$ 150.000,00

Em 29 de janeiro, da Mineira:

13.936 — Cr\$ 200.000,00

8.240 — Cr\$ 60.000,00

Sortes Grandes?

CAMPEÃO DA AVENIDA

e... não se discute

**Avenida, 770 — Avenida, 612
Caixa Postal 225 — B. Horizonte**

COLABORAÇÃO DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir as produções recebidas na 1ª quinzena e na 2ª quinzena de janeiro e que receberam aprovação da Comissão Julgadora:

CONTO: "Memórias de um canário", de Fontes Ibiapina.

POESIAS: 4 trovas, de Cremilda Corrêa Costa; 12 trovas, de Geraldo Pimenta de Moraes e "Canção do Sonho", de Yeda Marques.

Cada novo eleitor que você alistar será mais um soldado no combate à corrupção e aos desmandos que infelicitam o País. O voto é a única arma do cidadão para a defesa dos interesses da coletividade. Minas e o Brasil confiam no seu voto.

Em troca da bondade, deram a tragédia; e pagaram a liberdade com traição.

O JOGO DE prenda — no qual um dos participantes deve responder corretamente à pergunta feita por outro, ou, não respondendo, pagar-lhe uma prenda — talvez seja tão antigo como o nosso velho conhecido «chico-tinho-queimado» ou o ainda mais conhecido «bôca-de-forno». Os americanos dão-lhe o nome de «Truth-or-Consequences» (verdade ou consequências), e o jogo é bastante popular, graças à divulgação que lhe tem sido dada, a princípio por um programa de rádio, e agora, pela televisão. No auge do seu sucesso, certo gênio da publicidade teve a idéia de dar o mesmo nome a um lugar, e os 4.000 e tantos habitantes de uma cidadezinha do Condado de Sierra (Novo México) apanharam a idéia no ar e resolveram adotá-la. Desde então, a antiga Hot Springs passou a chamar-se Truth-or-Consequences.

No dia 20 de agosto de 1955, um jovem louro dirigiu-se ao guichê da caixa de um Banco de Truth-or-Consequences e apresentou um cheque de 80 dólares, emitido por um vendedor de carros usados, a favor de certo Lewis A. Finn. O jovem louro disse que Finn era ele mesmo e exibiu documentos de identidade, a fim de provar o que dizia.

Acontece que o rapaz não dissera a verdade — e teve de agüentar as consequências.

* * *

Embora já contasse os seus 67 anos de idade, o verdadeiro Lewis A. Finn era homem sadio e continuava trabalhando como técnico, numa fábrica de produtos alimentícios de Chicago. Viúvo sem filhos, tinha um irmão em West Palm Springs, Flórida, outro em Yuma, Arizona, e um terceiro num subúrbio de Detroit, Michigan.

Em princípios de julho, decidira tirar férias mais prolongadas, de dois meses ou mais, pretendendo visitar dois ou mesmo os três irmãos. Homem cheio de vida, adquirira também equipamento para acampar à margem das estradas, durante a noite.

Mais ou menos na mesma ocasião em que Finn partia de Chicago, Leonard W. LaFond e Jo Ann Severson deixaram seus respectivos lares, em Milwaukee e Granville, no Estado de Wisconsin. Leonard tinha vinte anos, era casado e pai de dois filhos, com um terceiro a caminho, pois se casara aos dezesseis. Não se sabe se contou essas coisas para a bela morena Jo Ann, mas é provável que, se tivesse contado, ela não lhes daria maior importância. E' certo, entretanto, que não falou nada disso aos pais da moça, que só ficaram sabendo de maiores detalhes a respeito do moço depois de terem dado queixa à polícia de Milwaukee, de que sua filha havia fugido — provavelmente em companhia de LaFond. Mas passaram-se ainda várias

semanas, antes que voltassem a ter notícias da moça.

* * *

Os documentos que o jovem louro mostrar no Banco de Truth-or-Consequences revelaram que Lewis A. Finn era membro de uma sociedade profissional, de uma irmandade e de uma organização cívica de Chicago. E, afinal, o jovem não parecia, aos olhos do caixa, ser o tipo indicado para pertencer a tais instituições.

Pois a polícia também pensou da mesma forma. Sobre tudo porque o rapaz confessara não possuir uma licença de motorista, embora tivesse guiado, ele mesmo, o carro que vendera na cidade. Era um velho carro, e os documentos indicavam ter sido adquirido em El Paso, Texas.

Chamado ao telefone, o negociante do Texas informou que entregara o automóvel ao jovem louro, juntamente com algum dinheiro, em troca de um carro novo e maior, com placa do Estado de Illinois e documentos que o davam como propriedade de Lewis Finn.

Outro telefonema, desta vez para Chicago, revelou que Finn tinha 67 anos e que o carro vendido pelo jovem em El Paso era justamente o seu. Provavelmente, havia sido roubado pelo moço. E, uma vez acusado o rapaz de dirigir um carro roubado, atravessando as fronteiras de vários Estados, o Bureau Federal de Investigações passou

A MORTE PAGOU A PRENDA



a cuidar do caso, seguindo uma linha que partia de Truth-or-Consequences e corria quase todo o mapa dos Estados Unidos.

* * *

Neste ponto, o jovem louro confessou sua verdadeira identidade: chamava-se Leonard LaFond e era de Milwaukee. Havia saído da cidade, em companhia de Jo Ann Severson, no princípio do mês de julho, viajando de carona até o Canadá, de onde retornaram à Flórida. Em Kentucky, perto do Parque Nacional de Mammoth Cave, deram com o carro de Finn, completo, com chaves, papéis e até uma carteira com dinheiro, estacionado à margem da estrada. Entraram no carro, gastaram o dinheiro encontrado na carteira, falsificaram e desconta-

ram alguns cheques de viajantes, mas — LaFond até o jurava — nunca tinham visto a cara de Finn.

— No carro roubado, viajamos para El Paso — acrescentou LaFond — e lá o vendemos, recebendo um carro menor e mais velho como parte do pagamento. Em Truth-or-Consequences, Jo Ann e eu discutimos e ela me deixou, levando quase todo o dinheiro que possuíamos. Fui, por isso, obrigado a vender o automóvel que adquirira na cidade texana.

A essa altura, os policiais do FBI, em Chicago e Milwaukee, haviam descoberto alguma coisa. Em Chicago, ficaram sabendo que as últimas notícias de Finn davam-no em West Palm Springs, em visita ao seu terceiro irmão. Em

Milwaukee, tiveram boas informações sobre o passado de Jo Ann e LaFond.

Não foi difícil achar o rastro da moça. Em Truth-or-Consequences, ela tomara um ônibus para Las Cruces, perto da fronteira com o México, e de lá seguira para San Antonio, no Texas. Detida, nessa última cidade, contou uma história bem diferente da narrativa de LaFond.

* * *

Enquanto isso, os homens do FBI, nas proximidades de Mammoth Cave, descobriram o corpo de Finn, enterrado numa cova rasa. Reconstituindo o crime — por meio de deduções e baseando-se nas confissões de ambos os suspeitos, acabaram conseguindo estabelecer os detalhes da história.

(Conclui na pag. 76)

METAMORFOSE DA



OLGA OBRY (Especial para ALTEROSA)

Usada com tailleur de tweed mesclado de lã e sêda, côr-de-areia, casaco 2/3, blusa-túnica de xantungue café com leite, abotoada na frente, com cinto da mesma fazenda, desleixadamente amarrado. Modelo «pronto para vestir» de Wébé, Paris.

blusa

PARIS (Via Panair) — Não há, no guarda-roupa feminino, nada mais volúvel do que a blusa. Sua metamorfose mais recente transformou-a em túnica: usada por cima da saia, a blusa-túnica cobre os quadris, sua bainha desce até o alto da coxa; de corte reto, ela é geralmente franzida na cintura por um cinto desleixadamente amarrado; com manga curta ou três quartos, ou sem manga alguma, a blusa-túnica é usada com saia reta, com "tailleur" de casaco comprido (o novo comprimento 2/3), reto também, ou ainda em casa, ou na praia com calça comprida. Com a calça de praia, porém, as mocinhas preferem a blusa-camisolão, de feitio masculino com gola aberta e punho abotoado na manga comprida, em cores vivas e padrões "imprimé" caprichosos. Para viagem e "week-end" na montanha, blusinhas de "jersey" — de lã, seda, algodão, linho, "nylon" e uma infinidade de novas fibras artificiais, cada qual com qualidades inéditas de resistência, flexibilidade e brilho — usadas, com ou sem cinto, dentro ou fora do cós, serão, às vezes, acompanhadas por um colête de pele ou couro fino e flexível. A tardinha, na hora do coquetel, nova mudança de cenário: aparece a blusa ricamente bordada, usada com saia ampla e cinto largo, em combinações de cetim e veludo, tafetá e organza, renda e musselina, com harmonias colorísticas ousadas e decotes fundos. Até a noite, com saia comprida, a blusa "habillé", enfeitada com babadinhos plissados, com uma jóia vistosa, com uma grande flor presa na cintura continua em foco.

Blusa-camisolão da Boutique LANVIN-CASTILLO, executada com dois grandes lenços de cabeça de seda estampada. As grandes estrêlas do palco e da tela — Ingrid Bergmann, Brigitte Bardot, Juliette Greco, Pascale Petit — escolheram «blusas de sol» desse tipo.





MEFAMORFOSE DA BLUSA.....



↑ Outra «Blusa de sol» da Boutique LANVIN-CASTILLO, em seda estampada de cores vivas, cujo padrão de linhas negras sobre fundo luminoso lembra os efeitos de luz dos vitrais antigos.

→ Conjunto de coquetel de BALMAIN: Blusa de cetim branco, com bordado marrom e preto, saia de veludo marrom e largo cinto de veludo preto.

Blusa de «jersey» de lã fino, branco, usada com colete de finíssima pele de bezerro, marrom e branca, e saia de lã marrom. Modelo de Grès para viagem ou «week-end» na montanha.



Elegante conjunto de saia comprida, em tafetá listrado vermelho e preto, e blusa de tule negro, enfeitada com babadinhos plissados e grande rosa vermelha presa no cinto de cetim preto. Modelo de Maggy Rouff.



ENQUANTO prepara a ampliação de suas instalações industriais, a Cia. Siderúrgica Nacional continua dedicando a sua maior atenção ao problema do aumento de sua produção de aço, apresentando índices, bem expressivos de êxito no que tange a êsse objetivo. No exercício de 1959, segundo os dados colhidos pela nossa reportagem em Volta Redonda, foram produzidas mais 60 mil toneladas do que no ano anterior, alcançando a produção total de lingotes de aço a elevada cifra de 872 mil toneladas.

Conforta os sentimentos de patriotismo do brasileiro verificar que a Usina de Volta Redonda, quer pela quantidade e qualidade de seus produtos, quer pela sua organiza-

certos fatos e circunstâncias suscetíveis de, intermitentemente, alterar ou dificultar aquilo que é hoje a grande tarefa e a preocupação diuturna da alta direção da empresa: — o aumento constante de sua produção e o aprimoramento da qualidade dos produtos. Por exemplo: a CSN teve de paralisar um de seus altos fornos, a fim de que pudesse receber novo revestimento após o cumprimento, por êste, de uma campanha de 5 anos e 4 meses ininterruptos. Como a Usina tem atualmente apenas duas dessas unidades, poder-se-ia admitir que a sua produção se ressentisse fortemente com o impacto daquele fator contingente e negativo. Todavia, superando essa contingência desfavorável por meio de hábeis

da meta siderúrgica (1.100.000 t de lingotes de aço).

Paralelamente, desenvolve-se intenso trabalho, em Volta Redonda, para elevar a capacidade de produção anual da Usina para os limites a que nos referimos: 1.250.000 toneladas de lingotes de aço. Como parte dos novos equipamentos previstos para a segunda expansão de Volta Redonda, inaugurou-se solenemente, no dia 18 de janeiro último, em Volta Redonda, a 3ª Bateria de Fornos da Coqueria, com a presença do presidente da Cia. Siderúrgica Nacional, dr. João Kubitschek de Figueiredo, acompanhado dos diretores drs. Renato Azevedo e Paulo Mendes, e do chefe interino da Coqueria, engenheiro Dietrich Witt. Após o primeiro to-



←
O presidente da CSN, engenheiro João Kubitschek de Figueiredo, acompanhado do Diretor Industrial e Diretor Secretário, quando inaugurava a 3ª Bateria de fornos de coque de Volta Redonda.

→
O engenheiro João Kubitschek, presidente da CSN, inspeciona as outras obras de expansão de Volta Redonda

VOLTA REDONDA: MAIS DE UM

ção, métodos de venda e baixos preços, atende satisfatoriamente à expectativa do mercado, cumprindo destacar, ainda, seus ótimos índices de produtividade, reveladores do alto nível técnico atingido por seus engenheiros, mestres e operários, na utilização do moderno equipamento de que é dotada a maior usina siderúrgica do País.

A produção de lingotes de aço, a que já nos referimos, corresponde a cerca de 50% da produção reunida de 14 empresas nacionais. Em outras palavras: Volta Redonda, sozinha, entregou ao consumo quantidade de aço igual ao que foi produzido pelas outras 13 companhias siderúrgicas do País, incluindo-se entre estas, usinas da importância da Belgo-Mineira (300.000 t), Mineração Geral do Brasil (200.000 t), Mannesmann (100.000 t) e outras com menor produção.

O quadro estatístico que apresentamos nesta reportagem dá uma idéia perfeita do êxito alcançado pela direção da CSN no seu plano de produtividade para o ano findo, especialmente se atentarmos para

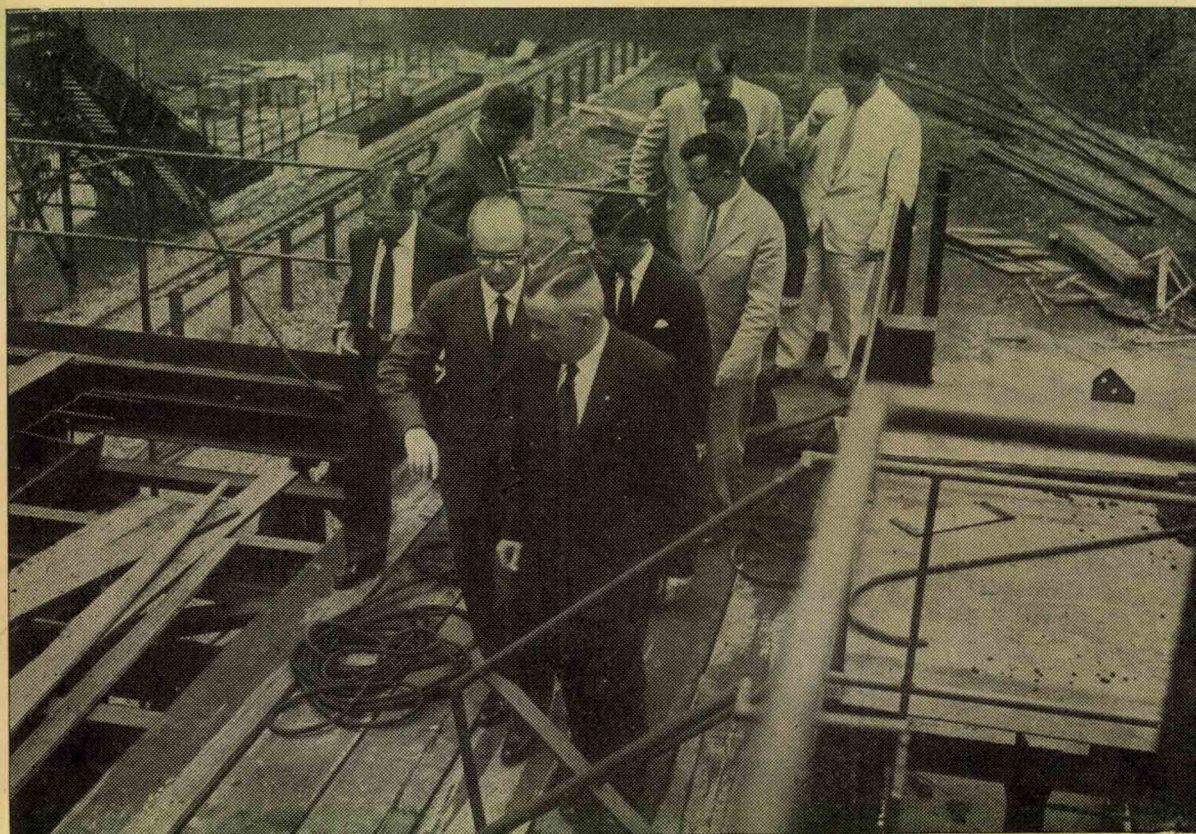
diligências técnicas, a Usina de Volta Redonda conseguiu superar substancialmente a produção realizada no ano anterior, com exceção apenas do setor de gusa, cujos índices foram ligeiramente mais baixos. Ressalve-se, ainda, no quadro estatístico que estamos apresentando, a circunstância de que as oscilações encontradas nos diferentes tipos de laminados são decorrentes da flutuação da demanda do mercado nacional.

Ainda no que tange à produtividade da maior usina siderúrgica do Brasil, é com a maior satisfação que damos outra notícia, verdadeiramente auspiciosa para quantos vêm acompanhando, com interesse cívico, o esforço do Governo no sentido de um maior desenvolvimento econômico do País. A produção de Volta Redonda, ainda no presente ano, ultrapassará a casa do milhão de toneladas de lingotes de aço, e sua capacidade produtiva instalada será da ordem de 1.250.000 t por ano. Isto significa, na sua esfera, a superação da parcela que lhe fôra demarcada no cumprimento

que dado pelo Presidente da CSN, para início das operações da nova Bateria, o coque apontou à bôca do Forno nº 88 e foi recolhido pelo vagão que o levou ao resfriamento, conduzindo ainda a máquina transportadora os Diretores que participaram da inauguração.

A 3ª Bateria, agora inaugurada, está constituída de 27 fornos, e capacitada para a fabricação de 550 toneladas por dia. Aproximadamente, serão enforcadas diariamente 730 toneladas de carvão, daí saindo as 550 toneladas de coque e uma grande escala de sub-produtos, proporcionando um aumento de 36% na produção atual de coque, gás e outros sub-produtos da destilação do carvão, na Coqueria da Usina.

O Presidente Dr. João Kubitschek de Figueiredo, após a inauguração, apreciou ainda os trabalhos, já em fase final, da construção da 4ª Bateria, que contará com 17 fornos para a fabricação do coque e 3 para a produção de coque de piche, cuja inauguração terá lugar em abril ou maio do ano em curso,



MILHÃO DE TONELADAS DE AÇO EM 1960

ampliando ainda mais, e consideravelmente, a produção da Coqueria.

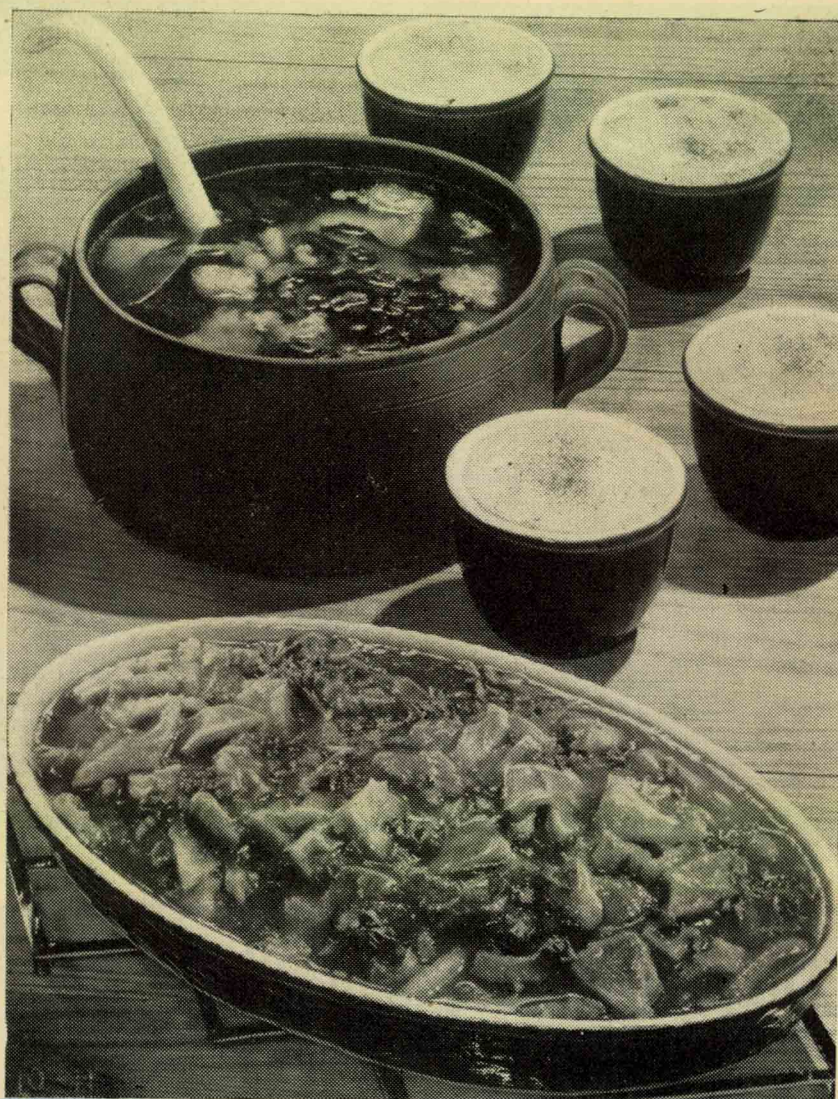
Ao registrar fatos e estatísticas de tanta relevância para o futuro da indústria pesada brasileira, cujo desenvolvimento tanto depende da continuidade desse notável plano de expansão da Usina de Volta Redonda, sentimos o incontinente desejo de

formular votos para que o atual presidente da CNS, engenheiro João Kubitschek de Figueiredo, tenha oportunidade de dar mais uma demonstração de sua reconhecida competência e devotado espírito público, realizando o que tem em pensamento: — o início, desde já, dos trabalhos preliminares para que Vol-

ta Redonda atinja, no menor período de tempo, a meta dos dois milhões de toneladas de aço em lingotes. Para a realização desse ambicionado alvo, conta ainda a favor do experimentado engenheiro mineiro a confiança que, por todos os títulos, nele deposita o atual Governo da República.

PRODUTOS	UNIDADE	TONELADA	DIFERENÇA
	1958	1959	1959/58
COQUE	507.822	521.308	+ 13.486
GUSA	645.809	635.333	— 10.476
AÇO EM LINGOTES	811.491	872.017	+ 60.526
AÇO LAMINADO	621.741	671.869	+ 50.128
— Trilhos e Acessórios	57.248	53.115	— 4.133
— Perfilados e Barras	113.801	107.898	— 5.903
— Chapas Grossas	97.072	99.484	+ 2.412
— Chapas e Bobinas a Quente	135.238	152.563	+ 17.325
— Chapas e Bobinas a Frio	120.361	148.190	+ 27.829
— Chapas Galvanizadas	18.636	20.683	+ 2.047
— Fôlhas de Flandres	79.385	89.936	+ 10.551

UM JANTAR DENTRO DAS TRADIÇÕES ESPANHOLAS



BAZAR
feminino

↑
Para variar, nada
como os pratos
segundo a tradição
espanhola.

Sopa de Favas

1/2 kg de carne de porco salgada (ou «bacon»)	250 g de favas brancas, prèviamente colocadas de mólho
100 g de salsichas picadas	2 batatas descascadas
	3 colheres de sopa de azeite de oliva

MODO DE FAZER : Coloque a carne numa caçarola, com duas colheres de sopa de azeite, acrescente a salsicha e deixe no fogo até que ela fique meio cozida. Em seguida, adicione-lhe as fa-

vas e um pouco de água fervendo, e deixe cozinhar durante 2 horas, ou até que as favas fiquem macias. Feito isso, acrescente-lhes as duas batatas inteiras e algumas fôlhas de espinafre, e leve

novamente a ferver, até que as batatas estejam cozidas. Retire as batatas, amasse-as com 1 colher de azeite e ajunte a massa à sopa, deixando ferver ainda durante uns 5 minutos. Sirva com pão torrado.

Tripa Madrilenha

1 kg de tripas de porco vinagre, cebola e alho	1 1/2 colher de chá de sal
1 colher de chá de manjerona em pó	1 pé de porco
1 colher de sopa de salsichas picadas	2 colheres de massa de tomate
azeite de oliva	1/2 xícara de salsichas picadas

MODO DE FAZER : Deixe as tripas de mólho durante 30 minutos em água e 3 colheres de sopa de vinagre. Escorra a mistura e acrescente água fria, levando-a a cozinhar durante 15 minutos. Depois disso, ajunte os outros ingredientes, cuidando de picar a

cebola bem fininha e deixe cozinhar durante umas 3 horas ou até que tudo esteja bem macio. Escorra o caldo, deixando-o à parte e, em 1/3 de xícara de azeite, cozinhe 1/2 xícara de salsichas picadas, 3 fatias de «bacon» picadas em cubos e uma cebola pe-

quena, também picada e adicione tudo às tripas, ajuntando ainda a massa de tomate e pimenta. Deixe ferver, durante uns dez minutos, acrescentando em seguida o caldo que estava à parte, e deixando ferver ainda por um espaço de 1 hora.

Creme de Leite com Açúcar Queimado

4 ovos	2 1/2 xícaras de leite
1 xícara de açúcar cristal	noz moscada
	essência de baunilha

MODO DE FAZER : Leve ao fogo 1/2 xícara de açúcar, faça uma calda dourada e unte com ela 6 tijelinhas de creme. Bata os ovos com o açúcar restante,

acrescente-lhes o leite e a baunilha, e coloque a mistura nas tijelas, salpicando em seguida a noz moscada. Coloque as tijeli-

nhas em uma caçarola contendo água quente e leve ao forno brando, por uns 30 minutos. Depois de frio, desenforme.



C

DURANTE O VERÃO, nas praias quando Você se mete em trajes de banho ou na cidade, quando prefere usar sandálias ligeiras e meias transparentes, é necessário prestar muita atenção à estética dos pés. Saiba que as pernas mais belas não podem ser perfeitas se os pés não são bem cuidados. Se Você vive na cidade, tôdas as noites, depois de um dia passado no escritório ou dedicado aos afazeres domésticos, deite-se por alguns minutos, conservando os pés em plano mais alto do que a cabeça, para reativar a circulação. Se, ao contrário, Você se encontra no campo, voltando do passeio, faça uma massagem nos pés e nas pernas com um creme refrescante.

A toalete dos pés é importantíssima. Use água quente, sabão à base de lanolina e uma escôva, que garanta uma fricção ativante. Repita esta operação tôdas as noites e, pela manhã, enxágüe os pés novamente, enxugue-os e aplique-lhes um pouco de água de colônia. Procedendo assim, Você sentirá os pés frescos durante todo o dia.

Certamente Você deesjará ter também os tornozelos sempre em forma: isto não será difícil, se observar alguns cuidados simples. Um segredo para torná-los mais delicados reside na ginástica aliada à massagem diária. Bastam poucos minutos em cada manhã para melhorar a «estética» dos pés e das pernas, dando resultados surpreendentes. Damos aqui os exercícios e os movimentos mais fáceis para a obtenção desses resultados. E, agora, uma recomendação final: se Você usa sandálias, lembre-se de que as unhas aparadas tornam os pés mais femininos, graciosos e elegantes.

Siga as nossas instruções e transforme-se numa perfeita pedicure.

Cuidando da estética dos pés

BAZAR FEMININO

1 DE MARÇO DE 1960

GINÁSTICA

1 — Para fazer um pouco de ginástica, bastar-lhe-á executar movimentos simples. Estenda o pé, arqueando o colo e flexionando os dedos (como as bailarinas, quando fazem seus exercícios).

2 — Com movimento decidido, dobre o pé, levando a ponta o mais alto possível. Repita este exercício por dez ou quinze vêzes e, finalmente, faça um movimento rotativo com agilidade.

3 — Um ótimo exercício para corrigir a rigidez das articulações e fazer circular melhor o sangue; sente-se num banquinho, coloque um lenço no chão e procure apanhá-lo com o dedo.

4 — Alargue o dedo grande, tome o lenço e levante-o no ar, com bastante firmeza. Repita o exercício diariamente, até tornar-se bem ágil.

CUIDADO

1 — Apare as unhas com a tesoura própria, evitando sempre de cortar os ângulos.

3 — A circulação é reativada: massageie o tornozelo deseja desfiar as meias e o fôrro fino das sandálias. Adote as lixas rígidas de metal.

3 — Para realizar o tratamento dos pés, de modo perfeito, deixe-os imersos em água quente durante uns cinco minutos. Misture à água um bom sabão em lascas.

4 — Elimine a cutícula que contorna as unhas. Aplique antes dessa operação um pouco de creme usado para as unhas das mãos.

5 — Enxugue bem os pés antes de aplicar o esmalte sobre as unhas. Para uma operação mais completa, coloque entre os dedos mechas de algodão.

6 — Eis como Você deve aplicar o esmalte: da extremidade interna para a externa. Deixe secar a primeira camada para então aplicar a segunda.

7 — O talco tornará a pele mais delicada. Realize essa toalete semanalmente. Mas, se Você tiver qualquer defeito para ser corrigido, recorra ao pedicure mensalmente.

8 — Os defeitos que Você mesma pode eliminar são as calosidades dos calcanhares e da planta dos pés. Para isto, adote a loção branca, criada especialmente para esse fim.

MASSAGEM

1 — Massageie os dedos, começando com um movimento que siga todo o contórno. Use um bom creme para essa operação.

2 — Com as mãos sob a planta do pé e os polegares sobre o peito, execute uma ligeira massagem, comprimindo sobretudo o arco sob o pé.

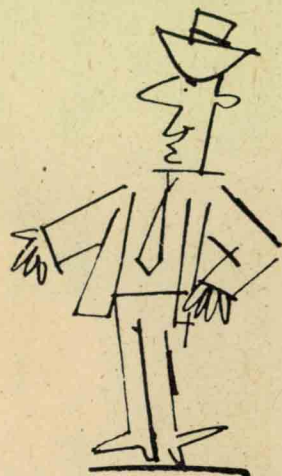
3 — A circulação é reativada: massageie o tornozelo com um movimento circular executado pelos polegares. Isto faz com que as inchações sejam eliminadas.

4 — O calcanhar pode ser massageado com uma só mão ou com as duas alternadamente. Comece no calcanhar e termine na barriga da perna.

5 — Depois de um dia fatigante é necessário beliscar o colo do pé levemente, com mãos alternadas. Execute um movimento em ritmo veloz.

6 — Finalmente, o beliscamento do tornozelo deve ser feito lateralmente, sempre com mãos alternadas, com ligeireza, insistindo onde houver mais gordura.

A CONVERSACÃO



AINDA que poucas mulheres se dêem conta disto, a conversação bem dirigida é uma virtude que todo mundo aprecia, principalmente os elementos do sexo masculino. Mas é preciso entender que uma conversação inteligente não consiste apenas em fazer uso de uma boa erudição. Basta, às vêzes, saber eleger os temas, sem insistir sobre eles, quando se nota que o interlocutor ou interlocutora não sabe acompanhá-los; suprimir os conflitos pessoais ou domésticos, não abusar do trivial, como é o falar, quando não se tem mais o que dizer, do tempo, dos preços do mercado, das dificuldades para se tomar um coletivo, das graçinhas dos garotos, etc. Existem muitas outras coisas de que se ocupar, quando visitamos ou quando recebemos visitas: os espetáculos que tenhamos visto ultimamente, por exemplo; alguma viagem que tenhamos feito, os acontecimentos do dia, a educação dos nossos filhos e as relações que tenhamos com os seus professores. Mas, entre tudo isto, sobre o que uma mulher tem a dizer, é preciso que ela o diga sempre com critério e com medida, preferindo ouvir a ser ouvida. Esta deverá ser a nossa conduta, se quisermos comportar-nos discretamente em uma conversação.



BAZAR FEMININO

MODA



A ESQUERDA

Yolande criou êsse bonito modelo responsável pela elegância das garotinhas e que deve ser confeccionado em algodão resistente. A blusinha é trabalhada com elástico na parte da frente e graciosamente enfeitada com uma gola recortada, tipo capa.

(Foto TRANSWORLD).

A DIREITA

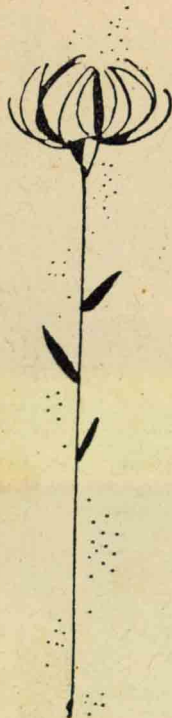
Carolyn North criou êsses dois modelos práticos para compras ligeiras. Ambos são enfeitados por amplos bolsos e por viés de côr viva. Note-se o corte bastante original das golas.

— Cuide muito de suas atitudes, principalmente quando se achar em qualquer lugar público. Não se esqueça de que há sempre pessoas que reparam nossas faltas e isso nunca nos beneficia.

— Há uma maneira de estar, de se mover, de ficar sentada e mesmo de permanecer imóvel, com distinção. Não há necessidade de que se seja manequim para ter um bonito porte e saber ter boas maneiras. A beleza nada tem com isso; trata-se apenas de uma certa atitude que qualquer uma de nós pode cultivar, desde que tenha perseverança.

— A tolerância é uma das virtudes humanas mais difíceis e mais necessárias. Ser tolerante não é apenas silenciar sobre os fatos que nos desagradam: é espiar o mundo sob o ponto de vista alheio, sem perder de vista nossos propósitos e opiniões. A crítica serena e construtiva constitui prova de boa educação. As pessoas que esbravejam contra as atitudes de outrem, que perdem energia alfinetando os demais, que nunca procuram o lado bom das criaturas para realçar-lhes os dotes, são indezíveis e intratáveis, e, mais que tudo, infelizes.

— Enganar a idade é um recurso geralmente usado pelas jovens que passam dos trinta anos, principalmente quando têm um namorado. Esquecem-se elas, no entanto, de que se o pretendente está realmente interessado é apenas pela sua



BOM TOM

Das Atitudes

pessoa e pelas suas qualidades morais e não pela sua idade, e que o número de anos por elas vividos não pode, nem deve interessá-lo, pois de acordo com a voz do povo, a pessoa tem a idade que parece ter.

— E' da mais elementar decência que um homem preceda uma senhora quando sobem ou descem uma escada que não lhes permita passar ao mesmo tempo. Jamais deverá segui-la.

— Produzem os arrebatamentos, efeitos tão pouco elegantes que, para evitá-los, é necessário todo o esforço possível, a fim de que ninguém perceba o nosso estado de ânimo. Não devemos proporcionar nunca, a quem quer que seja, o espetáculo de nossa ira e, se alguém fica deveras rebaixada com tais manifestações, é a mulher, a quem prejudica.

— E' louvável e denota delicadeza de sentimentos, a solidariedade manifestada por ocasião de doença ou passamento de pessoa conhecida. Tal solidariedade se demonstra pela presença, por pequenos favores que ajudam muito ou por um desejo de ser útil de qualquer modo.

— Retire-se ante uma pessoa idosa que chega à soleira de uma porta ao mesmo tempo que você. Mas se essa pessoa insistir em que a preceda, obedeça sem demora. As pessoas idosas sofrem, às vezes, por não poderem apressar-se e preferem ceder passagem, a fim de agirem com calma.

— E' de mau gosto que uma pessoa convidada para almoçar ou jantar, não faça uma única referência aos pratos servidos, assim como o é, da mesma maneira, fazer elogios exagerados às habilidades culinárias da dona da casa ou de sua cozinheira. O meio termo é o mais aconselhável.

— Se há ascensorista, tudo se torna mais fácil se você diz o andar para onde vai. Seja como for, diga, por exemplo: «6º andar, por favor», bem antes de atingir o sexto andar. A pessoa que espera até o último momento para dizer o andar onde pretende ir, e depois tenta abrir caminho aos empurrões, causa contratempos e demora a todos os outros ocupantes do elevador.

— Agradecer-se alguma atenção, pelo telefone, pode ser prático e cômodo, mas não é de bom tom, a menos que se trate de coisa de pouca importância.

— O desejo de ser simpática, de fazer relações e de gozar de bom conceito entre elas, não deve ser tão absorvente que chegue ao exagêro, o que é contraproducente.

A Política Econômica Bem Sucedida

**Resultados expressivos obtidos na agro-indústria canavieira
Como tem aumentado a produção — O aspecto humano
do intervencionismo estatal.**

A LAVOURA canvieira surge no conjunto da agricultura brasileira como uma das mais estáveis e rendosas. Os produtores dispõem de colocação certa para a sua produção e os preços por eles recebidos representam uma compensação justa do esforço empreendido. Além disso, graças à assistência financeira e técnica que lhes é prestada pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, podem melhorar os processos culturais, logrando elevar a produtividade, o que significa margem acrescida de lucro ao fim de cada safra.

A explicação do fato encontra-se na circunstância de ser a lavoura canvieira parte integrante da agro-indústria da cana-de-açúcar setor econômico submetido ao intervencionismo estatal e dirigido, com vistas ao ajustamento dos interesses de produtores e consumidores, pelo Instituto do Açúcar e do Alcool.

DIRIGISMO ECONÔMICO BEM SUCEDIDO

O Estado foi chamado a intervir na economia canvieira nos primeiros tempos da década dos anos 30, quando uma crise de superprodução, de proporções inéditas, levou à beira do colapso parte ponderável do parque açucareiro. Atendendo aos apelos reiterados de usineiros e lavradores, o Governo Provisório de então definiu uma política açucareira, que passou a aplicar de maneira firme e proveitosa.

Inicialmente enfrentou o problema da superprodução através da limitação da produção e do escoamento dos excessos armazenados. A produção foi limitada mediante a atribuição de quotas de fabricação de açúcar às usinas existentes e os estoques escoados graças às vendas para o exterior e à transformação em álcool do que sobrara. Saneado o mercado e evitada a repetição do excesso da oferta sobre a procura, sagrou-se a política açucareira, como se pode deduzir da verificação do crescimento da produção, tanto de açúcar quanto de álcool.

Realmente, de menos de dez milhões de sacos na safra de 1933/34, quando foi criado o I.A.A., a fabricação de açúcar de usina chegou a mais de 50 milhões de sacos, na safra de 1948/49. Da mesma forma evoluiu a produção de álcool que, somando 47 milhões de litros na primeira daquelas safras, chegou na segunda delas a mais de 450 milhões.

Em relação ao álcool há um aspecto a ser assinalado. Trata-se da fabricação do álcool anidro, utilizado mediante a mistura à gasolina. Praticamente inexistente em 1933 a fabricação de álcool anidro passava, com grande vantagens, na preparação do álcool motor, na safra de 1958/59, da casa dos 300 milhões, numa contribuição das mais proveitosas para a economia nacional.

A RAZÃO DO ÊXITO

Tão marcante êxito, a se traduzir igualmente na normalidade do abastecimento do mercado consumidor de ambos os produtos, sendo que o açúcar figura hoje como o gênero de primeira necessidade mais abundante e de oferta mais regular, decorre da exata aplicação da política açucareira pelo I. A. A.

Essa aplicação faz-se sentir, inicialmente, na fixação dos chamados planos de safra, que definem, na época oportuna, os totais de açúcar e de álcool a serem fabricados, os preços da matéria-prima e dos produtos acabados, as quotas de abastecimento dos grandes centros consumidores, as quotas de exportação, etc. Isso tudo dentro de um esquema destinado a preservar o chamado equilíbrio estatístico, isto é, o ajustamento da produção às possibilidades reais do consumo, o qual

constitui, por assim dizer, a espinha dorsal dessa clarividente política econômica.

O I. A. A. tem tido participação decisiva no aumento da produção, não apenas por haver sido instrumento de estabilização do mercado, mas também pelo apoio direto dispensado aos produtores, com vistas a elevar a produção e a produtividade, tanto agrícola quanto industrial. Alguns exemplos dos auxílios movimentados com essa finalidade ajudarão a compreender a situação.

Só para o financiamento da entre-safra dos fornecedores de cana, o I.A.A., no ano de 1958, aplicou recursos próprios no total de 205 milhões de cruzeiros. Esse financiamento foi assegurado aos produtores por intermédio das suas cooperativas e a juros anuais de 6%, com um mínimo de exigências burocráticas. Além desse, houve financiamentos para favorecer a mecanização da lavoura, a adubação e a melhoria dos tratos culturais dos canaviais, a aquisição de implementos para o reequipamento de usinas e destilarias etc. Finalmente há o financiamento e a warrantagem do açúcar que, no mesmo ano de 1958, somou o total de 4 bilhões de cruzeiros, com recursos próprios da autarquia e do Banco do Brasil. Foi esse financiamento em larga escala que permitiu o escoamento normal da safra, com a formação de estoque de cobertura suficiente e a distribuição regular aos consumidores, dos grandes centros urbanos e do interior.

O BRASIL GRANDE EXPORTADOR DE AÇÚCAR

Acontecimento auspicioso foi a volta do Brasil ao mercado internacional do açúcar, como grande exportador do produto. As nossas vendas começaram a subir em 1956 e já em 1957 somavam mais de 400 mil toneladas. No ano de 1958 as exportações foram da ordem de quase 800 mil toneladas. Do ponto de vista da economia canvieira tais vendas representam garantia para os produtores que, graças aos mercados externos, podem manter o ritmo da produção. Do ponto de vista cambial significaram uma ajuda substancial ao balanço de pagamentos do Brasil, graças aos dólares obtidos pela venda do produto.

Consolidando a sua posição no mercado mundial o Brasil obteve da conferência mundial de produtores de açúcar, reunida em Genebra em 1958, sob os auspícios da ONU, uma quota básica de exportação de 550 mil toneladas anuais. Afora essa, existe a possibilidade da conquista de uma quota preferencial para os Estados Unidos, da ordem de 10% da quota básica, ou sejam mais 55 mil toneladas, para venda em um mercado favorecido, onde as cotações são sempre mais vantajosas que as vigentes no mercado livre.

POLÍTICA HUMANA PARA COM OS TRABALHADORES

O desenvolvimento da economia canvieira fez-se sentir paralelamente à implantação, no País, de uma política assistencial das mais amplas e proveitosas. Mediante os fundos obtidos de duas taxas — uma de um cruzeiro por tonelada de cana moída, outra de dois cruzeiros por saco de açúcar-usina fabricado — são mobilizados, cada ano, grandes somas aplicadas na construção e manutenção de uma vasta rede de estabelecimentos assistenciais destinados a amparar os lavradores e os trabalhadores das usinas e suas respectivas famílias. É um esforço que não encontra paralelo em nenhuma outra agro-indústria brasileira e que representa outro aspecto, e este dos mais nobres, da política canvieira implantada logo após 1930, a qual não se limitou a atacar o problema econômico, mas tem dispensado exemplar atenção ao aspecto humano de tão importante atividade agro-industrial.

CONCURSO DE CONTOS

NO sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º — Motivo e ambiente nacionais.

3º — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereços completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, quinzenalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

DR. JOSÉ CHIABI

Clínica e cirurgia de
Ouvindo, Nariz e Garganta

Edif. Banco Crédito Real — 13º pav. — sala 1302 — Rua Espírito Santo, 495 — Telefone: 4-4040.

Dr. J. Schembri

CLÍNICA HOMEOPÁTICA

Adultos e Crianças

Av. Afonso Pena, 526 — Edifício Mariana — 8º andar — Das 15 às 18 horas — Fone 4-1791 — Residência: 4-5965.

Juiz de Fora: sala de visitas de M. G.

Conclusão da pág. 48

local, igrejas em construção, ou em vias de serem construídas, ruas asfaltadas, lagos ornamentais... Mas há os bairros pobres, que parecem cogumelo: todo dia nasce um, e o culpado disto é ainda o progresso da cidade, que atrai para ela uma população em disponibilidade de foragidos do campo e vizinhos insatisfeitos com seus burgos paralizados. Juiz de Fora, mas isto já é quase Rio... E tem o salário mínimo obrigatório que é como um pote de mel aberto, nesta colmeia zumbidora.

Para quem vem do interior a cidade é um paraíso: muito cinema, muito parque de diversão, um quartel-general, um comando militar, muita loja bonita, muito barzinho de coca-cola ociosa, o centro comercial sempre apinhado, bom serviço de pronto-socorro médico, serviço à vontade para quem quer trabalhar. E não é que todos o queiram, porque as estatísticas policiais acusam um sensível aumento de desocupados na cidade que, com justiça, é louvada como «cidade do trabalho» por excelência.

Chamaram-na de Manchester, também a chamaram de Atenas, mas se ainda se pode orgulhar de suas seiscentas fábricas, algumas agora verdadeiramente colossais (a cidade já está fabricando até máquinas de escrever!), e há mesmo um projeto em andamento na Assembléia Legislativa do Estado criando a «Cidade Industrial de Juiz de Fora», se o cognome de Manchester — por sinal, de muito mau gosto — serve-lhe ainda a calhar, já o epíteto de Atenas de Minas parece meio deslocado... Ainda que disponha de excelente imprensa diária e várias estações radiofônicas de potência grande, o nível intelectual da cidade declina, e esta que foi, outrora, um «ninho de poetas» é hoje um ninho meio deserto. Manda a verdade que se diga que a própria Academia Mineira de Letras, nascida em Juiz de Fora, foi-lhe subtraída por ato governamental, e os acadêmicos aqui radicados morreram quase todos, só restando agora o romancista Gilberto de Alencar de quem Mário Matos disse que ficou aqui como «um buriti perdido»... O próprio progresso material, em volume crescente, dificulta o labor intelectual e paralisa, um

pouco, o movimento das musas, e quando estas se fazem presentes é ainda à sombra das chaminés fabris, pois o poeta Dormevilly Nóbrega, que é juiz-forano honorário, quando quis, há pouco, cantar seus versos fê-lo com a música dos teares, produzindo o seu louvado «Teares da Madrugada»...

Creio que foi Nelson de Sena quem disse que «Juiz de Fora tem o duplo aspecto de uma Boston e Pittsburgh»: referia-se às fábricas que poderiam, quase vestir o país inteiro e aos colégios que conseguiram, pelo menos alguns deles, renome nacional. Do alto do morro do Cristo Redentor, pitoresca elevação que domina a cidade — e ponto aprazível para pique-niques dominicais — o que o observador descortina é uma visão caleidoscópica de telhados que se confundem em massa agigantada...

Os cubos modernos destacam-se risonhamente: são células do organismo de uma cidade que se orienta para o futuro com ímpeto invencível.

Se o poeta Manoel Bandeira voltasse à cidade, agora, não veria mais as senhoriais chácaras da antiga rua Direita: a própria rua Direita transformou-se numa elegante Avenida Rio Branco, onde um pequeno lote vale no momento três, quatro e cinco milhões de cruzeiros, e um apartamento, sobretudo se localizado na área central, anda pelas mesmas alturas, e pretendentes para eles não faltam.

Os bondezinhas da Mineira (Companhia Mineira de Eletricidade, que tem, na cidade, o monopólio da distribuição de força e energia, e explora igualmente o serviço telefônico) passaram à Prefeitura Municipal, por força de negócios feitos entre a companhia e o governo do município. Com o incremento das empresas de ônibus que exploram o negócio do transporte coletivo, os velhos veículos elétricos vão sendo relegados a segundo plano, mas são eles que ainda retêm o pouco que ficou da cidade antiga, aquela que o poeta cantou.

São Paulo tem Campinas, mas Minas Gerais tem Juiz de Fora, é afirmação que se ouve, por aqui, com uma certa frequência, e parece que, na verdade, como cidades modernas, destinadas a

amplo e rico futuro, Campinas e Juiz de Fora seguem, mais ou menos, uma linha idêntica. Em dez anos, Juiz de Fora terá perdido inteiramente o pouco que lhe resta de seu ar mineiro; será uma metrópole da América, núcleo de vida e trabalho, será uma daquelas cidades que justificam os prognósticos que certos estrangeiros fazem para o Brasil — o país de mais brilhante futuro do mundo...

☆☆☆

Filmando o Maravilhoso...

Conclusão da pág. 57

tendo por divertimento. Tudo o que eu podia fazer era tentar agarrar-me ao meu equipamento e aproximar-me gradualmente do litoral. Como estávamos trabalhando muito para lá dos recifes, era um longo caminho. Subitamente, Klein acenou freneticamente. Seu ar estava esgotado também e ele carregava uma câmara pesada além dos apetrechos de mergulho. Levei alguns segundos para perceber o que acontecia.

Klein estava usando um tipo diferente de pulmão e a sua máscara cobria o rosto inteiro, olhos, nariz e boca. Quando o seu estoque de ar acabou, teve de tirar a máscara para conseguir respirar. Isso, de certo, deixou-o sem óculos protetores para olhar debaixo d'água. Como o meu pulmão aquático tem um bocal separado da máscara, ele pode ser tirado e o mergulhador continua com a máscara cobrindo os olhos e o nariz apenas. Agora Klein estava a braços com um pequeno problema.

Enquanto arrastava seu pesado equipamento, uma barracuda de mais de um metro e meio tinha ficado interessada, e Klein, não podendo vigiar abaixo da superfície, não gostou de maneira nenhuma da indiscreta. Larguei o equipamento no momento em que notei a barracuda e mergulhei para uma ponta de coral a 4,50 m abaixo da superfície. Isso imediatamente distraiu a barracuda, que veio então olhar o novo número de circo. Como era curiosa aquela barracuda! Ficou nadando em volta, fazendo círculos, mas fora do campo de tiro. Desci e subi várias vezes, esperando pegar a criatura, não sendo possível com a câmara, pelo menos com o arpão. Por fim, quando me pareceu estar bastante perto, atirei. Hélas, julgara mal e o arpão apenas roçou o dorso dela. Mas era uma boa entendedora e, por isso, desapareceu e não voltou. Neste meio tempo, estávamos fumegando de raiva. Nossa situação só melhorou quando o barco, finalmente, veio para onde estávamos e vimos então que poderíamos dizer aos barqueiros o que pensávamos de seus ascendentes.

A Hapai é um barco maravilhoso, cavado num tronco de choupó. Pos-

Hoje, chegando a Juiz de Fora, o turista desavisado diz: «Mas que boa cidade esta!» Daqui a dez anos, não haverá turista desavisado: a fama da cidade terá abrangido todo o território nacional — e todos saberão que a «sala de visitas» de Minas é uma surpresa agradável para o forasteiro e uma esplêndida demonstração da capacidade de realização do montanhês.

sui, à maneira havaiana, um flutuador lateral para dar mais estabilidade, e tem tão pouco peso que pode cruzar qualquer recife. Na verdade, uma vez cruzou um recife que estava aparecendo por cima d'água. Um dos meus barqueiros (seu apelido era Nascido-morto), não vigiava com muito cuidado e a canoa enfiou-se em cima de uma ponta de coral, debaixo de uma rija ventania. Havia seis pessoas no barco e eu receava que o pior acontecesse quando uma ondinha vinda em boa hora levantou o barco e o passou por cima do recife, para águas mais profundas do outro lado. Não há dúvida de que uma piroga é difícil de ser derrotada, nas operações perto de recifes. A Hapai é sempre uma vista espetacular, mas muito mais quando chega velejando com suas velas feitas sob especificações especiais pelo meu habilidoso timoneiro — de sacos usados de mantimentos!

Uma fritada espetacular de peixes e uma festa na praia foi organizada para nós pela gerência do hotel, no dia anterior à nossa partida para Kingston. Uma fogueira enorme foi construída e o canhão usado para defender a praia de piratas imaginários serviu de pano de fundo para o nosso pique-nique. A melhor dançarina de «hootchy-hootchy» (*) da região dançou de acordo com a temperatura da fogueira. A banda tocou os números mais quentes de calipso, cujas palavras Hayes não consentia em traduzir.

Como Klein tinha de voltar a Miami mais cedo do que esperávamos, Lex duPont filmou algumas cenas no mundialmente famoso Port Royal, o lugar da cidade submersa do pecado do tempo de Henry Morgan.

Assim terminou a viagem dêle e de Anne, que começou como uma lua de mel e acabou-se transformando em uma produção cinematográfica submarina e em uma bem sucedida expedição arqueológica debaixo d'água. — Cornel Lumière.

(*) Uma dança de circo ou burlesca caracterizada pela agitação de músculos do corpo e supostamente de origem oriental.



deixa sua pele
"RESPIRAR"

A expressão é exatamente esta. Sua pele precisa "respirar", através de poros limpos, livres de cravos, espinhas, panos, manchas e outras imperfeições. Só assim você terá uma cutis suave, apresentando um viço permanente... um frescor juvenil... o brilho de uma pele bem cuidada. Para manter sua pele imaculada, experimente o Creme de Alface Brilhante. Em poucos dias, você notará a diferença. Para seu encanto de mulher fascinante use o



Creme de
ALFACE
Brilhante

LABORATÓRIO ALVIM & FREITAS

Se você ainda não se alistou, não perca mais tempo. Procure obter o quanto antes o seu título de eleitor, para influir nos destinos da Nação pelo seu voto esclarecido em candidatos que dignifiquem a administração pública.

DR. J. MANSO PEREIRA

Docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil.

Úlceras do estômago — Obesidade e magreza — Crianças fisicamente retardadas — Diabete — Alergia clínica.

★

Consultório : Rua Ouvidor, 169 - 8º andar - Sala 809 - Fone 23-6230
RIO DE JANEIRO

Considerado em relação à tiragem e à classe de leitores, o anúncio em ALTEROSA é dos mais baratos da grande imprensa periódica brasileira.



O majestoso Edifício São José, situado na Avenida Afonso Pena. • O Padre José Angrill, o realizador da U.P.C., mostra ao repórter de ALTEROSA as obras do segundo bloco do majestoso Edifício Nazaré. • O Sr. Lúcio Nazaré, Diretor-Gerente da NACIONAL LANÇAMENTOS PREDIAIS, contratada pelo Pe. Angrill para promover a venda do Ed. São Miguel, quando falava ao repórter sobre a obra do ilustre sacerdote.

A OBRA GRANDIOSA DE UM SACERDOTE

DE rosto enérgico e olhar firme, o sacerdote fitou o panorama da cidade a que chegara. Ali estava um campo fecundo para a germinação das sementes de fé que ansiava por plantar, numa nova missão que faria dos instrumentos da ação os meios de difundir a mensagem de Deus.

Foi isso num dia distante de 1944, quando chegou a Belo Horizonte o Padre José Angrill. Quinze anos, então, já passara no Brasil e se, às vezes, a saudade lhe conduzia o pensamento às terras da Espanha de sua infância e juventude, nunca este se desviava das tarefas a cumprir na pátria do Novo Mundo que aprendera a amar e desejava servir. Já muito fizera, ensinando e orientando a juventude, no grande colégio que dirigira em Batatais, Estado de São Paulo. Agora, porém, tinha um escopo educativo ainda mais amplo. E, com a presteza que sempre o levou a fazer o ato acompanhar o pensamento, logo procurou a cooperação de espíritos armados do mesmo ideal.

Cerca de sessenta elementos da sociedade belo-horizontina se dispuseram a dar-lhe dedicado apoio. Foi assim que nasceu a U.P.C. — União de Propagandistas Católicos — cujos inícios modestos mal deixavam prever a sequência de realizações que a singularizariam entre os movimentos mais significativos de nossa terra. Para isso, porém, ali estava o Padre Angrill.

Disposto a utilizar todos os meios modernos de penetração para a difu-

são da fé católica, começou o Padre José Angrill pelo apostolado da leitura, fundando uma livraria que distribuiu anualmente milhares de livros selecionados. Passou ao cinema, promovendo exhibições de filmes de alto sentido artístico e moral. Formou um grupo teatral para realizar espetáculos escolhidos, que ao mesmo tempo divertissem e educassem. E criou depois, para ampla distribuição de filmes sonoros de 16 mm., uma filmoteca que foi a primeira do Brasil e hoje se distingue pela excelência e variedade.

Registrados em 1948 os estatutos da U.P.C., com sede geral em Belo Horizonte, lançou o Padre Angrill sua revista, espelho do panorama católico do Estado, através da ação positiva nos mais diversos setores. Incansável, estendeu sua atuação a São Paulo fundando ali a filial do movimento, que dia a dia incorporava novos e entusiásticos membros militantes.

1950 marcou uma etapa de grande progresso: todas as seções da U.P.C. se ampliaram. Instalaram-se as primeiras máquinas nas oficinas gráficas, para impressão da revista e, a partir de 1955, do jornal. Para isso foi arrendado o prédio do antigo Cine São Luís. Preocupado com o problema da habitação, o Padre Angrill, em 1955, ao comemorar a U.P.C. dez anos, criou o Departamento Industrial, que construiu o majestoso Edifício São José, com 74 apartamentos. Instalou a seguir o Departamento de As-

sistência Social, com cursos de alfabetização, corte e costura, que agora diplomaram 200 alunos. Fundou ainda a Caixa dos Pobres, cujos dividendos revertem a favor destes próprios.

Organizada a UPC Filmes, junto à qual se instalou uma fábrica de aparelhos elétricos, criou o Padre Angrill a Sion Filmes S. A., com capital de seis milhões de cruzeiros, que este ano iniciará a produção de películas de curta metragem. Filmagens em longa metragem estão, para breve, nos planos conjuntos das duas organizações. A Sion vai construir ainda, em Belo Horizonte, dois grandes cinemas: o Cine Orbis, a inaugurar-se este ano, no Conjunto Kubitschek, com 1.900 poltronas; e o Cine Nazaré, com 1.400 lugares, no Edifício Nazaré. Este magnífico edifício, com três blocos de 200 apartamentos e área de 28.000 metros quadrados, que está sendo terminado, é uma realização das Incorporações Prediais S. A., mais uma notável iniciativa do Padre José Angrill, com o capital inicial de dez milhões de cruzeiros.

Dinâmica e atuante como seu fundador e dirigente, a U.P.C., entretanto, nunca esquece na vitória das realizações materiais, a verdadeira força motriz que a impelle: o apostolado da fé através da ação. Ela, na verdade, lembra o grão de mostarda da lição evangélica, que, lançado à terra fecunda, cresce na árvore ramalhuda que dá conforto aos peregrinos do mundo e abrigo às aves de Deus.

Senhora Ribeiro

Conclusão da pag. 33

anos, bom mesmo é conversar sobre receitas de crochê...

Pior não era o Rio, não era o mar, não era o apartamento. Era a turma de Gilberto. Inventava programas, os mais descabidos: jantares na Cinelândia, teatros, rodadas de «whisky». E as peças escolhidas? «Entra na canoa...», «Tem bububu no bobobó»... Mulheres nuas... Ane-dotas horribéis.

As vezes ficava olhando o marido, desejosa de prescrutar-lhe o íntimo: «Será que ele se julgava feliz assim? Ou fazia aquilo porque achava bonito ser assim?» Para ela era simplesmente horrível. Ao entrar em boates, sentia-se tomada de verdadeira comiseração para com aquelas mulheres pintadas, agarradas ao microfone, a cantarem com voz enrouquecida. O que fariam depois do espetáculo?

Geralmente, voltava amparado o marido, bêbado como um gambá. E ela mais sóbria e mais infeliz do que nunca.

Quando ele estava para o serviço chorava até mais não poder, depois dormia para compensar as noites insones.

Mas suas olheiras, seus olhos vermelhos não passaram despercebidos ao espôso.

— Por que você sai à noite comigo?

Ela encarou-o com o semblante entristecido, os olhos azuis surpresos:

— Por que somos casados, uai.

— De hoje em diante não é preciso mais. Sei que não se diverte.

Passou a sair sozinho, a voltar de madrugada sempre bêbado e mal-humorado.

* * *

Silvana lança um olhar para o telegrama em cima da eletrola. Coragem!

Não demora muito e Bernardo ali estará, ouvindo suas mágoas, há tanto represadas. E seus olhos azuis se afundarão nos dele, procurando apoio. Mas de antemão sabe que ele não dirá palavra contra Gilberto, tão pouco procurará um meio de reconciliá-los. Está fora de seu feitio.

Além da faixa de asfalto, o mar, a revolver-se desmedido, indômito, traiçoeiro. Que diferença de suas flôres arroxeadas! Agora é setembro. Certamente, que, às centenas, estarão enfeitando os galhos desfolhados dos pessegueiros

☆ ☆ ☆

As Balanças Mentiam

AS donas de casa em Nova Iorque estavam há pouco alvoroçadas devido à descoberta de uma colossal fraude, envolvendo o comércio de gêneros alimentícios na grande cidade. A grossa tramóia foi descoberta quando algumas senhoras resolveram, por acaso, conferir o pêso da mercadoria comprada, na balança doméstica. Neste momento, chegaram à conclusão de que, desde muito, vinham sendo iludidas pelos vendedores.

As práticas fraudulentas incidiam principalmente sobre o comércio de aves. Ao chegarem às suas casas e levando os frangos à balança, muitas senhoras constataram que não pesavam mais de quilo e meio, ou um quilo, aqueles que haviam sido comprados como pesando dois quilos.

O prefeito da metrópole, ao qual foram dirigidas centenas de reclamações, ordenou logo o início de um inquérito que durou sete semanas. Foi assim descoberta uma complexa organização, à frente da qual estavam o presidente do «sindicato da carne e das aves» e um seu sócio. Estes haviam fundado um «clube de proteção», que assegurava aos revendedores desonestos a impunidade por parte das autoridades, mediante o pagamento de uma certa quantia em dinheiro. Os comerciantes podiam assim valer-se de balanças defeituosas, trocadas e munidas de dispositivos que tornavam-nas inverídicas.



Um acidente... mas não se preocupe... é Quink Lavável!

Um pouco de água e sabão... e pronto! Quink Azul Real Lavável não mancha a roupa nem as mãos. Para sua segurança, use sempre PARKER QUINK LAVÁVEL

— a única tinta que contém solv-x; limpa e protege a caneta à medida que escreve.



59 cm3
Cr\$ 30,00
473 cm3
Cr\$ 130,00
946 cm3
Cr\$ 210,00

Distribuidores exclusivos para todo o Brasil:

COSTA PORTELA

INDÚSTRIA E COM. S. A.

Av. Presidente Vargas, 435-8.º and. - Rio

Sub-Agente em Minas Gerais

JOSÉ HARRY LEITE

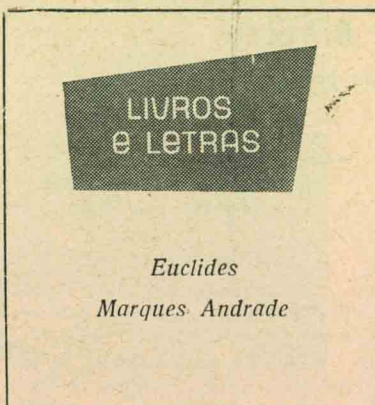
Rua dos Caetés, 652-1.º

Belo Horizonte

STB - 1021

Costumes Brasileiros

ASPECTO curioso em «Memórias Sem Malícia de Gudestau Rodovalho», de Gilberto de Alencar, é o constante estado contemplativo do herói do livro. No pequeno comentário que aqui fizemos, não abordamos essa fa-



Euclides
Marques Andrade

ceta do romance. Gudestau, desde a adolescência no colégio, é um analista, que pesa quase todos os pequenos fatos da vida. Em sua velhice, o antigo estudante de Barbacena passa a examinar com maior profundidade os acontecimentos, que

envolvem sua existência e a de seus semelhantes. Nesta fase do livro, o autor se debruça sobre os hábitos da vida moderna. Surge com nitidez o excesso de agitação de hoje, o homem não conseguindo quase fruir os pequenos prazeres simples da vida.

Ilustrativa é a cena onde Gilberto faz sua personagem passear pelas ruas de Juiz de Fora e ler num «placard» de jornal a notícia da queda da França. Poucos liam o cartaz. Em compensação, centenas de pessoas, mesmo em frente ao noticiário, se aglomeravam, a fim de ovacionarem os «cracks» de futebol, chegados do Rio para um jogo com um time local. O contraste é mostrado com a habitual e fina ironia de Gilberto de Alencar. Nada lhe escapa. Seu olho passeia firme pelas mazelas, que o homem de hoje parece cultivar com orgulho, como se virtudes fôssem.

O livro é amargo, não há dúvida. Ondas de pessimismo passam em muitas páginas, mas também se nota uma coragem calma, a ressaltar os momentos bons da existên-



As Mais Belas Palavras

CONFORME já informamos aos leitores, esta pesquisa a fim de se conhecer quais as mais belas palavras de nossa língua, não é nova nem original. Alguns jornais já a fizeram, ouvindo mais, no entanto, os escritores. Nós desejamos colher, principalmente, o ponto de vista do leitor. Além de tudo a indagação é sempre útil. O homem comum que enfrenta, na luta de todos os dias as palavras de todo instante, pode assim manifestar sua opinião, sempre valiosa e elucidativa.

Solicitamos, pois, aos frequentadores de ALTEROSA, que desejarem responder, o obséquio de escreverem ao responsável por esta seção. Ao encerrarmos a «enquete», sortearmos entre os leitores alguns livros oferecidos pela Livraria Oscar Nicolai.

Orlani Cavalcanti Cinema e Oscar Wilde

ORLANI Cavalcanti, a excelente correspondente de ALTEROSA, em Hollywood, prepara o «screen play» do romance de Oscar Wilde, «O Pescador e Sua Alma» — essa é a notícia que podemos oferecer em primeira mão aos nossos leitores.

Pelas reportagens e entrevistas de Orlani Cavalcanti — humanas e objetivas ao mesmo tempo — já se pode imaginar que seu trabalho será coroado de êxito.

Antônio Olinto nas Livrarias

ALIVRARIA José Olympio Editora acaba de lançar dois livros de Antônio Olinto, «O Dia da Ira», poesia, e «Cadernos de Crítica». Neste segundo volume, estão enfileirados alguns dos estudos que Antônio Olinto vem fazendo em sua seção «Porta de Livraria», em «O Globo».

Em «Porta de Livraria», aliás, Antônio Olinto criou no Brasil maneira nova de noticiar e comentar os fatos literários. Seção vibrante e noticiosa, inteiramente dentro do

dinamismo da imprensa de hoje, sua «Porta» é, antes de tudo, um flagrante sério e substancial sobre as coisas da literatura. Em uma nota de duas linhas, Antônio Olinto nos oferece, às vezes, um conceito que fica murmurando em nosso espírito. Analisamos o pequeno trecho e verificamos que nele se encontra substância para um longo ensaio. Isto é muita coisa em uma simples seção literária.

Quando, no entanto, analisa um livro, Antônio Olinto se estende mais e aí, então, deparamos com um autêntico analista do fenômeno literário. Penetra fundo na obra estudada e faz sua interpretação, dando ao leitor um apanhado rico em conteúdo. E há mais ainda: a linguagem de Antônio Olinto é uma de suas grandes virtudes. Tem fluidez, tem a marca do verdadeiro escritor. As palavras que encadeia criam alma e fluem, serenas, nas frases alinhadas. E' por isto que seus dois últimos trabalhos estão merecendo boa acolhida dos críticos, ao mesmo tempo que os leitores os procuram nas livrarias.

O Cronista Visto Pelo Leitor

ALEITORA Regina Porfírio Botelho, de Araxá, assim se manifesta sobre vários cronistas brasileiros: «Se nas crônicas de Rubem Braga há poesia e nas de Corção e Raquel de Queirós combatividade e polêmica, em Fernando



**Gilberto
de Alencar**

A volta de Gudesteu a Carandaí, depois de muitos anos, é plangente e fere fundo a sensibilidade do leitor. Os velhos terrenos baldios desapareceram, o local onde existiam a farmácia, «A Tesoura Fiel» (alfaiataria de seu pai), a escola, tudo se foi para sempre. Os prédios novos ocupam os antigos lo-

cais onde sua infância se passou. Uma saudade imensa dos tempos tranquilos de nossa infância, uma pungência dolorosa parece nos afogar, ao ler esses trechos. Depois, como contraface daquela saudade, aponta em nosso íntimo uma coragem com pequenos desfalecimentos, é verdade, mas sempre sustentada por uma funda e vitoriosa tranquilidade. Não uma vitória de trombetas e bandeirolas a tremularem, mas uma vitória mansa, uma vitória que consiste em encarar a melancolia e a angústia com paciência e esperança.

O desajuste entre a vida mansa e quieta do começo do século e da correria desenfreada de hoje é a tecla onde mais toca o autor. Estamos escrevendo novamente sobre este trabalho exatamente para frisar este ponto, de grande importância. Gilberto de Alencar escreve páginas saborosas e sutis a respeito, fazendo considerações mais do que justas. O homem de hoje precisa abandonar a agitação material sem sustentáculo espiritual, pre-

cisa reencontrar a senda perdida, escutar de novo a voz dos passáros e o arfar ininterrupto da natureza. Precisa aprender, na primária cartilha do bom senso, a viver as coisas simples e naturais da vida, se não quiser perder, o que já conquistou. Onde, por exemplo, os serões de antigamente, em que os parentes se encontravam para um ameno convívio?

O que mais queremos focalizar neste novo e desprezioso comentário sobre «Memórias Sem Malícia de Gudesteu Rodvalho» é o estudo sereno e objetivo que faz Gilberto de Alencar dos costumes brasileiros de ontem e de hoje. A vida simples e substancial dos pequenos povoados de nossa terra é mostrada em toda sua plenitude e sua corajosa monotonia. Depois aparecem os hábitos de hoje, a pressa, o desejo insofrido do prazer material e Gilberto de Alencar, em várias passagens da obra, desentoca, com sua ironia sutil e flamante, a ânsia do homem em ser feliz.



**Fernando
Sabino**

rias e que, ao lado do riso, sabe achar as mágoas da vida e chorá-las. Nestes quatro nomes eu vejo os expoentes da crônica brasileira».

Sabino o leitor encontra grande dose de sadio humorismo e uma capacidade extraordinária para contar os fatos da vida de cada um, produzindo, com o relato de simples acontecimentos, crônicas encantadoras. Por vezes, ele se torna bastante sério e mesmo triste e desiludido. E' quando percebemos existir em Sabino o humorista que se preocupa também com as coisas sé-

Vinicius de Carvalho



- «O Rapto da Cebolinha», peça infantil de Maria Clara Machado foi montada em Belo Horizonte. As crianças apreciam e os adultos também.

«Cantos da Terra e do Homem»

NÓBREGA de Siqueira, o conhecido prosador e poeta, nosso colaborador, devolveu à Livraria Martins Editôra, de São Paulo, as provas de primeira revisão do seu livro «Cantos da Terra e do Homem». O novo livro do autor de «Sanhaços» deverá aparecer ainda este mês. Nêle, Nóbrega de Siqueira reafirmará, por certo, aquelas qualidades que admiramos na sua autêntica poesia.



**Nóbrega
de
Siqueira**

Pequenas Notícias

- Os editores e livreiros nacionais lançaram em São Paulo dois prêmios, de duzentos mil cruzeiros cada, para o melhor romance e o melhor livro de poesia, a ser publicado no corrente ano, de autor inédito. E', como se vê, um bom incentivo aos autores novos. As inscrições, abertas até 30 de julho, deverão ser feitas, para romance, em São Paulo, Av. Ipiranga, 1267, 10º andar e, para poesia, no Rio, Av. Rio Branco, 138, 8º andar.

• Bernard Gavoty publica em Paris «La Musique Adoucit Les mœurs?» («A Música Adoça os Costumes?»). O livro parece que tem sido bem recebido pelos setores especializados e pelo público em geral. Conforme sugere o título, a influência da música sobre os modos do ser humano é preocupação maior do autor, nesse trabalho.

- O Concurso de Trovas dos Jogos Florais de Nova Friburgo, instituído pela Academia Friburguense de Letras, está recebendo grande número de trovas, todas elas sobre o amor, pois, como se sabe, este é o único tema permitido pelo concurso.

• Paulo Coelho Neto escreveu «História do Fluminense», onde conta toda a vida do conhecido clube carioca. Fundado por ingleses, o Fluminense, campeão de 1959, está, pois, agora, também em livros. Os aficionados do futebol e principalmente daquele esquadrão têm prestigiado a obra.

Notícias Mineiras

- «Este Meu Mundo Alheio», romance de Vinicius de Carvalho, lançado, há pouco, está sendo muito procurado pelos leitores. Ao que se propala, Morse Belém Teixeira está retratado em uma das personagens do livro.
- «Azul e Branco», do poeta José Valeriano Rodrigues recebeu, quando de seu lançamento, elogios calorosos da crítica especializada. Ao que se informa, há uma editora interessada em lançar a segunda edição de «Azul e Branco».
- O Concurso de Contos de «O Diário» tem revelado alguns autores com real vocação para o gênero.



DEP. GERALDO LANDI
Políticos protegem criminosos.



PROF. MAURÍCIO SIMÃO
Precisamos de relações públicas.



PROF. SIDNEY LATINI
"Falta pressão de ordem política".

Drama em Teófilo Otoni

TRÁGICOS acontecimentos marcaram, com sangue e violência, o mês de fevereiro da tranqüila cidade de Teófilo Otoni. Soldado truculento, prendendo um jovem armado, que se recusou a entrar no veículo policial, prostrou-o a tiros, covardemente, pelas costas. Quando o major Clovis Teixeira, delegado especial, tomou conhecimento do homicídio revoltante, já o corpo do ferroviário Antônio Carlos era levado por um grupo numeroso de colegas para a delegacia, num protesto macabro à criminosa arbitrariedade policial. Mas o prefeito Sídônio Epaminondas Otoni, adversário político do delegado, a quem detesta, por considerá-lo militar arbitrário, desonesto e sem qualquer qualificação para exercer a função, conforme confessou, textualmente, à imprensa, convenceu aos amigos do morto que o corpo deveria ficar na Prefeitura Municipal. E, no silêncio que se fez na Praça Tiradentes, que a noite tornou mais impressionante, ressoaram discursos inflamados, condenando a brutalidade policial. Enquanto a excitação aumentava, o juiz de Direito, Antônio Tenório, e o próprio delegado Clovis Teixeira, exortavam, através da emissora local, a multidão a dissolver-se, para a situação não se agravar. Mas agravou-se, porque o prefeito e o presidente da Câmara local, através de discursos violentos, incitaram o povo a prosseguir no protesto contra o delegado e o destacamento.

Nesse cenário dramático, o boato correu célere: a cadeia seria dinamitada. O juiz Antônio Tenório determinou a libertação dos cinqüenta presos imediatamente. O clímax da tragédia sacudiu Teófilo Otoni quando a turba, enfurecida, atirou contra

a cadeia, cujos ocupantes responderam à carga, iniciando-se o tiroteio do qual resultaram, infelizmente, mais dois mortos e vários feridos. A turba prosseguiu feroz, na intenção incendiária, mas a intervenção providencial do juiz Antônio Tenório, do médico Gentil Rodrigues de Oliveira e do prefeito Epaminondas Otoni, que compreendeu a tempo o sentido de suas funções, conseguiu amainar o ódio popular. Esse ódio — afirmou o delegado Clovis Teixeira — foi insuflado, criminosamente, pelo prefeito e vereadores, que, junto ao corpo do ferroviário, discursaram, numa atitude condenável em autoridades cômicas de seus sagrados deveres para com a coletividade e a manutenção da ordem pública.

O deputado Geraldo Landi, (foto) representante do PR de Teófilo Otoni, falando à imprensa, acusou, seriamente, o delegado, tachando-o de desonesto, parcial e violento, acrescentando que Ataléia e Itambacuri estão na mesma situação de Teófilo Otoni, porque seus delegados, sujeitos à política de campanário, não podem processar certos criminosos porque os chefes políticos não consentem.

No palco do drama de Teófilo Otoni, os personagens se nos afiguram esses polichinelos que interpretam a peça puxados por cordéis invisíveis, mas existentes...

Cursos de Relações Públicas

PROF. Maurício Simão, diretor do Instituto de Eficiência Pessoal, de São Paulo, realizou, em Belo Horizonte, no salão nobre do SENAC, uma conferência sobre relações públicas subordinada ao tema «Promoção Científica de Vendas», seguida de uma explanação geral sobre o amplo programa de estudos

de que se constituirão as futuras aulas. É que o Instituto de Eficiência Pessoal realizará, na sua filial de Belo Horizonte, dirigida pelos jornalistas Paulo Pecanha de Figueiredo Jr. e Moacir de Castro Oliveira, diversos cursos de especialização, já tendo sido iniciadas demarches junto à Associação Mineira de Propaganda a fim de que seus associados possam beneficiar-se dos cursos ministrados pelo referido professor.

A novela Franco-Mineira

CASO da Simca adquire, no momento, relêvo no noticiário da imprensa, revelando, através de entrevistas, que Minas Gerais está ameaçada de não receber, em Santa Luzia, a indústria francesa. Todos estão lembrados de que, na sua viagem ao estrangeiro, o então candidato Juscelino Kubitschek visitou Poissy, convidando a Simca da França para construir em Minas uma fábrica de automóveis, conversações que prosseguiram, oficialmente, após a posse do presidente, sendo escolhida a cidade industrial de Santa Luzia para a construção. A cessão do terreno foi feita pelo governo mineiro. O presidente assegurou, através da Cia. Siderúrgica Nacional, a presença do governo federal para construção da Simca em Minas, com a subscrição de 150 milhões de capital da empresa, elevada hoje para 225 milhões. A repercussão da instalação de uma indústria de categoria provocou, como era natural, não somente comentários otimistas na imprensa como o justo interesse das classes produtoras e dos meios sindicais, que viam, na instalação da Simca, o início da era industrial automobilística mineira. Mas o horizonte escureceu súbitamente: numa reunião da Federação das Indústrias, o Sr. Paulo Gontijo informou que restava às classes pro-



Sr^a NENA RANIERI
Orientação adequada à infância.

AQUARELA

montagem em São Paulo. Quanto ao atraso das obras de construção em Santa Luzia — que o Sr. Paulo Gontijo afirmou decorrerem da reformulação do projeto inicial da fábrica — o conferencista não definiu seu ponto de vista pessoal, limitando-se à referência de que «cabe ao povo mineiro e às autoridades governamentais zelar para que não sofram solução de continuidade».

Certo é que o destino da Simca não está, como o leitor percebe, bem esclarecido. Os diretores da empresa afirmam que suas instalações em São Paulo são provisórias, afirmações que têm eco nas declarações do novo diretor-presidente, Sr. Sebastião Dayrell de Lima, que afirma que não teria permanecido nem permanecerá, na direção da empresa, como representante do capital governamental da Simca, se houvesse a menor possibilidade do não compromisso assumido com o presidente da República, com o governador de Minas e com o próprio povo mineiro...

Todavia, enquanto o governador Bias Fortes assinava o aforamento de mais de dois milhões de metros quadrados na cidade industrial de Santa Luzia, para a instalação da fábrica, e a terraplenagem começava num ritmo muito lento, a Simca alugava em São Paulo as antigas instalações da Varam Motores, adaptando-as e ampliando-as para a montagem do seu Simca Chambord. Mesmo assim, os dirigentes continuam afirmando, solenemente, que a instalação paulista é transitória, pois se trata de um contrato cujo término se dará a 31 de dezembro de 1961.

O fato é que já foi noticiada a chegada, pelo Louis Loumière, do

equipamento para a fábrica de motores Simca em São Paulo. Noticiase, também, a vinda de prensas e outros equipamentos, todos destinados à linha de montagem paulista. O noticiário não sofre contestação. Alguns articulistas focalizam o problema da fuga da empresa por não estar Minas equipada com uma indústria subsidiária de autopeças, e **importar** tudo de São Paulo encareceria sobremaneira o carro, cujo preço é alto, no exato momento em que entram no mercado o Aero-Willys e o FNM-2000-JK, concorrendo na mesma faixa de custo (800 a 900 mil cruzeiros) pelo mesmo público comprador.

Como vêem, o problema está aparentemente sem solução. Mas, considerando as palavras do Sr. Sidney Latini, numa advertência à apatia mineira, tememos que a fuga da empresa seja oriunda de mais uma **cincada** do nosso governo...

Assistência à Infância

CONSIDERANDO de especial relevância a orientação adequada à infância e à juventude, a Fundação Logosófica, de Belo Horizonte, inaugurou, recentemente, a sua Divisão de Menores, setor destinado à assistência às crianças e aos filhos jovens dos logósofos, contando com a cooperação de um corpo docente capacitado na pedagogia infantil.

A Divisão de Menores da Fundação Logosófica, dirigida pela Sr^a Nena Ranieri, (foto) para o melhor cumprimento de sua finalidade, subdivide-se em seções recreativas, artísticas, gabinete e grêmio, nas quais as crianças terão oportunidade de desenvolver as mais variadas aptidões e apurar seus conhecimentos através de um convívio salutar.

O acontecimento merece registro especial, considerando-se a finalidade da Divisão entregue a logósofos seriamente empenhados em torná-la atuante e entusiasmados com a tarefa de moldar as personalidades de futuros cidadãos.

• VINHETAS

Auncia-se que o cel. Idílio Sardenberg, presidente da Petrobrás, constituiu uma comissão de técnicos daquela empresa estatal, para os estudos necessários ao início imediato da construção do oleoduto Rio—Juiz de Fora—Belo Horizonte, e da refinaria há muito projetada para a capital mineira. ☆ Em Belo Horizonte, o Sr. Gil Bartolomeu, proprietário da "Leiteria Celeste", foi autuado pela COAP. Motivo: estava vendendo o ca-

féssimo por preço inferior (mais barato) ao da tabela daquele órgão controlador... ☆ Embora os preços dos medicamentos mais necessários à conservação da vida já andem pela hora da morte, ficamos sabendo que os grandes laboratórios farmacêuticos estão querendo cobrar muito mais, pela notícia de que a COFAP vem de autuar alguns deles, e dos mais conhecidos, por majorações indevidas ou por fraude no conteúdo das embalagens: Squibb, Roche, Abbott, Neovitas e Alka-Seltzer. ☆ O novo Código Tributário elaborado pelo prefeito Amintaz de Barros e votado a toque de caixa pela Câmara de Vereadores está merecendo franca repulsa da parte do comércio e da indústria de Belo Horizonte, que se preparam, por suas entidades de classe, para tomar o caminho do judiciário. ☆ A produção de aço da Cia. Belgo-Mineira elevou-se, em 1959, a 345 mil toneladas, devendo alcançar 500 mil no próximo ano de 1961. ☆ O juiz Afonso Henriques de Azevedo, titular da 2ª Vara Cível de Belo Horizonte, declarou que vai pedir a intervenção federal em Minas Gerais, com o fim de assegurar a execução de uma sentença de reintegração de posse, de vez que a Polícia mineira se tem recusado a garanti-la.

BRASIL 1960

«Somos um povo condenado ao Progresso», desabafou um dia Euclides da Cunha. Vejam que mordacidade cívica: condenados ao progresso, isto é, destinados a progredir compulsoriamente. Mas o que o gênio de «Os Sertões» não sabia é que o **carrasco** indispensável à **execução** da sentença já tinha nascido, engatinhava em Diamantina, para se transformar cinquenta anos mais tarde no **JK** que aí está, sacudindo o Brasil de norte a sul, acordando o gigante que de leste a oeste dormia, puxando-lhe os brios, botando-o a caminhar por selvas rasgadas através de 18 mil quilômetros de rodovias novas, dando-lhe o presépio surrealista de **Brasília** (a maior epopéia bandeirante do século); **Furnas** (a quinta usina hidrelétrica do mundo, apenas superada por duas nos E.E.U.U. e duas na U.R.S.S.); **Três Marias** (a quinta maior barragem de terra da Terra, destinada a criar um lago sete vezes maior que a baía de Guanabara e transformar o Rio São Francisco numa avenida líquida de 1.500 km, navegável durante os 365 dias do ano), pegando a **Petrobrás**, raquítica, com 6 mil barris diários em 1956 e entregando-a, caudalosa, em 1960, com mais de 200 mil; triplicando a exportação do café para deixar enfim o Brasil em condições de dizer ao **Fundo Monetário Internacional** que vá ditar ordens ao diabo que o carregue porque, mercê de Deus, «já não devemos um único dólar atrasado a nenhum credor de parte alguma do globo»...

— Vejam vocês, (revelou JK nas suas memoráveis duas horas e meia daquela noite de televisão) peguei o Brasil em 1956 fabricando **motorzinhos para ferros de engomar** e vou deixá-lo em 1960 fabricando **navios, tratores e automóveis**. Navios em nossos próprios estaleiros e automóveis em tamanha base que já nos permite liberar divisas no montante de 414 milhões de dólares.

O BRASIL PRECISAVA OUSAR, para deixar de esmolar. JK ousou. O prêmio aí está: «o Brasil não vive mais de cuia na mão e não precisa mais pedir esmolas a ninguém». A loucura deu certo. Mas, se deu certo, para que trocar de louco?

Teatrinho

de Gibson Lessa

NÃO SOMOS NÓS, são eles mesmos, os nossos «amigos» norte-americanos, que pelas colunas do «Time» vêm confessar trêfegamente que a «**nacionalização**» da «Esso», recentemente decretada pelo governo do Brasil, não significa tenha a Esso passado a ser «nossa», como muito «**inocente útil**» (não os vermelhos, os dourados...) andou insinuando. Pelo contrário, a «**nacionalização**» da Esso significa apenas que o capital da Empresa, juridicamente, passa a ser traduzido em cruzeiros e que os seus escritórios centrais são deslocados de Fairmont, na Virgínia Ocidental, para o Rio de Janeiro.

Com que objetivo?

Com um duplo objetivo, duplo e maquiavélico: «se o Brasil algum dia **expropriar as empresas estrangeiras** (adverte «Time») a Esso poderá escapar; por outro lado, se algum dia o Brasil permitir a **participação de capitais particulares na exploração do petróleo**, a Esso estará preparada para entrar em ação».

Ora vejam: preparada para entrar em ação! O resto, é como disse melhor do que ninguém a «Fôlha de Minas», sim senhores, a «Fôlha de Minas»: «os desígnios da Esso não são da capitulação e muito menos de trégua diante da nossa política de nacionalização. O que a Esso visou foi assumir uma posição estratégica, com amplas perspectivas de defesa, caso vingue o pensamento de nossa emancipação econômica; ou de agressão, caso se verifique a rendição dos batalhadores pela causa do nosso petróleo. O que a Esso Standard conseguiu foi apertar ainda mais o cerco em torno da Petrobrás»...

Esses nossos «amigos» norte-americanos, quando será que vão tomar jeito?

MERGULHO NO PASSADO

Diz o «O Globo», em «O Globo através do tempo» que, a 9 de janeiro de 1930, quinta-feira, «O Globo» noticiava: **Pela manhã, fôra prêso na praia do Flamengo, sem qualquer motivo, e levado em traje de banho para a Polícia, o Tenente Ed. ardo Gomes.**

OS TESOUROS DE SOFIA

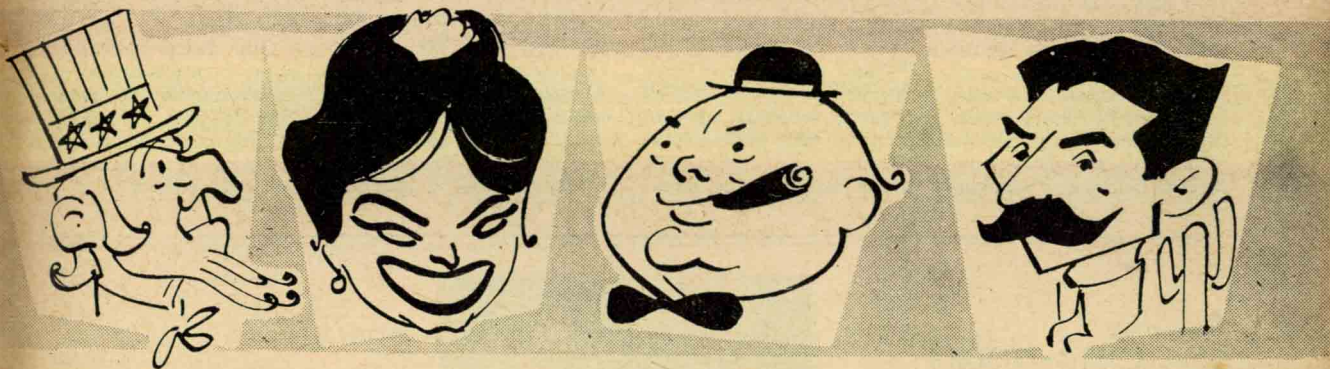
PARA EFEITO de seguro, a italiana Sofia Loren passou a valer tanto ou quase tanto, quanto o famoso tesouro de São Pedro.

Compõem o tesouro de São Pedro, a tiara, o anel e outras jóias que ornamentam a estátua do «príncipe dos apóstolos».

Compõem o tesouro de Sofia... outras jóias, muito diferentes.

O tesouro de São Pedro está segurado num truste de quarenta companhias por um milhão e meio de dólares. Os tesouros de Sofia foram segurados num milhão.

PROVERBIO RUSSO, oferecido aos seus clientes, candidatos à longevidade, pelo teatrólogo-otorrinolaringologista **Pedro Bloch**:



«Come tua primeira refeição sozinho; divide o almoço com um amigo; e oferece o jantar a um inimigo».

NO DIA 15 DE AGOSTO DE 1959 fez cinquenta anos que **Euclides da Cunha** morreu. A União Soviética comemorou. Publicou um resumo dos «Sertões» e uma biografia do autor que foi considerado, numa nota explicativa, como «o escritor mais representativo da terra e do povo brasileiros».

BISAVÔ DA REPÚBLICA

- Quem lançou **JK** na vida pública?
- **Benedito Valadares**...
- E quem lançou o **Benedito**?
- **Getúlio Vargas**...
- E quem lançou **Getúlio**?
- Um velhinho que ainda vive. Governou o Rio Grande do Sul durante vinte e cinco anos. Há três meses, completou 96 anos de idade. Chama-se **Borges de Medeiros**. Havendo, como os patriarcas

da Bíblia, gerado a **Getúlio**, que gerou **Benedito**, que gerou **JK** — **Borges de Medeiros**, dentre outros numerosos títulos pode gabar-se d'êste: é o **Noé**, o ancestral, o legítimo antepassado, o bisavô político do atual presidente da República. Apesar de quase centenário, **Borges de Medeiros** é um ancião sadio, enxuto e lúcido. Aos que o interrogam a que atribui sua longevidade, o bisavô da República responde sorrindo:

— Dificil de precisar. No entanto, um velho hábito mantenho: bebo um cálice de vinho no almoço e meio ao jantar.

A SABEDORIA DO PAPA JOÃO XXIII:

«Eu rezo como se tudo dependesse de Deus; e trabalho como se tudo dependesse de mim».

SIR WINSTON CHURCHILL era apenas o ginasiano Winston, quando travou com o diretor do colégio onde estudava o seguinte diálogo:

— O caso, senhor diretor, é que eu não vejo a mínima necessidade de estudar **latim**.

— Mas que fará você na vida sem o **latim**, Churchill?

— Serei Primeiro Ministro, Sr. Diretor!

BEBÊ DA RAINHA ELIZABETH estava sendo esperado para fins de fevereiro, já chegou? Dizia o protocolo real: se fôr homem será saudado com 101 tiros de canhão; se fôr mulher, com 21 apenas. Foi mulher ou homem? **Carlota** ou **Alberto**?

E o Dr. **Blyth**? o famoso hipnotizador londrino que hipnotizou um «team» de futebol, no Ducado de **Gloucester**, levando a equipe inteira, hipnotizada, à vitória — conseguiu o Dr. **Henry Blyth** que a Rainha aceitasse seus préstimos e desse à luz, sem dor, através da hipnose?

«Eu mando a minha fotografia a Vossa Majestade e nada mais é necessário, nas últimas semanas que antecederem o nascimento, do que olhar bem para os meus olhos nesta foto e escutar a minha voz, que eu lhe farei ouvir numa fita gravada. Garanto-lhe que V. Majestade terá um bom parto e sem dor».

Com que então, Majestade, estamos em março, como correram as coisas por aí?



dany saval

SEGUNDO a propaganda, não tem ainda dezoito anos. Mas, pelos três desempenhos em seu ativo no ano de 1959, foi batizada com inteira justiça pela publicidade cinematográfica como «a ninfazinha mais provocante e assombrosa do cinema francês».

Outro dia falávamos de Shirley MacLaine como a atriz que soube unir o «sex-appeal» ao talento cômico. E' o mesmo caso de Dany Saval na França; Dany, dizem, alia à sua irresistível natureza cômica, a sensua-

lidade das ingênuas perversas.

Dany iniciou sua carreira artística no Teatro do Chatelet, em Paris, como bailarina, aos sete anos de idade. Ainda fazendo balé passou pelo Teatro Mogador, onde trabalhou em operetas, pela Ópera e pela Comédia Francesa, onde atuou num espetáculo como pajem. A mudança de direção de sua carreira do balé para o cinema começa quando, devido à idade, não pôde acompanhar a companhia numa excursão à Amé-

rica do Sul. Voltou-se para o teatro — gênero comédia — e matriculou-se num curso de arte dramática.

Sua fase cinematográfica começa mesmo em 1958, em pontas de dois filmes famosos: «Le Miroir à Deux Faces» de André Cayatte e «Les Tricheurs» de Michel Carné, que vimos em nossas telas há pouco tempo sob o título «Os Trapaceiros». Neste mesmo ano estreou no palco, fez uma curta metragem e foi promovida, interpretando o segun-

do papel feminino (ao lado de Françoise Arnoul) em «Asphalte».

Vem em seguida os três filmes que lhe deram o título de «ninfazinha provocante»: «Nathalie Agent Secret», «La Dragée Haute» e «La Verte Moisson», de François Villier, no qual este diretor lhe confiou a única interpretação feminina da película.

Que Dany Saval era uma «ninfazinha» e «provocante» já sabíamos de suas pontas; para julgar de seu talento artístico aguardemos estes três filmes.

cine-notas

- Peter Finch, principal ator masculino ao lado de Audrey Hepburn em «Uma Cruz à Beira do Abismo» (v. ALTEROSA, 2ª quinzena de janeiro), se encontra entre os premiados do XXº Festival de Veneza. Apesar deste festival haver terminado há muito, só agora soube-se deste fato. Peter Finch é co-autor, juntamente com Bertie Whiting, do roteiro de «Generale Della Rovere», de Rossellini, filme este que conquistou o grande prêmio em Veneza. Finch, antes de se tornar um dos atores mais populares de Hollywood graças ao seu desempenho no papel do dr. Fortunati em «Uma Cruz à Beira do Abismo», é um ex-jornalista e ex-roteirista australiano.

- Fellini tem uma pequena produção desconhecida no Brasil. Trata-se de um episódio de «L'Amore in Città». «L'Amore in Città» é o resultado de uma tentativa de Zavattini de conquistar um realismo integral, total. Sua ambição era



robert bresson

tão grande que não só trouxe histórias reais para esse filme como também exigiu que seus protagonistas na vida real as vivessem na tela. O episódio dirigido por Fellini chama-se «Agência Matrimonial» e conta a história pungente de uma moça que deseja casar-se.

- Um filme que causou muita controvérsia na Alemanha em fins de 59 chama-se «Cães, Quereis Viver Para Sempre?» («Hunde, Wollt Ihr Ewig Leben?»). Este filme de título incomum conta a história das «proezas» alemãs em Stalingrado. Frank Wisbar é o diretor e os intérpretes principais são Sonja Ziemann, no papel de uma moça russa e Joachim Hansen, no papel de um tenente alemão.

- René Clement planeja filmar sua próxima película na Itália. A julgar pelo título, «Plein Soleil», a fita deve ser rodada durante o verão europeu, que se inicia em junho.

UMA decisão de 1950 da Corte Suprema dos E.U.A. debilitou de tal modo a eficácia de sua censura que apenas quatro estados americanos ainda mantêm «Censure Boards» (Juntas de Censura). A censura oficial já não existe mais nos States. O que existe em New York, Kansas, Virginia e Maryland é apenas um pálido reflexo de uma verdadeira censura. Mas a pressão popular, em geral de origem religiosa, forçou os produtores, tão ciosos da rentabilidade de seus filmes, a organizar por sua própria conta uma censura que realmente censurasse.

Infelizmente, o «Motion Picture Production Code», o código que decide da moralidade ou imoralidade dos filmes americanos, saiu melhor (ou pior?) do que a encomenda. Não passa de um código de tabus.

E' proibido: mostrar prostitutas, exibir certas partes do corpo humano, ficar o pecado sem castigo, tratar de assuntos relacionados com toxicomania, pronunciar a palavra grávida, etc. etc.

O código é fundamentalmente farisaico; provam-no as minúcias da pior casuística a que chega. Mas, por outro lado, é muito conveniente para os que elaboraram, pois este código de censura visa simplesmente, em primeiro e todos os lugares, evitar que os filmes de Hollywood não sofram prejuízos com possíveis campanhas religiosas movidas contra eles.

Todavia, nem sempre foi tão rígida assim a censura. Basta dizer



censurando a censura

que uma famosa estrela dos primeiros tempos do cinema, Annette Kellerman, apareceu no filme *A Daughter of the Gods* vestida apenas por seus longos cabelos. Isso em 1916! E o filme foi exibido normalmente em todos os cinemas então existentes nos E.U.A. E não se diga que é exceção. Não é difícil achar outros exemplos. Talvez algum leitor mais velho ainda se lembre de que a principal estrela do filme *Sor-*

rows of Satan, feito em 1926, apareceu neste filme mostrando os seios. *Cock-eyed World*, filme mudo um pouco posterior — 1929 — tem cenas de amor chocantes para o moderno gosto da censura.

De uns anos para cá o «coeficiente de moralidade» das produções norte-americanas vem baixando ao seu valor primitivo. Três motivos determinaram esta nova tendência. Em primeiro lugar temos de considerar a crescente penetração de filmes estrangeiros nos E.U.A., especialmente italianos e franceses. Sabemos que os padrões de moral filmica de muitos países europeus são muito menos rígidos do que os padrões americanos. Por outro lado, temos de considerar o fator mais importante da reação dos bons diretores — bons, portanto honestos — do próprio cinema americano. E o último fator que determinou o êxito desta rebeldia foi o fato de que os filmes que ousaram enfrentar o código tiveram enorme sucesso popular. Filmes como *Chá e Simpatia*, *A Um Passo da Eternidade*, *Sementes da Violência* responderam com um sim aos não do código e se tornaram tremendos sucessos de bilheteria. Um exemplo mais significativo ainda é *O Homem do Braço de Ouro*, de Otto Preminger, que, por tratar de assunto proibido, a toxicomania, foi condenado pela censura e, talvez devido ao escândalo causado, teve um sucesso tão estrondoso quanto inesperado junto ao público norte-americano. Pode-se dizer que esta película é o marco inicial da triunfante rebelião que veio levantar a saia da censura.

Provavelmente o papel principal será dado ao jovem marido de Brigitte Bardot, Jacques Charrier.

• Charles Aznavour é um dos mais populares cantores franceses. Levando isso em conta, o diretor François Truffaut, ao rodar *«Tirez Sur le Pianiste»*, de que Aznavour é o principal intérprete, não permitiu ser divulgado o endereço em que rodava uma das cenas principais de sua película. Sabe-se agora que o local destas cenas é um pequeno e quase desconhecido café parisiense, chamado «À la Bonne Franquette».

• Haya Harareet (v. ALTEROSA, 2ª quinzena de janeiro) conquistou com sua interpretação em «Ben-Hur» enorme popularidade nos E.E.U.U. Haya é judia de ascendência polonesa. Seu nome real é Haya (palavra que significa animal) Neuberger Hararit. Seu estúdio, a MGM, mudou a grafia de seu último sobrenome a fim de facilitar a pronúncia exata



françoise arnoul

por parte dos norte-americanos. Um dos fatos mais interessantes de sua vida é que Haya já serviu no exército feminino de Israel.

• «Le Chemin des Ecoliers» é o último filme de um dos principais representantes da «nouvelle vague», Michel Boisrond. Conta a história de um proprietário de restaurante, homem sem escrúpulos, que protege os amores clandestinos de Yvette (Françoise Arnoul, v. foto) e de Antonin (Alain Delon). A ação se passa durante a ocupação de Paris pelas tropas alemãs.

• Já deve estar terminada a filmagem de «Le Pickpocket» filme de Bresson (v. foto), diretor que nos deu o memorável «Um Condenado à Morte Escapou». Como diz o título, a película focaliza a figura de um batedor de carteira. Diz Bresson:

— «Le Pickpocket» é um filme de mãos, de olhares, de objetos... Recusei tudo o que é teatral.



Em «A Bela do Bas-Fond», Cyd Charisse se enamorou do advogado de um grupo de «gangsters». E' um filme dirigido por Nicholas Ray e produzido por Joe Pasternak.

Cyd Charisse no passado: de dançarina a atriz dramática, um passo vitorioso.



QUE acontece quando uma dançarina se transfere para o drama?

«Ela tem, finalmente, quase o direito a um descanso», diz, sorrindo, Cyd Charisse, que em «A Bela do Bas-Bond» (Party Girl) teve papel quase que exclusivamente dramático.

«Digo quase», e a graciosa estrela sorri, «porque ainda tive três números de dança nesse filme. Mas, convenhamos que não números de **ballet**. De preferência, eu diria que são de «jazz», do tipo «night-club», que não se define por nenhum estilo particular. Além do mais, são danças que fazem parte integrante do papel, em vez do papel ser envolvido nelas como normalmente acontece».

Cyd Charisse

DA DANÇA PARA O DRAMA

Cyd Charisse, ainda brotinho, ao lado de sua mãe.



«A Bela do Bas-Fond» é essencialmente uma história de amor», acrescenta a bela Cyd, «dessas que exercem enorme atração, tanto nos homens como nas mulheres. E' movimentada, bem romântica e, para mim, significou a mudança definitiva, o que me agradou sobremodo».

A «mudança» a que Cyd Charisse se refere concerne à total eliminação pelos menos provisória, das horas de exercício que é obrigada a fazer nos filmes de dança.

E é ela própria quem continua a explicar para o repórter, fixando-o com os seus grandes olhos, brilhantes e inteligentes: «Qualquer dançarino poderá confirmar que dançar exige uma prática contínua. Para os papéis de dança, exercito-me, pelo menos, três ho-

ras por dia, tanto antes de chegar ao estúdio como depois do trabalho diário em filmes. Isto é necessário para manter a forma e a técnica. Durante a filmagem de «A Bela do Bas-Fond» foi-me possível abandonar, com a consciência tranqüila, parte dessa pesada rotina, o que significava que podia dormir um pouco mais, dedicar-me também por mais tempo a meus filhos e ainda entreter as visitas, que não são raras».

Cyd Charisse, que vem combinando com sucesso três ingredientes difíceis de se misturarem com uma carreira artística — os deveres de esposa e mãe, com os de uma perfeita anfitriã — tem idéias bem claras sobre a receita para se combinarem com perfeição esses fatores.

«E' apenas uma questão de manter uma coisa separada de outra, e cada uma delas em seu lugar», diz sorrindo. «E' porque assim deve ser, procuro organizar tudo em minha casa com semanas de antecedência, de modo que não haja complicações nos dias em que estiver nos estúdios. E porque Tony (Tony Martin, seu marido) tem uma legião de amigos, cuja visita nunca posso prever, tudo em casa fica preparado para tais emergências. Temos sempre pronto um quarto para hóspedes que pode ser ocupado a qualquer hora. Mas, trabalhando ou não, a tarefa que me é mais importante é mesmo preparar os meninos para irem à escola».

Amanhece. Levanto e abro a janela: a natureza se abre num abraço.

Flôres se escondem num lençol de névoa, fantasmas se recolhem no horizonte. O vento é correio e traz na asa o hálito da terra adormecida.

Dentro da alma que ficou na cama ressona minha vã filosofia.

Sou apenas corpo em comunhão com o mundo. (Mário Newton Filho)

* * *

De Cesarina Lupati — O não possuir nada inebria a criatura muito mais que o possuir muito, porque deixa ao espírito a eterna juventude do desejo.

* * *

Há momentos na vida em que nos debatemos num cárcere de pedra. Temos sede de Luz e do Infinito e estamos presos com grilhões de aço.

Queremos tudo compreender, queremos sondar o mistério da existência mas algumas nos totem os sentidos. O cérebro é mudo, não responde, os olhos velados, têm a visão amortecida.

Mas um dia, no momento marcado, na hora exata, nem antes, nem depois, uma espada de fogo nos atravessa o peito e o cérebro trabalha, os olhos vêem.

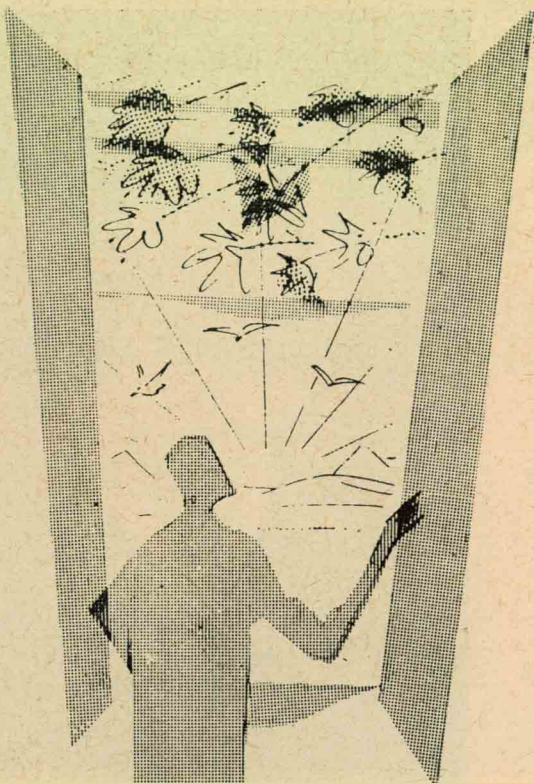
E, deslumbrados, não sabemos dizer porque os olhos eram cegos, se agora são límpidos e claros, se enxergam tão bem.

Só então, compreendemos que as pedras da subida têm sua razão de ser, e que os olhos da alma são os únicos que podem explicar, que sabem ver. (Carmen Carneiro)

* * *

De Guilherme de Guimaraens — Nunca se deve desanimar quando está tudo em ruínas, porque é mais fácil erguer alguma coisa com as ruínas daquilo que desmoronou, do que quando nem delas se dispõe...

Ai dos que vivem, se não fôra o sono! O sol brilhando em pleno espaço, cai em cascatas de luz; desce do trono e beija a terra inquieta, como um pai. E surge a primavera. O áureo patrono da terra é sempre o mesmo sol. Mas aí da primavera, se não fôra o outono, que vem e vai, e volta, e outra vez vai. Ao nível luar que vaga nos outeiros sucedem sombras. Sempre a lua tem a escuridão dos sonhos agouzeiros. Tudo vem, tudo vai, do mundo é a sorte... Só a vida, que se esvai, não mais nos vem. Mas aí da vida, se não fôra a morte! (Alphonsus de Guimaraens)



«Se se conhecessem os fatos, sentir-se-ia piedade até mesmo pelos planêtas? se se alcançasse aquilo que chamam de coração da matéria?»

fuga

LEONOR TELLES

Para tudo é necessário a paciência. Para calar e ouvir, para o adequado emprêgo de energia, para aprender, para esperar, para suportar os demais e para cada qual suportar-se a si mesmo, para dar e para pedir, para semear e para colher, para subir e para descer pela montanha da vida... (Vigil)

* * *

Da Imitação de Cristo — E' bom que algumas vezes nos sucedam cousas adversas, e venham as contrariedades, porque costumam atrair o homem a si mesmo, para que se conheça desterrado e não ponha sua esperança em cousa alguma do mundo.

* * *

De Graciete Salmon — Operário calceteiro minha vida é igual à tua. Trabalhas o dia inteiro batendo pedras na rua, abrindo e

fechando valos, espalhando saibro e argila, dispondo as pedras em fila e areia nos intervalos. Eu também, dia por dia, rasgo o chão do Pensamento e ponho sobre a sangria a argila do Sentimento. Bato as pedras da Emoção e, na fila em que as componho, deixo frestas de Ilusão para cobri-las de Sonho.

Sobre o chão, que deixas plano, vai passando a multidão... Sobre o Sonho passa o Engano e esmaga meu coração...

* * *

Somos atraídos por uma determinada pessoa, porém ninguém descobriu as leis dessa atração. Quando me aproximo dessa pessoa «na realidade», estou preparado para me surpreender com minha escolha. E' suficiente que nos tenhamos «encontrado algum dia», para fazermos protestos de não nos esquecermos nunca. Uma ou outra vez, trocamos essa maravilhosa gentileza, encaramo-nos amplamente, humanamente, divinamente, e depois de tudo ficamos para sempre simples conhecidos... (Thoreau)

Olhos que fazem sonhar



Olhos que fazem sonhar
A quem é órfão de sonhos,
Olhos mágicos, risinhos,
De doçura singular...

Olhos que fazem rezar,
Com sua unção benfazeja,
Como, na paz de uma igreja,
As doces luzes do altar!

Pudesse eu deles falar,
Com tal vigor expressivo,
Que o meu divino motivo
Vivesse aqui, num olhar!

Mas êsse brilho estelar,
Nada há, de certo, que o exprima.
Só pode a estranha obra-prima
A si mesma revelar...

Olhos que fazem cantar,
Aqui, no verso, eu os canto,
Lângüido no seu quebranto,
Vibrando no seu radiar!

Há nesses olhos sem par
Uma carícia infinita,
Que acarinha a quem os fita,
Que vai sua alma abraçar!

Alguém que um raio de luar
Dêles sentiu, como flecha,
Logo, abrasado, se deixa
Dêsses olhos empolgar!

E fica, louco, a pensar
Que aquela edênea carícia
A êle o segue, propícia,
Nos requiebros de um olhar...

Depois... descrença e pesar:
Êsses celestes afagos
Não passam de brincos vagos
Dêsses olhos verde-mar...

Olhos... não é de espantar
Que prendam tão doces sonhos,
Pois vêm de uns olhos risinhos,
Olhos que fazem sonhar!

Otoniel Beleza



Pela estrada da vida

Outros dias melhores não de vir!
Nossa Estrada terá menos espinho...
E, sôzinha, jamais hás de seguir...
E nunca mais hei de seguir sôzinho!

Os montes transporei sempre a sorrir,
iluminado pelo teu carinho...
E, ao meu lado, não vais sequer sentir
os buracos e as pedras do caminho...

Todos os prantos de passadas dores
por um milagre irão se transformar
em sonhos bons... em perfumosas flôres...

E, juntos, seguiremos a jornada,
eu — apoiado em teu amor sem par,
e tu — em meu amor sempre apoiada...

Luiz Otávio

Poesia



CANTIGAS

Que de amor se vive, eu sei,
— Isso, já afirmou alguém —
Mas êsse amor, que dá vida,
Nos traz a morte também.

ODETE DONAH

Quisera morrer na praia
Numa noite de luar
Ter rochedos por esquite,
Por mortalha, o céu e o mar...

M. T. AQUINO

Saudade, soluço da alma
Recordação do passado
Comovedoras visões
Do ser distante e lembrado.

AURINO TAVARES



PANORAMA

Juan Peron — ex-ditador argentino.

Odisséia peronista

EM FEVEREIRO passado, Juan Peron — com sua bela secretária, Isabel Martinez, além de quatro amigos e dois cães de estimação — fretou um «Constellation» da Varig, por 45.000 dólares, e voou da República Dominicana para a Espanha.

Acontece que poucas semanas antes o ditador Rafael Leónidas Trujillo, que aliás nunca demonstrou muito entusiasmo por Peron, havia levado a seu conhecimento que ele estava abusando da hospitalidade dominicana. Por sua vez, o governo argentino, vindo a saber das disposições de Trujillo, mais do que depressa notificou a Espanha e a Itália, dizendo que qualquer «hospitalidade» que afastasse Peron ain-

jillo, que aliás nunca demonstrou muito entusiasmo por Peron, havia levado a seu conhecimento que ele estava abusando da hospitalidade dominicana. Por sua vez, o governo argentino, vindo a saber das disposições de Trujillo, mais do que depressa notificou a Espanha e a Itália, dizendo que qualquer «hospitalidade» que afastasse Peron ain-

da mais de Buenos Aires, seria muito bem recebida.

Sabe-se que Peron, que em 1958 se viu obrigado a fugir de uma revolução na Venezuela, quando ali esteve asilado, farejou também a possibilidade do fato repetir-se na República Dominicana. E não excitou em ir embora.

A Espanha concedeu-lhe um visto de turista para três meses, pediu-lhe que se abstivesse de fazer política, oferecendo-lhe três centros turísticos para residência. O ex-ditador argentino escolheu Torremolinos, lugar situado à beira do Mediterrâneo, e freqüentado por desocupados, senhoras já maduras e ricas, e existencialistas norte-americanos.

Já no seu primeiro passeio pela praia, ele simplesmente se esqueceu da promessa de se conservar afastado da política, e gabou-se aos repórteres:

— Nas eleições parlamentares de março, nossos correligionários votarão em branco e teremos mais votos do que todos os outros partidos.

Enquanto isso, na Argentina, os quartéis-generais peronistas anunciaram que «não importa onde estiver — em Ciudad Trujillo, ou no Congo Belga — Peron é o nosso chefe».

Mas, tendo deixado as Caraíbas, de onde sempre pareceria disposto a voltar em triunfo para a Pátria, se a oportunidade se lhe oferecesse, Peron parece estar provando haver perdido a esperança. Uma senhora estrangeira, hospedada em seu mesmo hotel, ignorando com quem estava falando, perguntou ingenuamente a Peron, de onde era — e se planejava voltar logo...



Alfried Krupp, o magnata da indústria alemã.

Krupp põe panos quentes

NA ALEMANHA, depois de passada a onda mais forte da campanha anti-semita — que teve repercussão e imitadores em todas as partes do mundo, dada a ameaça que representa para as nações o rígido espírito de casta dos judeus — uma notícia divulgada ultimamente parece indicar que as questões referentes ao assunto foram sanadas em sua maior parte.

Durante a crise mais aguda do anti-semitismo, em que as duas partes interessadas faziam as mais diversas acusações entre si, alguns simpatizantes de judeus fizeram uma denúncia contra o senhor Alfred Krupp, único proprietário da organização industrial Krupp, cujo capital eleva-se a mais de um bilhão de dólares. Segundo estes elementos, centenas de prisioneiros judeus foram, durante a guerra, obrigados a

Play-boy sem máscara



O MILIONARIO paulista Baby Pignatari, um dos mais célebres "play-boys" de Roma, é fotografado ao lado da atriz Jacqueline Lee, na "Gruta Piccione". Pignatari, há anos, transformou-se no mais ambicionado acompanhante de jovens estrêlas em busca de fortuna. Os fotografos da capital romana não o perdem de vista, nem em seus momentos menos felizes.

Juramento de ateu

O TRIBUNAL MAIS alto da Itália está às voltas com um caso deveras singular. Deverá responder a uma pergunta insólita que lhe foi dirigida: pode um ateu ser constrangido a jurar por Deus? A questão foi suscitada — embora involuntariamente — por um cidadão de Veneza. Chamado a servir de testemunha num processo, o senhor em questão recusou-se a prestar juramento segundo a fórmula tradicional.

«Eu», explicou ao juiz, «sou um ateu». Peça-me para jurar «diante de minha consciência», ou «sobre o que tenho de mais caro» e eu o farei. Mas não pode pretender que um ateu como eu jure «perante Deus».

O senhor Gino M., este o seu nome, foi então denunciado pela violação do artigo 449 do Código Penal italiano, que estabelece exatamente a obrigação do juramento. Posteriormente, o promotor havendo tomado conhecimento da alegação da defesa, resolveu recorrer à instância superior.

realizar trabalhos forçados nas fábricas daquela organização. Mas, embora haja testemunhas que afirmam que cerca de 100 mil prisioneiros dos campos de concentração e prisioneiros de guerra trabalharam naquelas fábricas, ninguém, ao certo, sabe quantos eram judeus.

Aliás, durante o julgamento a que Alfred Krupp foi submetido, como criminoso de guerra, em 1948, (devia cumprir 30 meses de prisão, mas foi perdoado) certo promotor norte-americano acusou-o de ter «procurado ativamente empregar presos de campos de concentração e de ter, para tal finalidade, construído fábricas perto dos campos de Markstaedt e Auschwitz».

Agora, num gesto que parece destinado a sanar as dúvidas e contribuir para o abrandamento dos ânimos, o senhor Alfred Krupp

von Bohlen und Halbach, acaba de se mostrar disposto a pagar determinada quantia de resgate a qualquer judeu que prove haver sido submetido a trabalho forçado em proveito de alguma empresa Krupp. Pelo acordo, Krupp terá de pagar 5 mil marcos (ou sejam 1.190 dólares) a cada um destes, o que, segundo alguns, representará uma despesa de 2.380.000 dólares. Funcionários da organização fizeram uma estimativa de que aparecerão cerca de 1.200 petições válidas. Já os defensores dos interesses judeus na Alemanha avaliam o número total em 2.000.

Não se sabe ao certo se este gesto de Alfred Krupp foi motivado por algum sentimento filantrópico, ou se procura apagar algumas faltas cometidas no tempo da guerra.

PANORAMA

Franco e o orgulho catalão



Galinsoga em apuros.

UM ACONTECIMENTO recentemente registrado na Espanha serve para demonstrar o grande orgulho dos habitantes da Catalunha, uma das províncias daquele país. Separados do resto da nação pela muralha dos Pirineus, e dizendo-se descendentes dos legionários de César, os catalães, há anos, vêm constituindo um espinho na garganta do ditador Franco. Sabe-se que Franco baniu o uso do dialeto catalão nos jornais e o seu ensino nas escolas. Mas, em fevereiro, alguns incidentes ocorridos em Barcelona vieram evidenciar o fracasso de seus esforços neste sentido, além de se ver duramente atingido o maior jornal da Espanha: "La Vanguardia Espanhola".



Kennedy, Senador democrata pelo Estado de Massachusetts, é apontado como o provável primeiro presidente católico norte-americano.

Humphrey e Kennedy rumo à convenção: EE UU

OS ESTADOS UNIDOS assistirão este ano a uma grande luta política que será travada entre os candidatos que pretendem substituir no poder o presidente Eisenhower. Nos bastidores a movimentação é já grande. Principalmente no seio do Partido Democrata as diversas correntes de preferências começam a se manifestar e, pelo menos, dois candidatos a candidato já se acham inteiramente definidos como tal. Trata-se do senador pelo Estado de Minnesota Hubert Horatio Humphrey, o primeiro a se declarar candidato à indicação presidencial por seu partido. E do também senador (pelo Estado de Massachusetts) John Fitzgerald Kennedy, de 42 anos.

H. H. Humphrey nasceu em 21 de maio de 1911, num apartamento situado em cima da farmácia de seu pai, na cidade de Wallace, sendo o segundo de quatro filhos. Herdou o nome e a inclinação política de seu pai, farmacêutico, que também era um democrata.

Após um breve período ensinando Ciência Política nas universidades de Louisiana e Minnesota,

Humphrey pouco a pouco foi caindo na órbita da política concreta, tendo sido eleito prefeito de Minneapolis em 1945, com a idade de 34 anos. Um reformador audaz e eficiente, segundo alguns, fez boa administração. Em 1948 foi eleito para o Senado e provou ser em Washington um dos novos mais brilhantes. Em dez anos de política Humphrey tem-se declarado defensor dos direitos civis, tem incentivado a agricultura, mostrando-se favorável à ajuda a países amigos. Foi também nestes dez anos que construiu (com a ajuda de seu velho amigo, o governador Orville Freeman) uma poderosa máquina política em Minnesota. Sua conversa de 8 horas e meia com Khrushchev deu-lhe uma aura internacional, colocando-o numa boa posição à frente dos liberais democratas. Embora os políticos o considerem um dos mais fracos aspirantes a candidato democrata, Hubert Humphrey já provou anteriormente que sabe virar situações a seu favor.

Por outro lado, no que diz respeito a Kennedy, uma de suas características principais reside no fato de se tratar de um fervoroso católico, dono de gran-

Tudo começou num domingo, durante a missa das 10 horas, na Igreja de San Ildefonso, em Barcelona. Tomado de raiva pelo fato de que o sermão estava sendo feito em catalão, ao invés de castelhano, um homenzinho calvo e gordo protestou junto ao vigário, deixando um cartão, e abandonou o templo, berrando uma série de improperios.

O nome impresso no cartão era o de Luís Galinsoga, o diretor (designado por Franco) do jornal "La Vanguardia", desde 1939.

Após o incidente, que à primeira vista parecia sem importância, mas que depois adquiriu vulto, o padre Narciso Seguer, da paróquia de San Ildefonso, escreveu a Galinsoga,

sugerindo com muito tato que o culpado deveria ter sido algum impostor que teria usado cartão de Galinsoga. Retorquiu Galinsoga: "O cartão é meu. Ir à Igreja numa cidade espanhola e ouvir, além do Latim, uma língua que espanhol algum tem obrigação de conhecer, parece-me absurdo".

Uma vez que a censura oficial não deixou o ocorrido transparecer na imprensa, a notícia do insulto de Galinsoga aos catalães correu de boca em boca. E enquanto esta se ia difundindo, o sangue catalão começou a ferver. Milhares de exemplares de "La Vanguardia" foram rasgados por elementos exaltados, em meio a arruaças e manifestações públicas em Barcelona. Nas paredes, apareceram frases

pixadas, proclamando em catalão: "Abaixo Galinsoga!"

O resultado foi que, já na primeira semana de fevereiro, a circulação de "La Vanguardia" caiu repentinamente de 30 mil exemplares. As perdas em anúncios forçaram o jornal a diminuir sua edição diária de 55 para 28 páginas. Levado ao desespero, Galinsoga voltou atrás, negou haver proferido qualquer insulto contra a Catalunha. Mas, continuando o boicote contra o atrevido homenzinho, a orgulhosa Catalunha baixou um ultimato, que está dando o que fazer a Franco: ou Galinsoga vai para outras paragens da Espanha, ou o melhor jornal espanhol terá de lutar duramente por sua sobrevivência.

de popularidade no seio do eleitorado norte-americano. Tendo nascido em Brooklin, é o segundo dentre os nove filhos de uma família americano-irlandesa. Cresceu dentro de toda a opulência que o dinheiro pode oferecer. Quando seu pai, o multimilionário Joseph Kennedy, se tornou embaixador americano na Inglaterra, Jack interrompeu seu primeiro ano na escola para fazer uma grande viagem pela Europa, como mero espectador da II Grande Guerra.

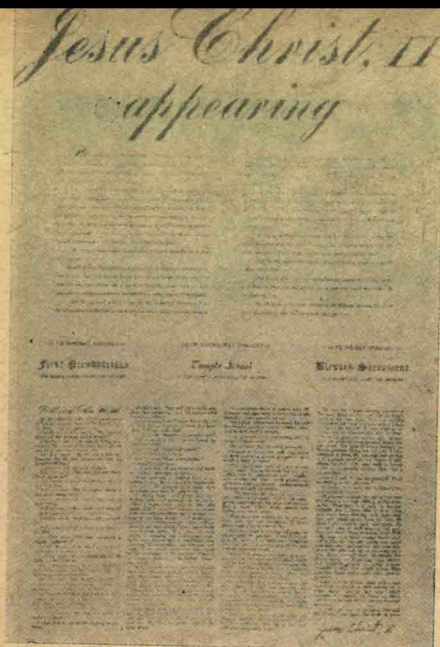
Kennedy graduou-se «cum laude» em Harvard, em 1940, e depois da guerra, voltou-se para a política, tendo sido eleito para o Congresso em 1946. Na convenção democrata de 1956, foi escolhido para fazer o discurso indicando Adlai Stevenson como candidato e ele próprio perdeu a indicação para a vice-presidência por cerca de 38 votos. Desde sua reeleição para o Senado, em 1958, com um recorde de votação, tem feito uma campanha contínua e incansável, em todos os 50 Estados, em busca da indicação presidencial democrata.

Sua juventude, sua riqueza e sua fé católica constituem verdadeiros trunfos políticos, numa corrida em que os donos do partido desejam um candidato realmente promissor. Entre suas qualidades, estão uma personalidade atraente, um convincente e positivo talento para falar, e uma esposa simpática, Jacqueline Bouvier Kennedy, filha de um financista de Manhattan. Juntamente com a filha, os três vêm aparecendo com grande frequência nas revistas ilustradas dos Estados Unidos e já foram alvo de mais reportagens do que todos os outros candidatos juntos. Sendo um homem de coragem (Seu livro **Perfis da Coragem** ganhou o prêmio Pulitzer), Kennedy tem feito uma campanha enérgica focalizando as principais questões políticas. Levando-se em conta as prévias eleitorais e a opinião de importantes figuras da política, Kennedy parece contar com o apoio dos democratas mais exigentes.



Bondade Heróica

NA ITÁLIA, todos os anos, escolhe-se a melhor menina do país. Na foto aparece a garôta Grazia Lupetti, focalizada pouco depois de haver recebido o prêmio a que fez jus como a «melhor menina da Itália». Grazia Lupetti, durante quatro anos seguidos, ia todos os dias à casa de sua professora que, sem recursos, se achava atacada de paralisia. A menina, que é de família paupérrima, caminhava todos os dias dois quilômetros para cumprir o seu desejo de ser bondosa. Além disso, não deixava de levar à doente frutas e presentes que comprava com suas pequenas economias. Tem onze anos e frequenta a escola.



Aparecimento de Jesus Cristo II

NUMA NOITE calma de Los Angeles, um misterioso visitante entrou nos escritórios do **Times**, um jornal local com uma circulação de 496.000 exemplares diários. Exibiu ao funcionário que o

atendeu o esboço de um anúncio de página inteira.

— Poderia o jornal publicá-lo na edição de Natal, amanhã ?

O visitante entregou 2.500 dólares e o **Times** pegou o dinheiro e o anúncio. Logo a mensagem do visitante, impressa numa página inteira como pedira, estava saindo aos milhares das máquinas impressoras do **Times**.

Todavia, um empregado do jornal, revendo rotineiramente os anúncios, veio a dar com este de última hora. Seus olhos se arregalaram incrivelmente. Até então ninguém no **Times** sabia o que se estava imprimindo.

Jesus Cristo II está Aparecendo dizia o anúncio em letras de 5 centímetros. Em letras menores, o anúncio prosseguia dizendo que o advento ocorreria em três dias sucessivos de janeiro, em três igrejas de Hollywood. A mensagem estava assinada claramente: **Jesus Cristo II**.

PANORAMA

Cuba: ditador x embaixador



Para vias de fato faltou pouco.

UM FATO inteiramente inusitado aconteceu durante uma das costumeiras entrevistas de Fidel Castro, dadas na TV cubana. Castro disse, entre outras coisas, que as embaixadas dos EEUU e Espanha estavam colaborando na fuga de reacionários cubanos que vinham deixando o País.

Na embaixada, o representante espanhol Juan Pablo de Lojendio, marquês de Velisca, assistia calmamente ao programa quando deparou com as palavras nada agradáveis alusivas a seu País. Embora tido como exemplo de decôro diplomático, o embaixador espanhol, que conta 53 anos de idade, dirigiu-se, ferendo de raiva, ao estúdio. E' óbvio que sua atitude foi um tanto ousada. Lá chegando, berrou :

— Exijo o microfone !

Cuba inteira ficou apreensiva. Castro, também surpreso nos primeiros momentos, retomou o contrôlê da situação e gritou :

Foi dada uma ordem angustiada para que parassem as máquinas. Substituíram o anúncio por outro de uma mobiliadora, e os funcionários do **Times** freneticamente começaram a correr a cidade num esforço desesperado, e apenas em parte bem sucedido, de recuperar os 35 mil exemplares já distribuídos. Alguém telefonou às igrejas: ninguém conhecia Jesus Cristo II.

Afinal, semanas após, o envergonhado **Times** disse que seu estranho visitante — que depois se revelou chamar Thomas Lockyer Graeff, um sujeito de 30 anos de idade que pediu à Justiça a mudança de seu nome para Jesus Cristo II, não voltara para reclamar seus 2.500 dólares. O rival do **Times** de Los Angeles, o **Examiner** (circulação: 369.000) revelou também que o mesmo anúncio lhe fora levado mais ou menos à mesma hora, mas alguém tivera o cuidado de lê-lo e recusara sua publicação.

Mais veloz do mundo

MIRELLA MOSSOTTI, que bateu recentemente o «record» mundial de velocidade na datilografia, aparece na foto durante a realização de uma prova. O «record» atualmente detido por Mirella Mossotti é de 599 batidas por minuto. Nos dias seguintes ela conseguiu aumentar a própria velocidade até atingir 607 batidas, mas nestas últimas demonstrações apareceu um número excessivo de erros. Deste modo, ela não pôde, por uma ninharia, receber o prêmio que seria conferido a quem atingisse as 600 batidas.



— Um abuso de sua parte! Você não está na Espanha, mas na República de Cuba!

A imagem saiu do ar, mas não o som, que levou aos ouvintes a resposta de Lojendio:

— Fui caluniado! Fui caluniado!

Os guardas, então, reconduziram o marquês à embaixada. Nove minutos depois, a imagem do vídeo apareceu de novo, e Castro, mastigando nervosamente seu charuto, disse aos telespectadores:

— Ele veio aqui para criar um incidente. Lojendio tem de deixar Cuba dentro de 24 horas!

Logo a seguir, o presidente Osvaldo Dorticos pegou no microfone para concordar — «A dignidade nacional não permite outra solução. Esta decisão é oficial».

Por pouco, o incidente não assumiu proporções verdadeiramente dramáticas, tendo sido necessária a intervenção de alguns soldados rebeldes para

salvar a pessoa do embaixador da fúria de pessoas presentes.

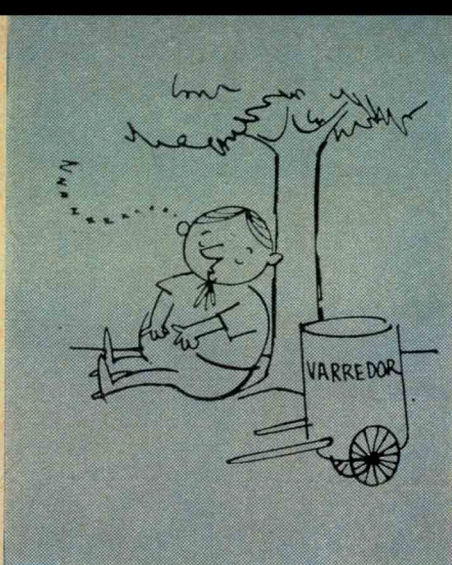
Nesta altura, chefes de sindicatos já estavam promovendo manifestações populares. E no dia seguinte, uma verdadeira multidão cercava a embaixada, já abandonada por seu titular. No mastro do edifício, hastearam a bandeira cubana e da Espanha legalista. Jogavam tomates e agitavam faixas em que se liam: «Abaixo Franco!», «Fora com Lojendio!», «Para a Espanha ou para a prisão!». Outra multidão seguiu Lojendio ao aeroporto, gritando — «Vá embora, seu asno! Vá embora!»

Pouco a pouco, porém, a ira do povo cubano voltou-se novamente contra os Estados Unidos. Em suas entrevistas na TV, Castro teve a coragem bastante para dizer algumas verdades acerca de intervenções norte-americanas em matéria de interesse de Cuba. Acusou os Estados Unidos de enviarem aviões para incen-

diar canaviais em seu País.

Ao mesmo tempo, o jornal governamental «Revolucion», descrevia o vice-presidente Nixon como «um discípulo impenitente do soturno e obstinado Foster Dulles». O mesmo jornal denunciava ainda o presidente Eisenhower por ter «abraçado o açougueiro Franco», em sua recente viagem à Espanha.

Washington, em vista disso, resolveu chamar para casa o embaixador Philip Bonsal. Herter, ao mesmo tempo, dizia à Comissão de Relações Exteriores do Senado que estava «profundamente preocupado» com a situação em Cuba. Conferenciou também com Eisenhower a respeito do estado precário das relações americano-cubanas. Ao mesmo tempo, a Administração pedia uma lei nova, dando autoridade à Casa Branca para modificar à sua vontade as quotas de importação de açúcar, a fim de fazer pressão sobre Cuba.



Fragilidade da civilização

FOI PUBLICADO na França, faz tempo, chegando a despertar vasta curiosidade, um romance cujo tema consistia no desaparecimento do ferro de entre os materiais à disposição do homem, em virtude de certa doença que atacara o metal e o ia destruindo rapidamente, assim nas jazidas como nos objetos e construções em que estivesse empregado. Em torno do tema estranho, o romancista, que não logrou sobreviver a uma curta notoriedade, oriunda de sua original invenção, imaginou uma série de situações imprevistas, devidas à repentina destruição do abundante material que é uma das bases da moderna civilização. Concebe-se com facilidade o pavor do mundo diante de tal catástrofe, se esta um dia passasse da ficção à realidade.

O romance e o romancista tombaram no esquecimento, dada a fugacidade da glória literária, principalmente da glória literária de circunstância, como foi o caso aqui.

Agora, porém, ainda na França, o tema acaba de ser retomado por outro romancista, que imaginou uma doença destruidora, não do ferro, mas do papel. Os livros nas bibliotecas públicas e privadas, desfaziam-se em pó. O papel de impressão, nas rotativas, não tinha a menor resistência e partia-se ao ser movimentado, impedindo a saída dos jornais e revistas. E os arquivos, todos os arquivos, iam desa-

parecendo, com os seus documentos reduzidos a poeira. Não se podia publicar, não se podia ler. O papelão e as cédulas do Tesouro resistiram por algum tempo, mas também entraram de esfacelar-se.

A doença do papel era epidêmica e dominara toda a Europa, motivo pelo qual as Américas proibiram a entrada de navios e aviões nos seus portos e aeroportos, não fôsse a misteriosa enfermidade dar cabo por igual dos seus livros, dos seus manuscritos, dos seus documentos preciosos, impossibilitando ainda por cima a circulação dos seus jornais de imensa tiragem e de várias edições matutinas e vespertinas. O governo dos Estados Unidos, que são, como se sabe, a terra dos técnicos, chegou a cogitar de encarregá-los da construção de enormes subterrâneos de cimento-armado à prova de micróbios, para nêles encerrar a maior quantidade possível de papéis, tanto modernos quanto antigos, notadamente o original da Constituição norte-americana e os discursos de Washington, Jefferson, Lincoln e outros grandes homens da república.

Enquanto as Américas assim procuravam defender-se da terrível epidemia, a Europa mergulhava nas sombras espessas do obscurantismo, sem poder ler, sem poder escrever, sem poder enviar e receber cartas, não se falando em outros inconvenientes menores produzidos pela ausência absolu-

ta de papel. Menores, é certo, mas causadores, ainda assim, de consideráveis incômodos, já que era de todo impossível fazer embrulhos embalagens, pacotes e outras coisas que só com papel se fazem ou podem ser feitas facilmente e seguramente.

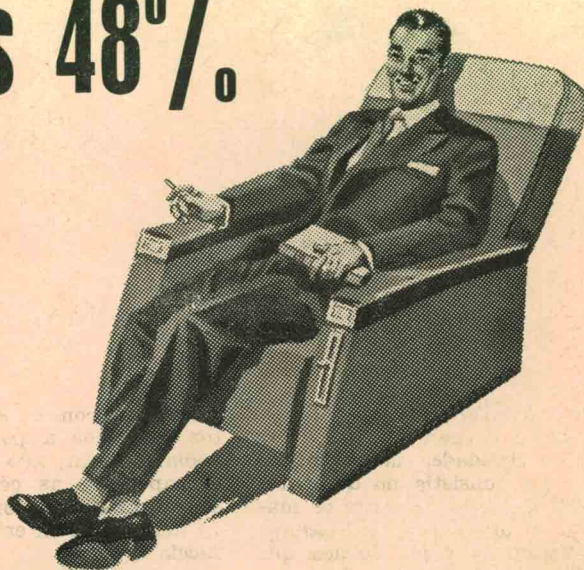
Os sábios europeus, nos seus gabinetes ou nos seus laboratórios, trabalhavam com afinco, dia e noite, em busca de um remédio para o mal, porém não conseguiram nada, como nada conseguiram os homens de letras à procura de um meio de fixar, para a imortalidade ou para o olvido, a sua prosa e os seus versos.

Não se sabia se na Rússia a epidemia grassava ou não grassava, porque a cortina de ferro continuava a funcionar com a maior eficiência. Muitos, entretanto, acreditavam que o micróbio destruidor dos papéis impressos e manuscritos estavam também por lá, na sua obra destruidora.

Penso que todos concordarão comigo, em que os dois romances, o do ferro e o do papel, são de grande interesse, sobretudo pela originalidade da invenção. Quanto a saber se é o ferro ou se é o papel que faz mais falta à civilização de nossos dias, isto é história diferente. Julgo, de mim, que é o papel, cuja ausência nos levaria ao caos e só teria a vantagem de talvez evitar os papéis tristes que os civilizados vivem fazendo sem cessar.

GILBERTO DE ALENCAR

Empregamos 48% de sua passagem



na proteção do seu vôo

Trabalhando em base rigorosamente matemática, a Real destina 48% de tôdas as passagens ao serviço de manutenção e à proteção de vôo. É por isso que tem 300 motores de reserva e um estoque de peças que poderão suprir tôda a sua frota durante 5 anos. E é por isso que pode manter, em terra, as maiores oficinas de manutenção da América do Sul... e mais de 167 estações de rádio em contato com seus 120 aviões. Pense bem no que êstes números significam e voe com confiança. Como os passageiros mais exigentes prefira sempre a Real em suas viagens.

**REAL****AEROVÍAS
NACIONAL**

A maior empresa de transportes aéreos da América Latina

O prestígio dos meus

20
ANOS

no êxito de
suas vendas

Prezado Anunciante: Sinceramente, estou envaidecida com a pesquisa realizada entre meus leitores. Senti-me desejada. Terei atrações irresistíveis? Examinam-me toda, imagine! Estranhei, pois me considerava **exclusiva** desse público encantador, as mulheres, mas me habituei, também, ao assédio oftálmico dos homens de bom gosto... E sabe por que me dirijo ao grande Amigo? Eis o segredo: a pesquisa ofereceu-me resultados curiosos. Sou lida por 884.800 pessoas: 51,6% do sexo feminino, 48,4% do masculino. Quanto ao grau de instrução: secundária, 63,2%; superior, 16,4%. Profissões que possibilitam proventos apreciáveis: 45,4% com renda mensal superior a 20 mil cruzeiros, e 35,2% superior a 10 mil. E observe: 57,7% residem em casa própria; 64,5% possuem geladeira; 33,9% têm automóvel particular. Percebeu o ambiente em que vivo? Eis por que o convido a confiar-me sua mensagem — seja para homem ou mulher! Deixe-me mostrar-lhe o prestígio dos meus vinte anos! Conceda-me o privilégio de vender seus produtos!



ALTEROSA